



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES



JULYA GONÇALVES DA SILVA

**A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NOS ANOS FINAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE O USO DO CINEMA NAS
ESCOLAS ESTADUAIS DE OURINHOS**

CURITIBA

2023

JULYA GONÇALVES DA SILVA

**A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NOS ANOS FINAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE O USO DO CINEMA NAS
ESCOLAS ESTADUAIS DE OURINHOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes, junto à linha de pesquisa Experiências e Mediações nas Relações Educacionais em Artes, Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Zeloí Aparecida Martins.

CURITIBA

2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Julya Gonçalves

A linguagem cinematográfica nos anos finais do ensino fundamental: um estudo sobre o uso do cinema nas escolas estaduais de Ourinhos / Julya Gonçalves da Silva, 2023.

170f.

Orientador: Profa. Dra. Zeloí Aparecida Martins
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Paraná –
Programa de Pós-Graduação em Artes

1. Cinema e Educação. 2. Escolas públicas e Estaduais de Ourinhos/SP. 3. Professores e Professoras. 4. Estudantes. 5. Experiência e alteridade. I - Aparecida Martins, Zeloí (orient). II - Título.

ATA nº 12 /2023 - PPGARTES BANCA DE DEFESA

No dia 26 de agosto 2023, às 9h:30 horas, na sala de reuniões do Campus Curitiba II UNESPAR, realizou-se o Banca de Defesa (formato híbrido) do Trabalho Acadêmico intitulado: A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE O USO DO CINEMA NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE OURINHOS. Do/a mestrando/a Julya Gonçalves da Silva, que contou com a presença das professores/as doutores/as, Analigia Miranda da Silva, Daniel Bruno Momoli e Solange Straube Stecz (orientador/a), Zeloi Aparecida Martins, como membros titulares da banca avaliadora. Após a avaliação do Trabalho Acadêmico, a banca deliberou pela APROVAÇÃO da pesquisa. Nada mais havendo a discutir, o Exame de Defesa deu-se por encerrado e eu, professora orientadora e presidente da banca, lavrei a presente ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da banca.

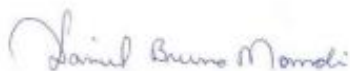
Recomendações: A Banca realizou a aprovação do trabalho de pesquisa da aluna Julya Gonçalves da Silva com destaque: “Aprovado com louvor” e também recomendou a publicação da pesquisa. Para o depósito da dissertação de mestrado foi sugerido pelos membros da banca algumas adequações ao texto.



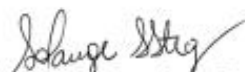
Zeloi Aparecida Martins
Prof.^a Dra. (UNESPAR) – orientador/a



Analigia Miranda da Silva
Prof.^a Dra. (UFMS)



Daniel Bruno Momoli
Prof.^o Dr. (UFPEL)



Solange Straube Stecz
Prof.^a Dra. (UNESPAR)

À minha querida avó, Maria Sueli, com eterno amor e saudades.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho é a materialização de que mais um sonho em minha vida foi realizado, e que agora, chega ao fim. Meu coração transborda de felicidade e orgulho por ter trilhado essa fase tão árdua, mas ao mesmo tempo formidável e gratificante. Finalizo o mestrado certa de que este é o fim de uma etapa para um novo começo, para a vivência de novas experiências. Não seria possível chegar até aqui sem a presença de pessoas tão valiosas e importantes em minha vida. Nessa caminhada, desde que o mestrado era apenas um sonho distante até a sua concretização e finalização, muitas pessoas foram essenciais para que essa vivência se tornasse possível. Com apoio, carinho, estímulos e amor, vocês tornaram meu percurso de pesquisa muito mais significativo. É com muito afeto e respeito que dedico a vocês o meu:

Muito obrigada!

À minha orientadora, Zeloí Martins, professora tão querida e admirada, que caminhou ao meu lado durante todo o processo de escrita. Obrigada por estar presente, pelas contribuições preciosas, pelo carinho e pelo cuidado com as palavras. Foi uma honra vivenciar essa experiência com você, que lapidou este estudo com seu olhar tão cuidadoso.

Aos professores e professoras que participaram deste estudo. Vocês são a alma deste trabalho! Obrigada por me concederem a honra de ouvir cada um de vocês; por compartilharem comigo histórias incríveis, suas práticas pedagógicas, projetos e vivências como educadores/educadoras. Sei que parece redundante, mas sem vocês, essa pesquisa não seria possível. Guardarei todos em meu coração com muito carinho, admiração e respeito.

Aos gestores e gestoras que permitiram a minha entrada nas escolas. Obrigada por me acolherem, por permitirem que esta pesquisa fosse realizada no âmbito de trabalho que vocês coordenam com tamanha destreza e competência.

À professora Analigia Miranda, que esteve ao meu lado quando este projeto era apenas um “embrião”, um sonho meu de recém-graduada em Pedagogia que gostaria de poder vislumbrar seu TCC tornando-se uma dissertação de mestrado. Obrigada pelo seu apoio, por acreditar nesta pesquisa e no meu potencial como pesquisadora. Você será para sempre a minha maior referência de educadora.

Ao professor Daniel Momoli pelos apontamentos e contribuições feitos com tamanha competência e acima de tudo, respeito. Sou grata pelo seu olhar tão cuidadoso e atencioso para com a minha pesquisa. Suas contribuições enriqueceram profundamente este estudo.

À querida e inigualável professora Solange Stecz, por acompanhar esta pesquisa desde que ela era um projeto. Obrigada pelas melhores aulas do Mestrado, pelos conselhos, pela preocupação e por contribuir tanto com esta pesquisa. Ainda espero nosso café da tarde ao lado de Alain Bergala!

À professora Malu. Há seis anos, em uma conversa despreocupada no shopping, você me instigou e me inspirou a seguir na área da pesquisa acadêmica. Aquela conversa transformou os rumos da minha vida. Obrigada por sua ajuda inicial com este projeto!

À professora Letícia, que me acompanhou na etapa de estágio obrigatório. Obrigada pela acolhida, pelos conselhos, pelas conversas formidáveis e por ser tão gentil comigo durante todo o processo. Você é incrível!

À minha professora da Educação Infantil, Juliana, e à minha professora do Ensino Fundamental, Eva. Eu não imagino em que lugar do mundo vocês estejam hoje, talvez não se lembrem de mim, mas gostaria de deixar registrado aqui a minha eterna gratidão.

Aos meus professores e professoras da Graduação e Mestrado. Neste trabalho, existe um pouco da contribuição de cada um de vocês. Gratidão a todos!

Ao meu pai Reinaldo, por me acompanhar arduamente todos os dias durante meses, nas visitas às escolas e entrevistas com os professores. Você é o homem da minha vida! Que felicidade ter você me acompanhando durante esta jornada tão importante para mim. Esta pesquisa também é sua, meu pai! Gratidão.

À minha querida mãe, Jozeli, por sempre acreditar em mim! Você nunca duvidou de que eu seria capaz. Obrigada por se emocionar ao meu lado a cada conquista de minha vida, por me apoiar, por me dar seu amor e amizade inigualáveis. Você sabe que é a pessoa mais importante deste mundo para mim.

À minha avó, a qual dediquei esta dissertação, por ser a mulher que mais admiro neste mundo. Você sempre me incentivou a estudar, a ser independente, resiliente e a persistir em

meus sonhos. Sei que para você, a coisa mais importante deste mundo era ver a minha formatura, você sempre me dizia isso. Esteja onde estiver minha querida avó, Maria Sueli, saiba que sua neta foi além do que você sonhava. Sei que me vê com orgulho e admiração. Esta pesquisa é para você!

À minha tia Maria José, por tanto amor e carinho, por cuidar tão bem de mim na minha infância, por ser a minha segunda mãe. À minha tia Lurdes, por ser exemplo de afetuosidade e generosidade. Ao meu tio Roberto, por ser o segundo homem da minha vida, meu exemplo de esforço, dedicação e humildade. Ao meu tio Valdinei, por ser meu exemplo de resiliência.

Às minhas primas, Isabella, Maria Fernanda e Edilaine. Vocês são as minhas irmãs do coração!

Aos meus amigos do Sesi, em especial: Pâmela, Laís, Carol e Ezequias. Parceiros de trabalho, presentes que a vida me trouxe embrulhados em grandes laços com diamantes. Pâmela, minha irmã de alma e de coração, obrigada por compartilhar comigo parte desta trajetória, por ser minha maior conselheira, por estar ao meu lado nos momentos bons e ruins da vida adulta. Sua amizade, força e carinho deram-me suporte para finalizar esta etapa. Laís, que sempre esteve pronta para dizer as palavras certas, na hora certa. Lembro-me de todas as vezes que você, minha amiga, me incentivou a continuar e a ser resiliente. Carol, minha parceira de turma, minha amiga. Tenho aprendido tanto com você! Obrigada pelo apoio, carinho e sensibilidade. Ter sua companhia todos os dias têm sido a parte boa da vida de trabalhadora. Ezequias, meu parceiro de festas, choros e alegrias. Obrigada por ser esse amigo tão gentil e amoroso. Sua energia transcende as melhores coisas desse mundo!

Às minhas queridas amigas do ensino fundamental e médio: Cátia e Carol. Ao lado de vocês eu vivenciei as experiências mais doces e belas. Obrigada por serem as melhores amigas que o universo poderia me dar. Eu amo vocês e sinto saudades!

Às minhas amigas de faculdade, mulheres incríveis que a UENP colocou em minha vida: Brisa, Luana, Anne, Ana e Luciana. Obrigada por muitas vezes, mesmo distantes, me incentivarem com palavras de carinho, força e doçura. Sou eternamente grata pela amizade de todas vocês!

Ao Matheus Dias, por estar ao meu lado no início desta jornada. Obrigada por acreditar em mim e nesta pesquisa, a qual você acompanha há tanto tempo, com admiração e respeito. Esta trajetória se tornou real a partir do seu "Parabéns, Mestranda!". Gratidão!

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus alunos e alunas. Ser educadora em nosso país é um grande desafio, pois as dificuldades são constantes. Mas o amor que vocês doam a mim todos os dias é parte do sentido que dou à minha vida. Aos meus estudantes, a todos aqueles que passaram pela minha vida, que me escreveram cartinhas de amor, que me abraçaram, que se sentiram protegidos ao meu lado, gratidão! Em especial, gostaria de agradecer aos alunos e alunas da Turma da Fantasia, que estiveram comigo no início desta jornada e que foram a minha primeira turminha. Levo vocês em meu coração para sempre! E ao meu atual 2º ano A, essa turma carinhosa, linda, querida e que alegra todos os meus dias. Vocês não imaginam o quanto é bom ter vocês em minha vida. Eu os amo profundamente!

Com o tempo, percebi que, para mim, o cinema foi mais do que um refúgio.

François Truffaut (1990, p. 19).

RESUMO

A presente pesquisa tem como finalidade discutir sobre o uso do cinema no contexto escolar, enfatizando sua natureza como linguagem artística, frequentemente negligenciada. Dessa forma, este estudo tem como intuito analisar as possibilidades de apresentação de filmes no espaço educacional em diferentes áreas do conhecimento, pensando o cinema a partir dele mesmo e na sua interface com a escola. Para isso, realizamos uma pesquisa de campo em cinco escolas públicas e estaduais do município de Ourinhos/SP, onde entrevistamos 12 educadores e educadoras que atuam nos anos finais do ensino fundamental. O objetivo geral é investigar e analisar de que forma o cinema, está presente nas práticas pedagógicas de professores e professoras dos anos finais do ensino fundamental, de escolas públicas e estaduais do município de Ourinhos. A partir disso, levantamos a seguinte problemática: de que maneira as práticas pedagógicas de educadores e educadoras de diferentes componentes dos anos finais do ensino fundamental têm envolvido o cinema, nas escolas da cidade de Ourinhos? O referencial teórico e metodológico voltou-se para a leitura e análise das obras dos seguintes autores e autoras: Alain Bergala (2008), Adriana Fresquet (2013), Rosália Duarte (2002), Marcos Napolitano (2019), Paulo Freire (1996) e Rosa Maria Bueno Fischer (2008). Realizamos a análise dos dados por meio da abordagem de análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977). O estudo se classifica como bibliográfico, de natureza teórico-prática, com abordagem qualitativa e delineamento descritivo-explicativo. A pesquisa utilizou a leitura bibliográfica para construção do referencial teórico-analítico e entrevistas semiestruturadas como técnica de coleta de dados.

Palavras-chave: Cinema e educação; Escola pública; Professores/Professoras; Estudantes.

ABSTRACT

The present research aims to explore the use of cinema in the school context, emphasizing its nature as an artistic language that is often neglected. Thus, this study intends to analyze the possibilities of presenting films in the educational space in different areas of knowledge, considering cinema in itself and its interface with the school. For this purpose, we conducted a field research in five public and state schools in the municipality of Ourinhos/SP, where we interviewed 12 educators who work in the final years of elementary education. The general objective was to investigate how cinema is present in the pedagogical practices of teachers in the final years of elementary education in public and state schools in the municipality of Ourinhos. Based on this, we raised the following problem: How do the pedagogical practices of educators from different disciplines in the final years of elementary education involve cinema in the schools of the city of Ourinhos? The theoretical and methodological framework focused on the reading and analysis of works by the following authors: Alain Bergala (2008), Adriana Fresquet (2013), Rosália Duarte (2002), Marcos Napolitano (2019), Paulo Freire (1996), and Rosa Maria Fischer (2008). Data analysis was conducted using the content analysis approach proposed by Bardin (1977). The study is classified as bibliographic, of a theoretical-practical nature, with a qualitative approach and a descriptive-explanatory design. The research used bibliographic reading for the construction of the theoretical-analytical framework and semi-structured interviews as a data collection technique.

Keywords: Cinema and education; Public school; Teachers; Students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A chegada do trem a estação, dos irmãos Lumière.....	52
Figura 2 – Exemplo de Storyboard.....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As quatro ações fundamentais da escola.....	58
Quadro 2 – Componentes fundamentais do gesto de criação cinematográfica.....	69
Quadro 3 – Roteiro de entrevista com professores/professoras.....	81
Quadro 4 – Perfil dos professores/professoras participantes.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Escolas públicas e estaduais participantes da pesquisa.....	85
--	----

LISTA DE SIGLAS

ACF – Articulação e combinação de fragmentos
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CEP – Comitê de ética em pesquisa
CNE – Conselho Nacional da Educação
COVID-19 – Doença do coronavírus 2019
DERO – Diretoria de ensino de Ourinhos
DVD – Disco Original Versátil
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCE – Instituto Nacional do Cinema Educativo
LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PD – Plano detalhe
PG – Plano geral
PPP – Primeiríssimo Plano
SESC – Serviço Social do Comércio
SESI – Serviço Social da Indústria
SOCINE – Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual
SP – São Paulo
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
TCT – Temas contemporâneos transversais
TV – Televisão
UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná
UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – O CINEMA NA ESCOLA	26
1.1 EXPLORANDO O POTENCIAL TRANSFORMADOR: A SÉTIMA ARTE COMO POSSIBILIDADE DE EXPRESSÃO DE UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA E EMANCIPADORA.....	26
1.2 ASPECTOS LEGAIS DO CINEMA NA ESCOLA.....	30
1.3 OS DESAFIOS DA RELAÇÃO ENTRE O CINEMA E A EDUCAÇÃO.....	36
1.4 ABORDAGENS PEDAGÓGICAS INTEGRANDO CINEMA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS EDUCATIVAS.....	45
CAPÍTULO 2 – O CINEMA COMO ARTE	51
2.1 DESVENDANDO O CALEIDOSCÓPIO CINEMATOGRAFICO: A HISTÓRIA DO CINEMA COMO INSPIRAÇÃO PEDAGÓGICA.....	51
2.2 A HIPÓTESE CINEMA: EDUCAÇÃO E ALTERIDADE.....	56
2.3 A EXPERIÊNCIA DO CINEMA COMO ARTE NA ESCOLA.....	61
2.4 GESTOS CINEMATOGRAFICOS: A EXPERIÊNCIA DE UMA PEDAGOGIA DA CRIAÇÃO.....	67
2.4.1 Da teoria a prática: exercícios de criação cinematográfica na escola.....	72
CAPÍTULO 3 – ECOS DA EXPERIÊNCIA: DESBRAVANDO OS TRILHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	78
3.1 EXPLORANDO OS CAMINHOS DA METODOLOGIA.....	78
3.2 EXPLORAÇÃO INICIAL: DESBRAVANDO O TERRITÓRIO DE PESQUISA.....	82
3.3 DESCOBRINDO O UNIVERSO DOS PROFESSORES E PROFESSORAS: NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO DE TROCAS.....	87
CAPÍTULO 4 – EM BUSCA DE SENTIDOS: UMA JORNADA DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	92
4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	92
4.2 REFLEXOS E ENCANTOS: OS RASTROS DO CINEMA NA TRAJETÓRIA DOS PROFESSORES E PROFESSORAS EM OURINHOS.....	94

4.2.1 Abordagem conteudista.....	97
4.2.2 A falta de concentração.....	103
4.2.3 Análises contrastantes da Lei 13.006: reflexões além do consenso.....	108
4.2.4 Classificação indicativa.....	112
4.2.5 Recursos e materiais.....	115
4.3 PARA ALÉM DAS CATEGORIAS ESTABELECIDAS: DESVENDANDO OUTROS CAMINHOS.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICES.....	133
APÊNDICE I – TERMO DE CIÊNCIA DO RESPONSÁVEL PELO CAMPO DE ESTUDO.....	133
APÊNDICE II – PARECER COSUBSTANCIADO DO CEP.....	134
APÊNDICE III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	136
APÊNDICE IV – TERMO E AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ.....	139
APÊNDICE V – FICHA DE DADOS DO PROFESSOR(A) ENTREVISTADO(A).....	140
APÊNDICE VI – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM PROFESSORES.....	141

INTRODUÇÃO

No vasto universo do cinema, encontramos um espaço de encontros e desencontros, de luzes e sombras que se entrelaçam em uma dança mágica. Cada película é uma janela para mundos desconhecidos, para narrativas que ecoam além das palavras e se comunicam diretamente com nossa essência. O cinema nos convida a uma viagem através do tempo e do espaço, desafiando nossa percepção e ampliando nossos horizontes. É nesse palco de imagens em movimento que se entrelaçam diferentes formas de arte. A música se harmoniza com a fotografia, criando trilhas sonoras que ecoam em nossas memórias. A pintura e a escultura ganham vida, transformando-se em personagens que habitam as telas. A literatura se transmuta em roteiros, dando voz aos protagonistas e desafiando a nossa imaginação.

Na escola, o cinema se revela como uma arte capaz de promover múltiplas experiências de aprendizado. Através das narrativas cinematográficas, os estudantes são convidados a explorar diferentes temáticas, a refletir sobre questões sociais e a se conectar com personagens que representam a diversidade humana. O cinema é um convite à empatia, à compreensão, à reflexão crítica e a vivência de experiências com a alteridade. É uma arte capaz de promover o diálogo, a ampliação do repertório cultural e a construção de conhecimentos significativos para os nossos alunos e alunas.

Sempre encontrei no cinema um refúgio, um abrigo, um conforto para a alma e o coração. Meu amor pelo cinema começou na infância, influenciada por meu pai, que sempre comprava filmes e os levava para assistirmos em casa. Minha mãe, uma entusiasta de filmes de terror, também contribuiu para minha preferência pelo gênero. Minha primeira grande memória cinematográfica foi quando, ainda criança, me deparei com as imagens do filme "Beleza Americana", dirigido por Sam Mendes. As cores, as fotografias, os cenários me impactaram demasiadamente. Lembro-me até hoje de olhar para a tela da televisão com admiração, encanto e também certo estranhamento. Parecia que, naquele instante, minha vida tinha sido transformada para sempre. Minhas madrugadas se tornaram intermináveis, assistindo a um filme atrás do outro. Ao lado de meu pai, assisti incansavelmente filmes como "Exterminador do Futuro", era um de nossos programas favoritos. Durante a adolescência, descobri o trabalho do crítico de cinema Tiago Belotti, que me mostrou que o cinema não era apenas entretenimento, mas uma forma de arte com elementos e técnicas capazes de transmitir informações valiosas.

Ao ingressar na faculdade de Pedagogia, descobri uma segunda paixão: a educação. Desde o momento em que entrei em uma sala de aula, soube que aquele era o meu lugar. No

entanto, os filmes ainda ocupavam um lugar importante em minha vida, e foi então que descobri como poderia unir o cinema à educação. Desde então, tenho feito exatamente isso. Meus alunos e alunas sempre me reconheceram como a professora apaixonada por cinema, aquela que proporcionava e proporciona a eles(as) experiências com a sétima arte na escola.

Assim, durante toda a minha trajetória como educadora, levei um pouco da minha paixão pelo cinema para as salas de aula da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, desenvolvendo projetos com os estudantes e promovendo espaços de criação e experimentação cinematográfica. Quando ainda atuava como estagiária no SESC (Serviço Social do Comércio), em Jacarezinho, elaborei um projeto sobre cinema, na educação infantil, no qual produzimos um curta-metragem que foi apresentado a todas as turmas e funcionários da instituição. Foi a minha primeira experiência com a produção de filmes na escola. Após me formar, lecionei o componente curricular de arte em um colégio particular de Jacarezinho por um ano, onde tive a oportunidade de realizar um projeto sobre cinema com alunos e alunas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Atualmente, trabalhando na escola Sesi de Ourinhos, desenvolvi alguns projetos envolvendo o cinema com os estudantes do 6º e 7º ano, um dos mais especiais foi chamado de “A tarde do Oscar”. Os estudantes produziram seus próprios filmes após várias oficinas sobre a linguagem do cinema, ministradas por mim. Ao fim, realizamos “A tarde do Oscar”, onde premiamos os alunos/alunas destaques, baseando-se nas principais categorias do Oscar, a maior premiação de cinema do planeta.

A partir dessas experiências, percebi que os professores e professoras podem ser instigadores para trabalhar com o cinema nas escolas. Para isso, é preciso, primeiramente, “o desejo de quem aprende, sua observação atenta, curiosa e interessada. Além disso, é necessário a continuidade na exposição à arte, contaminada pela paixão de quem a conduz” (FRESQUET, 2013, p. 49). Por isso, enquanto educadora, um dos meus principais objetivos foi promover um encontro significativo entre meus alunos/alunas e o cinema, proporcionando um espaço de afeto, diálogo e escuta, além de oportunidades para criação audiovisual, discussões baseadas em uma leitura criativa dos filmes e momentos de trocas sinceras sobre a jornada individual de cada estudante com as obras exibidas.

Iniciei minha graduação em Pedagogia em 2016 na UENP (Universidade Estadual do Norte do Paraná), na qual tenho muito orgulho de ter estudado. Desde que entrei no meio acadêmico, dediquei-me à pesquisa na área do cinema e educação. Trabalhei em conjunto com colegas e professores(as) para criar e realizar o projeto "Cinema em Movimentos", no qual fazíamos apresentações sobre diferentes movimentos cinematográficos e, em seguida, exibíamos um filme pertencente a cada um desses movimentos. Levamos esse projeto para

todos os cursos de graduação da UENP.

Minha pesquisa de conclusão de curso na graduação abordou a presença do cinema nos anos iniciais do ensino fundamental. Ao lado da minha querida orientadora da graduação, Professora Dra. Analigia Miranda, realizei a pesquisa de campo em uma escola pública de Jacarezinho, com estudantes do 5º ano. Essa foi uma das experiências mais significativas da minha vida: levar a linguagem do cinema para estudantes de uma escola pública afastada do centro, que tinham pouco ou nenhum contato com essa arte. Ao longo de dois meses, desenvolvi práticas voltadas para a experimentação do cinema, desde a exibição de filmes até atividades de criação audiovisual. Os alunos e alunas tiveram a oportunidade de criar suas próprias produções artísticas e, ao final, organizamos a sala de aula para a apresentação e exibição coletiva dos filmes que eles/elas produziram. Essa vivência com a minha pesquisa de conclusão de curso em Pedagogia foi um estímulo para continuar estudando sobre cinema e educação, levando-me a tentar o processo de seleção do Mestrado em Artes na UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná). Meu objetivo era dar continuidade à minha pesquisa de graduação, tendo como público-alvo os professores e professoras.

O cinema esteve presente na escola desde os seus primórdios, porém, na maioria das vezes, como uma ferramenta didático-pedagógica. Sobre essa questão, Kátia Abud (2003, p. 189) afirma que "o filme é mais utilizado como substituto do texto didático ou da aula expositiva, ou ainda é considerado uma ilustração que dá credibilidade ao tema que se está estudando". Bergala (2008, p. 32) questiona, "será que uma instituição como a escola pode acolher a arte (e o cinema) como bloco de alteridade? Esse trabalho cabe à escola? Tem ela condições de fazê-lo?". Diante disso, o autor afirma que a escola pode representar, para a maioria das crianças, o único lugar onde elas podem se deparar com a arte. No entanto, a arte do cinema ainda é apresentada muitas vezes apenas como "recurso pedagógico para ilustrar determinado conteúdo, para preencher o vazio deixado pela ausência de algum professor ou para substituir alguma atividade ao ar livre quando chove" (Fantin, 2006, p. 163). Percebemos, assim, que a linguagem do cinema está presente nas escolas, mas ainda é utilizada na maioria das vezes como um auxílio didático e como um recurso para ilustrar algum conteúdo, algo que se pode afirmar a partir da pesquisa de campo realizada nesta pesquisa.

Não se pode pensar no cinema apenas como um complemento ou ilustração de uma temática, mas sim reconhecer o seu espaço como expressão criativa. Bergala (2008, p. 33) alega que "talvez fosse preciso começar a pensar o filme não como objeto, mas como marca final de um processo criativo, e o cinema como arte". Por essa perspectiva, o cinema também deve ser trabalhado nas escolas com o objetivo de levar à compreensão do seu processo criativo. Quando

apresentada dessa forma, a linguagem cinematográfica abre espaços para uma pedagogia criativa, que possibilita a imaginação, invenção e reinvenção dos estudantes. Fresquet (2013, p. 19) afirma que quando a educação, "tão velha quanto a humanidade mesma, se encontra com as artes e se deixa inundar por elas, especialmente pela poética do cinema, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons".

A partir disso, temos como finalidade discutir o uso do cinema nos anos finais do ensino fundamental em escolas públicas de uma cidade do interior de São Paulo. Além disso, este estudo busca evidenciar a importância de pensar o cinema não apenas sob uma perspectiva conteudista, mas como linguagem que propicia a vivência de novas experiências e processos de criação.

A pretensão desta investigação é identificar de que modo o cinema é abordado em algumas escolas do município de Ourinhos/SP, com base na fala de professores e professoras que atuam nos anos finais do ensino fundamental. Nessa perspectiva, levantamos a seguinte problemática: de que maneira as práticas pedagógicas de educadores e educadoras de diferentes componentes dos anos finais do ensino fundamental têm envolvido o cinema nas escolas das redes públicas de ensino da cidade de Ourinhos?

Dessa forma, a justificativa para a realização deste estudo está centrada nas experiências que vivenciei com o cinema e a educação, bem como na minha proximidade com a temática em questão, o que me leva à necessidade de compartilhar e evidenciar os vários caminhos e possibilidades de trabalho com essa arte, que pode ser utilizada como meio de comunicação, conhecimento interdisciplinar, expressão de sentimentos e pensamentos, potencializando as capacidades cognitivas, perceptivas, criativas, estéticas e psicológicas dos estudantes. Na entrevista "O abecedário do cinema", gravada com Bergala em 2019, o autor afirma que o cinema dá acesso a experiências que as crianças ainda não conhecem ou não vivenciaram. E que isso "significa que o cinema permite às crianças ter uma ideia mais ampla da alteridade do que do seu próprio lugar na vida". Dessa forma, a escola desempenha um papel fundamental na construção da relação entre a criança e a cultura cinematográfica, necessitando proporcionar novas experiências de significação, transformando algumas práticas culturais em momentos de produção de significados.

Acreditamos que ao levar o cinema para a sala de aula, professores e professoras concedem aos seus estudantes um encontro com novas experiências e aprendizagens por meio dessa vivência. Portanto, a justificativa da pesquisa também está voltada para a questão da experiência proporcionada pelo cinema e em como essa experiência é capaz de promover momentos únicos e significativos, despertando a emoção e a curiosidade dos estudantes,

levando a discussões e reflexões sobre diversas questões, algo já vivenciado em meus projetos com o cinema e a educação, realizados com crianças e adolescentes.

Ao pensar na construção de um objeto para esta pesquisa, minha trajetória na educação e proximidade com a linguagem do cinema também tornaram-se fatores determinantes para a delimitação do meu tema e objeto de estudo. Nas relações entre o cinema e a educação estão implícitas questões que considero muito importantes para a formação do ser humano. O cinema na escola pode proporcionar um encontro com a alteridade, como afirma Bergala (2008), um encontro consigo mesmo e com o outro, propiciando novas formas de olhar para si e para o mundo ao seu redor. Diante disso, o objeto de estudo desta pesquisa são as práticas pedagógicas de professores e professoras dos anos finais do ensino fundamental que envolvem o uso do cinema.

Como objetivo geral, definimos investigar e analisar de que forma o cinema está presente nas práticas pedagógicas de professores e professoras dos anos finais do ensino fundamental em escolas públicas e estaduais do município de Ourinhos. Para atender ao objetivo geral deste estudo, traçamos alguns objetivos específicos que foram essenciais para orientar o percurso metodológico. Inicialmente, definimos como objetivo específico mapear as práticas pedagógicas de professores e professoras dos anos finais do ensino fundamental em relação ao uso do cinema. Em seguida, compreendemos a necessidade de descrever diferentes abordagens e estratégias pedagógicas que viabilizem a integração do cinema como uma forma de expressão artística na escola. Por fim, buscamos compreender como a escola pode ser um local de incorporação do cinema enquanto experiência de alteridade e produção de significados, aproximando os/as estudantes dessa linguagem..

Para atender aos objetivos propostos, foram utilizados alguns instrumentos e métodos. Primeiramente, o estudo foi dividido em duas etapas: a primeira trata-se das visitas realizadas no campo de pesquisa e o recorte das escolas participantes. A segunda etapa compreende a realização das entrevistas semiestruturadas para escuta dos professores(as) das instituições participantes da pesquisa. Para a realização das entrevistas, selecionamos apenas os docentes que concordaram em participar do estudo e que utilizam ou já utilizaram de alguma forma os filmes em suas aulas. Além disso, consideramos apenas os educadores(as) que atuam nos anos finais do ensino fundamental. Foram realizadas entrevistas com professores(as) de diferentes componentes curriculares, a fim de observar o uso do cinema nas práticas docentes de diversas áreas do conhecimento. Sabemos que o cinema é utilizado não apenas no componente curricular de artes, mas sim, em todos os outros componentes que compõem a grade curricular dos anos finais do ensino fundamental. Essa compreensão se consolidou ao iniciarmos a pesquisa de

campo, onde descobrimos professores(as) de componentes como Língua Portuguesa, História, entre outras, que relataram sobre alguns de seus projetos envolvendo o cinema.

Para a construção de um diálogo com os objetivos descritos, ancoramos o referencial da pesquisa com base em alguns autores e autoras fundamentais para a discussão do cinema na escola, como Bergala (2008). O pesquisador afirma que nos moldes tradicionais pelos quais a escola funciona hoje, é quase inconcebível pensar em um trabalho com as artes dentro desse formato tradicionalista, mas que mesmo assim, é importante promover o encontro entre os estudantes e as artes, pois o âmbito escolar pode ser o único lugar onde tal encontro possa, de fato, acontecer. Em seu livro "A hipótese cinema", Bergala (2008) discute a presença da arte na escola e afirma que a arte é, por definição, um elemento perturbador dentro da instituição e que, diferentemente do ensino nas escolas, a arte deve ocupar o lugar da regra, da exceção, pois não é possível ensiná-la, mas sim transmiti-la, encontrá-la e experimentá-la. Dentro do âmbito escolar, a arte deve adentrar como um "elemento perturbador", onde precisa ser concebida a partir da experiência do fazer. Nesse sentido, para o autor, é essencial elaborar momentos em que seja possível ensinar sem reduzir o caos provocado pelo gesto de produzir arte na escola.

Adriana Fresquet (2013) propõe pensar o cinema na escola para além de uma dimensão conteudista, afirmando que as possibilidades entre o cinema e a educação estão crescendo cada vez mais e que isso se refere a um "gesto de criação" que permite novas vivências entre os indivíduos e espaços. No livro "Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e fora da escola", a autora evidencia o filme como um objeto de imaginação e criatividade, que se tornou um instrumento tão importante e essencial em nossa contemporaneidade para "aprender e desaprender".

Outra pesquisadora fundamental para o desenvolvimento deste estudo é Rosália Duarte (2002), que nos traz uma reflexão sobre a "pedagogia do cinema", visando a importância que essa linguagem artística tem na formação do indivíduo, afirmando que a prática de assistir filmes é fundamental para a formação cultural e educacional de crianças e adolescentes, uma prática tão importante quanto a leitura e o conhecimento de obras literárias. Em seu livro "Cinema e Educação", a autora aborda o cinema como uma linguagem indispensável para a socialização e introdução do educando/educanda à cultura, evidenciando o importante papel que os filmes têm na formação do ser humano dentro de uma sociedade tão audiovisual como a nossa (DUARTE, 2002).

A professora Rosa Maria Bueno Fischer (2008) traz em suas pesquisas discussões relacionadas ao cinema e a experiência da alteridade. A autora investiga processos de subjetivação na cultura da imagem, concentrando-se nas interações complexas e

interdisciplinares entre mídia, cinema, currículo, arte, discurso e educação. Sua abordagem problematiza questões essenciais, que incluem não apenas uma filosofia e uma educação do olhar, mas também as intrincadas relações entre pensamento e experiência. Para a pesquisadora, a relação de alteridade com o cinema se dá duplamente “não só vemos o filme, mas ele também nos olha. Isso acaba por complexificar fortemente o papel do “eu” e do “outro” (FISCHER, 2016).

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, também consideramos importante trazer a visão de autores/autoras que pensam o trabalho com o cinema a partir de abordagens por componente curricular ou temas transversais. Por isso, a construção do nosso referencial teórico também conta com os estudos de Marcos Napolitano (2019), que, apesar de trazer alguns métodos de trabalho com o cinema de forma conteudista, apresenta diversas instruções para utilizar o filme como um instrumento didático, descrevendo procedimentos de análise fílmica e atividades práticas que podem ser usadas por professores e professoras, especialmente nos anos finais do ensino fundamental. O autor também discute a necessidade que esses professores(as) têm de entender o cinema como "uma linguagem artística, com suas regras de expressão, aparatos técnicos, gêneros, estilos e tradições narrativas" (2009, p. 12). Nesse sentido, as propostas trazidas pelo autor não limitam o uso do cinema como um ilustrador de conteúdos e temáticas, ao contrário, elas ajudam o professor/professora a ampliar sua visão sobre as possibilidades de apresentar o filme em sala de aula, respeitando e valorizando a sétima arte como um recurso lúdico, capaz de potencializar as aprendizagens e experiências dos estudantes.

Organizamos essa pesquisa em quatro capítulos; o primeiro apresenta uma discussão sobre a arte na educação, como foco no nosso objeto de pesquisa, o cinema. Evidenciamos a importância de uma educação libertadora e transformadora, como defendido por Freire, para a construção de espaços de criação e fruição artística, a partir da linguagem cinematográfica. Também buscamos a resposta para a seguinte pergunta: como o cinema pode ser trabalhado nas escolas, a fim de promover experiências significativas para os(as) estudantes? A partir disso, apresentamos algumas práticas pedagógicas que envolvem o cinema na escola, averiguando possíveis abordagens para experimentação do cinema enquanto linguagem artística, potencializador de aprendizagens e momentos de criação. Também discutimos as questões que fazem referência aos aspectos legais do cinema na escola, tendo como foco investigar a presença do cinema em um documento que atualmente é utilizado como base para a educação nacional, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

No segundo capítulo, trazemos discussões sobre a linguagem do cinema, abordando a sua presença na escola como arte, buscando respostas para a pergunta: o que a experiência do

cinema é capaz de propiciar aos estudantes? Além disso, argumentamos sobre a questão da alteridade no cinema, e como essa vivência de se colocar diretamente no lugar do outro através dos filmes pode potencializar a aprendizagem e as experiências dos estudantes na escola. Além disso, expomos algumas possibilidades de se pensar a criação artística no espaço escolar por meio do cinema, propiciando a experiência de uma “pedagogia da criação” em sala de aula. Para isso, evidenciamos algumas práticas pedagógicas que possibilitam o trabalho com a criação cinematográfica na escola.

No terceiro capítulo será tratado o percurso metodológico da pesquisa, descrevendo o procedimento de coleta de dados, realizado em cinco escolas estaduais e públicas no município de Ourinhos. Descrevemos a primeira e segunda etapa do estudo, que consistiu na realização de um primeiro contato com as escolas estaduais da cidade de Ourinhos; e a realização das entrevistas semiestruturadas para a escuta dos 12 professores e professoras das cinco escolas participantes da pesquisa.

No quarto capítulo, fazemos uma análise dos dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores e professoras. As entrevistas foram analisadas com base na Análise de conteúdo (BARDIN, 1994). Para tanto, desvelamos cinco categorias após realização de uma leitura profunda do material coletado. A primeira categoria, definida como “*abordagem conteudista*”, revela e analisa as práticas conteudistas descritas e utilizadas pelos participantes do estudo. A segunda categoria, “*Falta de concentração*”, desvela o receio e uma das principais dificuldades descritas pelos educadores/educadoras entrevistados ao se trabalhar com o filme em sala de aula na contemporaneidade: a falta de concentração. A terceira categoria criada, “*Análise sobre a Lei 13.006: reflexões além do consenso*”, envolve a Lei 13.006 de 2014 e apresenta a opinião dos professores e professoras sobre a aplicabilidade e efetividade da Lei no âmbito escolar. A quarta categoria, “*Classificação indicativa*” trata-se do principal critério elencado pelos educadores e educadoras ao selecionar um filme para apresentar em sala de aula. E a última categoria, “*Recursos e materiais*” analisa uma questão importante para que o trabalho com o cinema na escola aconteça: os recursos e materiais para as projeções dos filmes, bem como as câmeras e computadores necessários para o processo de criação.

Em relação a opção de utilizar o termo "cinema" em vez de "audiovisual" na pesquisa se deve ao fato de que "cinema" possui uma conotação mais específica e precisa, referindo-se diretamente à arte cinematográfica e à experiência única proporcionada por ela. Ao focar no cinema, é possível explorar suas características distintivas, como a linguagem visual, narrativa e estética, que desempenham um papel fundamental na educação e na formação dos estudantes.

Além disso, a escolha do termo "cinema" ajuda a evitar generalizações excessivas e imprecisas que podem ocorrer ao utilizar o termo "audiovisual". O campo do audiovisual é vasto e abrange diversas formas de expressão, como cinema, televisão, vídeo, mídias digitais e outras plataformas de streaming. Ao optar por utilizar o termo "cinema", a pesquisa se concentra em uma área específica e delimitada, permitindo uma análise mais aprofundada e focalizada.

Ademais, o termo "cinema" também evoca uma dimensão mais emocional e sensorial. O ato de ir ao cinema, sentar-se na sala escura, assistir a um filme na telona e compartilhar essa experiência com outras pessoas cria um ambiente imersivo e envolvente, propício para a reflexão, o questionamento e a construção de significados. Essa vivência única e coletiva é parte integrante do cinema e contribui para seu potencial educacional.

CAPÍTULO 1 – O CINEMA NA ESCOLA

“Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência ou tecnologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível”.

(FREIRE, 1996, p. 24)

1.1 EXPLORANDO O POTENCIAL TRANSFORMADOR: A SÉTIMA ARTE COMO POSSIBILIDADE DE EXPRESSÃO DE UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA E EMANCIPADORA

A expressão de Paulo Freire, citada acima, destaca a importância de que o ser humano seja um agente ativo na construção da história, cultura e desenvolvimento do mundo em que vivemos. Para o autor, é impossível estar no mundo sem se envolver nessas atividades essenciais, nos lembrando de que somos seres criativos e transformadores, capazes de sonhar, cantar, pintar, cuidar da natureza, utilizar nossas mãos para criar, filosofar, ter perspectivas sobre o mundo, fazer ciência e tecnologia, ter uma postura de curiosidade diante do mistério, aprender, ensinar, buscar a formação e politizar.

Essas ações citadas por Freire (1996) são essenciais para a nossa própria realização como seres humanos, além de contribuírem para o progresso coletivo e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. A partir delas, podemos refletir sobre o inacabamento de homens e mulheres, bem como possibilidades de uma educação para perceber as bonitezas do mundo, dos espaços ao redor, das trivialidades da vida cotidiana, das relações com o outro e com si próprio. Dessa forma, práticas artísticas como as do cinema – e outras artes – são capazes de propiciar a reflexão do sujeito sobre a sua própria ação no mundo, desenvolvendo uma atitude ética e comprometida diante de suas relações com o outro, em um exercício de alteridade.

Ao longo das últimas décadas a compreensão sobre a arte na educação se modificou, ampliando as possibilidades de trabalhar com a arte na escola. Esse fato nos indica uma evolução no reconhecimento do valor e das possibilidades que a arte oferece no contexto educacional. Antes, a arte era muitas vezes relegada a um papel secundário, vista apenas como um elemento decorativo ou recreativo. No entanto, essa visão limitada tem sido gradualmente substituída por uma compreensão mais abrangente, que reconhece a arte como linguagem capaz de promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Assim, é importante trazermos essa discussão para a pesquisa, entendendo os desafios e a complexidade da educação brasileira na

contemporaneidade. Para isso, evidenciamos autores e autoras que discutem essa temática, refletindo sobre a importância de propiciar ao estudante múltiplas experiências com as artes, em especial, com o cinema.

A presença da arte na educação vai além da busca por aulas mais agradáveis ou divertidas. Ela desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes, oferecendo oportunidades únicas de expressão e conhecimento. Conforme argumentado por Paulo Freire (1996), a arte na educação possibilita a criação de um espaço de diálogo e reflexão, permitindo que os alunos se engajem ativamente na construção do conhecimento. Por meio de formas visuais, sonoras e corporais, os estudantes são desafiados a explorar diferentes perspectivas, a questionar ideias preestabelecidas e a desenvolver habilidades criativas e críticas. Essa abordagem amplia as experiências e as relações de alteridade, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes, empáticos e participativos na sociedade.

O ensino das artes na atualidade opera como um lugar de mediação e aproximação entre a arte e os estudantes, de maneira constante e processual, tendo como objetivo o desenvolvimento de aspectos afetivos, cognitivos, estéticos e críticos de crianças e adolescentes. Dessa forma, em nossa contemporaneidade, um dos principais desafios do professor é o de transformar observadores em participantes.

Ao discutir sobre essa questão, Cohn (2013, p. 182) alega que:

Entendemos essa participação não só no fazer artístico dos alunos, mas também quando estimulamos sua imaginação em direção ao próprio processo criativo vivido pelos artistas. O papel do ensino da Arte, também é trazer à tona a inquietação que mobiliza os artistas quando estão produzindo. Ao invés de apenas revelar o que na obra já se acomodou e foi entendido através dos tempos, o professor deve buscar o que ainda vive na obra, latente e único, para daí propor reflexões e experimentações aos seus alunos – como um investigador, um conscientizador da experiência, um agente provocador.

Além de proporcionar ao estudante momentos que levam a reflexão e experimentação da arte, estimulando seu processo criativo, imaginativo e crítico, o encontro de alunos e alunas com situações estético-afetivo-cognitivas causam uma desconstrução, uma flexibilização e uma restauração de valores, que sucedem de uma experiência inovadora para os educandos e educandas, fazendo com que em um sistema educacional rijo e algumas vezes mecanizado, haja um espaço para a poética, surgindo a partir do contato com a subjetividade, a alteridade, a relação com o outro e a criatividade, propiciado pela vivência e experiência com a arte (COHN, 2013, p. 183).

As recentes metodologias no ensino da arte¹ apontam como principal objetivo a formação de estudantes participativos e críticos, visando o desenvolvimento de práticas transformadoras, que estimulam a expressão e a compreensão de si próprio, ampliando a percepção das suas possibilidades, sensibilidades e a sua relação criativa com o meio. Nessas ações, “sensibilidades são refinadas, distinções fazem-se mais sutis, a imaginação é estimulada e habilidades são desenvolvidas para dar forma sentindo” (EISNER, 2002, p. 24).

Em seus estudos, Freire (1997) discute a importância de pensar o lugar da arte no âmbito escolar, buscando uma educação que propicie uma maior sensibilidade em relação ao mundo que nos cerca, uma educação por meio dos sentidos. Para ele, "estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, as emoções, os desejos, os medos, as dúvidas, a paixão e também com a razão crítica" (FREIRE, 1997, p. 8). Nesse sentido, a arte na educação é capaz de estimular o estudante em relação ao seu processo de sentir e desenvolver sua própria visão de mundo a partir de suas emoções, percepções e sentimentos. É um processo de libertação que torna o estudante mais consciente de si mesmo e dos espaços ao seu redor.

A criação é uma capacidade fundamental do ser humano, que poder ser expressa por meio de todas as linguagens artísticas. Segundo Freire (1979, p. 32), em todo ser humano há um ímpeto criador, e a educação se torna mais autêntica quando melhor “desenvolve este ímpeto ontológico de criar”. O processo criativo propicia ao estudante a descoberta de novos significados, desenvolvendo o seu pensamento crítico. Tais processos interligam-se profundamente com o nosso ser sensível, já que a criação se destaca especialmente no campo da sensibilidade. Para Duarte Junior (2012, p. 73):

Na arte-educação o que importa não é o produto final obtido, não é a produção de boas obras de arte. Antes, a intenção deve recair sobre o *processo de criação*. O processo pelo qual o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo a sua volta.

Assim, é fundamental priorizar os processos de criação ao trabalhar com o cinema e outras linguagens artísticas. É importante proporcionar ao estudante a oportunidade de se

¹ Pensando em uma abordagem metodológica baseada em fazer arte, defendendo a teoria prática em vez da teórica, a professora Ana Mae Barbosa desenvolveu uma proposta voltada para o ensino da arte: a abordagem triangular. A proposta inaugurou no Brasil uma perspectiva que não existia e que depois dela emergiram muitas outras. No início ela era denominada de Metodologia, depois, no final dos anos 1990 Ana Mae escreve um livro chamado “Tópicos Utópicos” em que ela propõe pensar como uma “proposta”, pois ela começava a perceber que estava sendo usado como técnica. Em 2005, Ana Mae começa a chamá-la de abordagem. A abordagem trabalha sob três vértices do ensino/aprendizagem da arte, que envolve o Fazer, Ler e Contextualizar. Ao longo desses mais de 30 anos a própria autora faz muitas críticas aos usos que é feito dessa perspectiva de trabalho com arte na educação.

expressar artisticamente, uma vez que o trabalho artístico está intimamente ligado à manifestação livre de emoções e sentimentos. De acordo com Duarte Junior (2012), o ato criativo ocorre principalmente no nível do "sentir" em vez do nível de "simbolizar". Isso ocorre porque no ato de criação ocorre a movimentação de nossos sentimentos, que, segundo o autor, são confrontados, aproximados e fundidos, para depois serem simbolizados, transformando-se em formas disponíveis para a razão e o pensamento. Portanto, o ato de criação está estritamente ligado aos nossos sentimentos, emoções e intuições.

Por meio de uma proposta de trabalho artístico, o(a) estudante é conduzido ao ato de criação, expressando de forma concreta sua subjetividade e vivenciando experiências subjetivas através da criação, potencializando importantes aspectos do desenvolvimento humano, tais como imaginação, invenção e expressão. Além de proporcionar momentos de livre expressão criativa, o trabalho com a arte na educação também viabiliza o encontro com a experiência estética, onde alunos e alunas se tornam espectadores da obra de arte.

Duarte Junior (2012, p. 58-59) afirma que "na experiência estética suspendemos nossa percepção analítica, racional, para sentir mais plenamente o objeto". Segundo o autor, permitimos que nossos sentimentos fluam livremente, sem transformá-los em conceitos ou palavras; sentimos o objeto, mas não o pensamos. Nesse sentido, durante essa experiência, ocorre uma suspensão da vida cotidiana e uma quebra das regras da realidade. Para ilustrar seus argumentos sobre o assunto, o autor utiliza o exemplo da experiência estética que vivenciamos ao assistir a um filme no cinema.

Entramos no cinema e nos sentamos. As luzes se apagam e inicia-se a projeção. De repente estamos envolvidos com uma "outra realidade", que nos faz, momentaneamente, esquecer a nossa. Deixa-se de lado o aluguel atrasado, a conta de luz, a porta que se deve consertar, a certidão que precisa ser providenciada, para se vivenciar o filme. Agora estamos *sentindo* a raiva do herói diante dos invasores, *sentindo* o medo da emboscada, a ternura do amor entre mãe e filho. Agora estamos vivendo uma experiência estética – deixamos o nosso cotidiano em suspenso, e a ele apenas retornaremos ao final da sessão. É claro que, no fundo, não nos abandona a consciência de que somos apenas um espectador sentado no cinema; não perdemos a consciência de nossa individualidade e realidade. Perder essa certeza e confundir-se integralmente com o que está sendo projetado equivaleria à loucura, à esquizofrenia. O cotidiano não está "perdido", mas foi "colocado entre parênteses" – deixou de ser o mais importante, naquele momento.

Dessa forma, o autor destaca que essa experiência estética tem a capacidade de nos envolver e nos fazer esquecer temporariamente as demandas e responsabilidades da vida cotidiana. Ao mergulharmos na história que está sendo projetada na tela, experimentamos uma imersão emocional que nos permite sentir a raiva, o medo, a ternura e outros sentimentos

vividos pelos personagens. Essa suspensão momentânea da realidade é o que torna a experiência estética tão significativa. Ao colocar o cotidiano entre parênteses durante a sessão de cinema, não estamos perdendo de vista nossas preocupações e responsabilidades, mas sim dando-lhes um breve respiro. É um momento de escape e introspecção, permitindo-nos explorar novas perspectivas, questionar nossas próprias emoções e, eventualmente, retornar ao mundo real com uma visão renovada (DUARTE JUNIOR, 2012).

Essa discussão levanta questões importantes sobre o poder do cinema como uma forma de arte que nos transporta para além da realidade cotidiana. Assim, o cinema pode influenciar nossa percepção da realidade, despertar nossas emoções e nos permitir explorar diferentes facetas da experiência humana. Ao nos envolvermos com a "outra realidade" projetada na tela, somos convidados a ampliar nossa compreensão do mundo e a abraçar a diversidade de experiências que a arte cinematográfica oferece.

1.2 ASPECTOS LEGAIS DO CINEMA NA ESCOLA

Na contemporaneidade, a educação em nosso país é normatizada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento que busca a uniformização da educação, a padronização dos currículos e a homogeneização das práticas escolares. O documento tem gerado muitas discussões e polêmicas quanto à sua aplicabilidade em sala de aula. Para muitos, a BNCC representa um retrocesso para a educação brasileira, por caracterizar-se como uma normativa que busca a hegemonia das práticas escolares, procurando moldar os estudantes ao mercado de trabalho, em detrimento de uma educação que visa à promoção de uma formação humana emancipatória. Além disso, essa uniformização pode desconsiderar as especificidades regionais, culturais e sociais de cada local, limitando a autonomia das escolas e de professores e professoras na elaboração de seus projetos educativos.

Sobre essa questão, Pina e Gama (2020) afirmam que, neste documento, prevalece o utilitarismo, estendendo-se à promoção de competências essenciais para a resolução de ações do dia a dia e do mundo do trabalho, estimulando o autocuidado, as relações interpessoais, a versatilidade e a resiliência.

Na BNCC, a arte foi rebaixada a um subtema, e os conteúdos são considerados unidades temáticas. Além disso, em um documento normativo para as redes de ensino, é importante ressaltar que o cinema não é abordado como uma linguagem artística separada, mas sim integrado dentro da unidade temática das artes visuais. Isso pode ser considerado uma limitação, pois o cinema possui características distintas e uma história própria como forma de expressão

artística. Sua inclusão apenas como parte das artes visuais pode não proporcionar uma abordagem aprofundada e específica sobre essa linguagem cinematográfica.

Diferentemente dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN²), na BNCC, o ensino das artes é separado pelas unidades temáticas: teatro, dança, artes visuais e música. Além dessas, o documento também apresenta uma quinta unidade temática chamada "artes integradas", que tem como propósito fazer com que os alunos explorem as relações entre as distintas linguagens artísticas e suas práticas, propiciando que o estudante vivencie durante uma mesma proposta as visualidades, espacialidades, teatralidades e musicalidades da arte (BARBOSA; SHLUZE, 2018). Sobre essa questão, o documento pontua que:

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a performance (BRASIL, 2018, p. 192).

Percebe-se que há uma preocupação em relação ao desenvolvimento de um trabalho que pense as linguagens artísticas não apenas de modo individual, mas a partir de uma relação e diálogo entre elas. Porém, ao observarmos detalhadamente o componente curricular Arte, presente no documento, encontramos apenas uma habilidade que envolve o cinema (EF69AR03), na unidade temática de artes visuais. Essa habilidade visa "analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.), gráficas (capas de livros, ilustrações de textos diversos etc.), cenográficas, coreográficas, musicais etc." (BRASIL, 2018, p. 2003). Portanto, embora exista essa habilidade, ela não tem a intenção específica de propiciar um trabalho direcionado à linguagem cinematográfica, mas sim de identificar a integração das artes visuais em diferentes mídias audiovisuais.

Já no quadro de competências específicas de Arte para o ensino fundamental, encontramos a seguinte competência: "compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, incluindo aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de

² Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram documentos elaborados anteriormente à implementação da BNCC. Eles foram produzidos com o objetivo de orientar os currículos das escolas, fornecendo diretrizes e sugestões pedagógicas para o ensino de diversas áreas do conhecimento. No entanto, com a entrada em vigor da BNCC, os PCN perderam sua vigência como documento normativo nacional. Apesar disso, professores e professoras podem utilizar o documento como orientação de suas práticas, desde que estejam em consonância com a BNCC.

produção, na prática de cada linguagem e em suas articulações" (BRASIL, 2018, p. 198). Ou seja, não há nenhuma habilidade ou competência que busca abordar o cinema como uma experiência específica, nem uma prática que vise o conhecimento da linguagem cinematográfica e seus elementos.

Encontramos o cinema dentro de outros componentes curriculares da BNCC, como o componente de língua portuguesa e língua inglesa, nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). Uma das cinco habilidades de língua portuguesa que envolve o cinema é a (EF89LP34), que busca "analisar a organização de textos dramáticos apresentados no teatro, televisão, cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral, novela, filme, etc." (BRASIL, 2018, p. 146). No componente de língua inglesa, encontramos duas habilidades envolvendo o cinema. A primeira (EF07LI04) visa "identificar o contexto, a finalidade, o assunto e os interlocutores em textos orais presentes no cinema, internet, televisão, entre outros" (BRASIL, 2018, p. 248). A segunda habilidade (EF08LI18) tem como intuito "construir repertório cultural por meio do contato com manifestações artístico-culturais vinculadas à língua inglesa (artes plásticas e visuais, literatura, música, cinema, dança, festividades, entre outros), valorizando a diversidade entre culturas" (BRASIL, 2018, p. 255).

A partir disso, percebe-se que, dentro de um documento que serve para nortear as práticas de professoras e professores, além de orientar o currículo escolar, o cinema não é colocado, em nenhum momento, como uma linguagem a ser experienciada, mas sim como um suporte para a aprendizagem de conteúdos de algumas disciplinas.

Sobre a BNCC não abordar o cinema dentro do componente curricular de Arte, de maneira específica, a Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) elaborou uma carta aberta ao MEC (Ministério da Educação e Cultura), escrita pelo presidente da sociedade Cezar Migliorin, argumentando que:

Dentro do texto preliminar do BNCC o componente curricular ARTE parte de uma grande área chamada linguagens. Dentro desta área as artes foram divididas em quatro grandes eixos: "artes visuais, dança, teatro e música", conforme as licenciaturas específicas em arte, desconsiderando a Licenciatura em Cinema e Audiovisual (Resolução do CNE n. 10, de 27 de junho de 2006) e excluindo completamente o cinema como uma arte específica. Foi essa subdivisão que nos trouxe uma primeira preocupação. Junto à todos esses subcomponentes da área de artes nos parece fundamental que esteja também o cinema. Esta atenção e necessidade não existe apenas porque trabalhamos e pesquisamos cinema e estamos atentos aos seus destinos, mas porque o cinema está intensamente presente na escola e na sociedade e, no momento da construção de uma base nacional para o currículo do ensino infantil, médio e fundamental as questões, contribuições e potenciais do cinema na escola não podem ser excluídos. Disponível em: <https://www.socine.org/2016/03/socine-se-posiciona-sobre-a-inclusao-do-cinema-e-audiovisual-na-base-nacional-curricular>

Na carta, percebemos um apelo à necessidade de evidenciar o cinema como uma linguagem que contribui para o desenvolvimento de alunos e alunas, enfatizando aspectos como a construção da identidade pessoal e cultural, a vivência de experiências sensíveis e simbólicas proporcionadas pelo trabalho com a linguagem cinematográfica e o desenvolvimento da imaginação. Além disso, o cinema propicia uma ampla versatilidade de conteúdos, assim como um trabalho com a leitura de filmes e a criação audiovisual. Essas práticas auxiliam na produção de novos conhecimentos e experiências. Esses aspectos são enfatizados na carta, que é finalizada com uma observação necessária sobre a inclusão do cinema como um eixo específico no componente de arte.

No nosso entender, a BNCC deveria incluir um eixo Cinema e Audiovisual dentro do componente curricular artes, só assim garantiremos uma formação consistente em uma área decisiva da cultura contemporânea, além de uma experiência e uma habilidade em uma dimensão central das linguagens no mundo atual. Disponível em: <<https://www.socine.org/2016/03/socine-se-posiciona-sobre-a-inclusao-do-cinema-e-audiovisual-na-base-nacional-curricular-comum/>>. Acesso em: 25 março. 2023.

Assim, a carta aberta direcionada ao MEC é finalizada com um apelo para a inclusão de um eixo específico no componente de Arte, que pense práticas voltadas para experiências e aprendizagens sobre a linguagem do cinema. A inclusão de um eixo Cinema e Audiovisual na BNCC dentro do componente curricular de Artes é essencial para uma formação consistente na área, considerando a relevância dessas linguagens na cultura contemporânea e a importância de proporcionar experiência e habilidade nessa dimensão central das linguagens no mundo atual.

Essa demanda ganha visibilidade com a Lei nº 13.006/2014, de autoria do senador Cristovam Buarque, que tornou obrigatória a exibição de no mínimo duas horas mensais de filmes nacionais na escola para os estudantes. Assim, o cinema passa a ser um Componente Curricular Complementar integrado à proposta pedagógica da escola. De acordo com Fresquet e Migliorin (2015), o projeto de criação dessa Lei enfrentou resistências e debates, incluindo discussões sobre se a exibição desses filmes nacionais deveria fazer parte do currículo complementar integrado à proposta pedagógica da escola ou do conteúdo programático do componente curricular de arte, tornando a exibição dos filmes um indicativo, e não uma obrigatoriedade. A Lei, em vigor, acrescenta ao 6º parágrafo do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96, que "a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo sua exibição obrigatória por no mínimo duas horas mensais" (BRASIL, 2014).

A criação dessa Lei pode ser considerado um passo importante para a introdução do

cinema na escola. No entanto, é preciso refletir quais os melhores instrumentos e critérios para utilizá-la. Para Stecz e Comoti (2018), o cenário atual aponta que grande parte dos(as) estudantes desconhecem esse assunto, e não há qualquer divulgação ou implementação da Lei por parte das secretarias de educação, o que ocasiona a privação do acesso, experiências e debates sobre o cinema brasileiro.

De acordo com Barbosa e Schulze (2018), muitas questões acerca dessa lei precisam ser discutidas e entendidas, como por exemplo: Quem deve ficar responsável pelas exibições e mediação dos filmes nacionais apresentados? Isso não é deixado claro no documento, assim como quais os objetivos pedagógicos necessitam ser obtidos a partir dessas exibições. Outro ponto importante é pensar como o filme será trabalhado, a partir de suas características, onde a linguagem técnica da obra é priorizada? Ou como um instrumento pedagógico que dará suporte para algum conteúdo de uma determinada disciplina?

A partir disso, percebe-se que há muitas questões a serem compreendidas em relação a essa Lei, pois a obrigatoriedade em si não garante sua efetivação. É necessário levantar algumas problematizações importantes para avaliar se a escola e a equipe pedagógica estão preparadas para aplicá-la. Será que a escola possui os recursos necessários para a exibição desses filmes, como projetores, sala de vídeo, caixas de som e outros equipamentos técnicos? E quanto aos filmes, há um acervo de filmes nacionais disponível para a seleção das obras? Como será feita a seleção e os critérios utilizados? Os estudantes participarão dessa escolha? Como podemos capacitar os professores para o uso do cinema em sala de aula?

Pinheiro (2015, p. 79) sugere que seria fundamental pensar em uma "rede de troca de experiências e formação em cinema por meio do próprio cinema. [...] É necessário ter acesso ao capital cultural cinematográfico mundial, discutir sobre eles e prestar atenção às questões formais". Segundo a autora, a Lei 13.006 pode representar um avanço nas relações entre o cinema e a educação. No entanto, sua aplicabilidade apresenta muitos desafios. Para que a Lei realmente alcance seus objetivos, é necessário proporcionar aos estudantes um momento de fruição e análise da obra, promovendo debates mediados com o intuito de compartilhar as experiências e opiniões de educandos e educandas em relação aos filmes exibidos.

Além disso, outras sugestões para aplicação desta Lei devem ser consideradas. De acordo com Fresquet e Migliorin (2015), é fundamental disponibilizar um acervo diversificado de filmes, permitindo a escolha criteriosa das obras a serem exibidas, levando em conta os aspectos pedagógicos e culturais. Além disso, é importante garantir uma infraestrutura adequada nas escolas, incluindo uma sala de projeção e equipamentos de qualidade, para que a experiência cinematográfica seja plenamente vivenciada pelos estudantes.

Ressaltamos também a importância da formação dos professores e professoras para que possam compreender a linguagem cinematográfica e explorar seu potencial pedagógico em sala de aula. A capacitação dos docentes nesse sentido possibilita o uso do cinema como recurso educativo, promovendo a análise crítica e o desenvolvimento da criatividade dos estudantes (XAVIER, 2017). Uma das maneiras de concretizar essa formação é por meio de programas de capacitação e atualização profissional. Instituições de ensino, secretarias de educação e organizações especializadas podem oferecer cursos, oficinas e workshops que abordem a utilização do cinema como recurso pedagógico. Essas formações podem contemplar aspectos teóricos e práticos, abordando desde os fundamentos da linguagem cinematográfica até estratégias de mediação e análise de filmes. Além disso, é válido incentivar a troca de experiências entre os próprios educadores. Criar espaços de diálogo e colaboração, como grupos de estudo, fóruns online ou redes de compartilhamento de práticas pedagógicas, possibilita que estes educadores compartilhem conhecimentos, reflexões e materiais relacionados ao uso do cinema na educação. Essa interação entre pares estimula o aprendizado contínuo e fortalece o desenvolvimento profissional.

Muitas são as perguntas a serem respondidas em relação a como fazer com que essa Lei, de fato, seja cumprida no âmbito escolar. Sobre essa questão, Stecz e Comoti (2018, p. 14) explicitam seus pressupostos:

A Lei traz desafios que devem fazer parte da pauta de discussão da sociedade, para construção de políticas públicas de Estado, nas áreas da educação e da cultura. São questionamentos que precisam estar em amplo debate nacional com a participação de todos os envolvidos. Sob pena de favorecimento de grupos, estéticas e da exclusão de produções, restritas à festivais, cinematecas, cineclubes que não tem poder econômico para sua visibilidade e são desconhecidas de grande parte do público.

Apesar de haver muitas questões que precisam ser vistas e discutidas em relação à aplicabilidade dessa Lei, é necessário enfatizar as vantagens que são trazidas por ela. Um dos grandes benefícios é a ampliação cultural proporcionada aos alunos por meio das exibições de diferentes tipos de filmes, garantindo-lhes o acesso a obras nacionais que muito provavelmente eles não teriam contato fora da escola. Isso também é uma forma de valorizar e difundir a cultura à qual fazemos parte, pois, a partir do cumprimento dessa Lei, garantimos o acesso ao cinema brasileiro nas escolas. Nesse sentido, o papel do professor é mediar as experiências e relações dos alunos com as obras, criando espaço para uma significativa apropriação dos filmes nacionais e buscando propiciar um conhecimento estético e cultural (ANDRADE, 2017).

Diante do exposto, observamos que a BNCC, documento que estabelece diretrizes para

a educação no Brasil, menciona o cinema de forma superficial e o considera apenas como um recurso educacional. No entanto, acreditamos que o cinema deveria ser tratado como um eixo de aprendizagem específico no componente curricular de arte. Dessa forma, os estudantes teriam a oportunidade de explorar essa linguagem artística de forma mais aprofundada, com acesso a diversas obras cinematográficas e vivências enriquecedoras.

Além disso, levantamos questões relevantes em relação à Lei 13.006/2014, que embora seja uma forma de difundir a cultura cinematográfica brasileira, ainda possui lacunas e desafios a serem enfrentados. É preciso considerar que a simples existência da lei não é suficiente, pois demanda recursos e ferramentas adicionais para que seja efetivamente aplicada no dia a dia dos estudantes.

1.3 OS DESAFIOS DA RELAÇÃO ENTRE O CINEMA E A EDUCAÇÃO

É necessário refletir sobre os desafios que envolvem a relação entre o cinema e a educação, considerando a experiência da criação. Dessa forma, os alunos/alunas podem se apropriar do conhecimento por meio da prática de expressar seus sentimentos e pensamentos, o que potencializa sua capacidade cognitiva, perceptiva, criativa, estética e psicológica. A educação é um processo contínuo, que só pode ser garantido por meio da experiência. É através dessa vivência que os estudantes se tornam não apenas receptores do conhecimento, mas também geradores do mesmo.

Nesse sentido, é importante considerar uma educação que valorize a diversidade presente nos alunos e alunas, levando em conta seu contexto de vida, ideias, vivências e opiniões. Isso requer o estabelecimento de um diálogo constante entre educador e educando, como defendido por Freire (1996), pois o diálogo é a base de uma educação voltada para a liberdade. Além disso, é essencial promover uma educação aberta à criação, que permita ao estudante aprender não apenas por meio da teoria, mas também por meio de práticas libertadoras, inovadoras e transformadoras. Barbosa (2004, p. 204), alega que uma educação que busca práticas libertadoras deve:

[...] propor-se a contribuir para a edificação de uma sociedade que represente os interesses da grande maioria dos sujeitos que a compõe, canalizando esforços para o fortalecimento de um modelo que valorize o ser humano enquanto ser social. O projeto libertador desafia o educando a agir nas mentalidades, vencendo o senso comum que permeia o espaço da escola, incentivando o desenvolvimento de uma consciência crítica indagadora num processo infinito pela busca de respostas, num compromisso que parta de dentro dos sujeitos no sentido de avançar para um pensamento que, valorizando o saber e a memória, possam decodificar o ideário da elite.

A perspectiva de uma educação libertadora foi proposta pelo educador e filósofo brasileiro Paulo Freire. Segundo ele, essa abordagem educacional é fundamentada no diálogo entre professor(a) e aluno(a), visando fornecer conhecimentos culturais essenciais para promover uma prática social concreta e transformadora. Dentro dessa perspectiva, o professor/professora tem a responsabilidade de proporcionar ao estudante uma educação que seja conscientizadora, estética e criativa, buscando formas de desenvolver sua criatividade e reflexão crítica. Segundo Freire (1996), a educação, quando praticada como uma busca pela liberdade, desempenha um papel essencial na construção de uma consciência crítica e na transformação da sociedade. Ele ressalta que a verdadeira liberdade humana só será alcançada quando as pessoas deixarem de ser dominadas, isoladas, soltas e desconectadas do mundo.

De acordo com Freire (1996), o diálogo é fundamental para o desenvolvimento da conscientização e para formar cidadãos capazes de transformar a realidade social. Esse diálogo entre professores(as) e alunos(as) deve ser baseado na liberdade, permitindo que todos se expressem e compartilhem experiências. Valorizar os conhecimentos e vivências dos estudantes é de extrema importância, pois isso se torna o ponto de partida para a construção de novos saberes.

Nesse contexto, uma educação libertadora só é possível se a escola criar um ambiente propício para o diálogo crítico, incentivando os estudantes a expressarem seus pensamentos, vivências, anseios e dúvidas, bem como a interpretação do mundo que cada um possui. O autor defende a utilização da leitura da realidade feita por cada indivíduo, criando oportunidades para modificá-la e aprofundá-la. Em relação aos alunos e suas experiências, argumenta-se que:

Na maioria dos casos, trazem consigo suas opiniões sobre o mundo, sobre a vida. Trazem consigo seu conhecimento em nível de conhecimento. Ao mesmo tempo existem níveis de conhecimento sobre os fatos que eles já sabem, que revelam outra maneira de saber, que podem nos dar um conhecimento muito mais preciso dos fatos. Esse é um direito que as pessoas têm, é o que chamo de direito de saber melhor aquilo que elas já sabem. Saber melhor significa precisamente, ir além do senso comum, a fim de começar a descobrir a razão de ser dos fatos (FREIRE; HORTON, 2003, p. 158-159).

Nessa perspectiva, notamos a importância do desenvolvimento do diálogo em sala de aula, pois por meio dele, é possível proporcionar aos estudantes um espaço para expressar sua visão de mundo e suas vivências, além de promover a troca de opiniões e discussões que levam a reflexões significativas. Isso contribui para aprofundar conhecimentos e ampliar a compreensão da realidade de cada um. Também é uma oportunidade para que os estudantes construam novos saberes, reflitam e problematizem acontecimentos que vão além dos muros da

escola, estimulando uma postura crítica diante da sociedade.

Segundo Freire (2017), além de compreender a importância do diálogo para a promoção de uma educação libertadora e transformadora, é fundamental que o(a) educador(a) entenda que ensinar não consiste em transferir conhecimento, mas sim em desenvolver possibilidades para sua própria produção. Além disso, é necessário que o professor ou professora esteja aberto às dúvidas e curiosidades dos estudantes, estimulando, assim, sua criatividade. Para o autor, ensinar não se resume a transferir a inteligência do objeto para o estudante, mas sim a motivá-lo a adquirir a capacidade de compreender e transmitir o conhecimento por si mesmo. Nessa abordagem, o objetivo é estimular o estudante a se tornar um sujeito ativo no processo de aprendizagem, capaz de interpretar e comunicar aquilo que compreende.

De fato, ensinar é um ato que requer liberdade, e esse deve ser um dos princípios fundamentais da educação, pois é na liberdade que o estudante se expressa, cria e constrói seu conhecimento. Quando o indivíduo tem a oportunidade de compartilhar suas experiências, ele dá início ao processo de desenvolvimento da expressão e da criatividade (FREIRE, 2017).

Sobre a questão da criação, Ostrower (2013) afirma que ela está intrinsecamente ligada à formação, pois envolve a capacidade de compreensão, que por sua vez inclui habilidades como relacionar, ordenar, configurar e atribuir significado. Nessa perspectiva, a educação desempenha um papel fundamental ao estimular a criatividade e a reflexão crítica dos estudantes, promovendo uma aprendizagem que valoriza a experiência estética, o diálogo, a liberdade de expressão, a troca de vivências e a subjetividade de cada indivíduo. Para Freire (2001, p. 73):

A educação é simultaneamente uma certa teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas, momentos simultâneos de teoria e prática, de arte e política. O ato de conhecer, ao mesmo tempo que cria e recria objetos, forma os estudantes que estão conhecendo. Eu penso, então, que, se ao educador se tornarem cada vez mais claras essas características do ensinar, ele ou ela pode melhorar a eficácia do seu ato de ensinar, sua pedagogia. A clareza com relação à natureza política e artística da educação tornará o professor um melhor político e um melhor artista. Nós fazemos arte e política quando ajudamos na formação dos estudantes, saibamos disso ou não. Saber o que nós estamos de fato fazendo nos ajuda a fazer isso melhor.

Assim, segundo o autor, não há conhecimento sem prática, invenção, criatividade, política e arte. A realização de atividades artísticas e a incorporação da arte na escola promovem um ensino que valoriza a criatividade, permitindo a expressão, criação, inovação e vivência de novas experiências estéticas e simbólicas.

Ao considerarmos a proposta de Freire em relação a uma educação inovadora, tornamos

evidente que o cinema pode desempenhar um papel facilitador para a implementação de práticas pedagógicas alinhadas a essa abordagem. A inclusão do cinema na escola requer uma educação inovadora, criativa, reflexiva, crítica, voltada para o diálogo e para a experiência. O próprio cinema possui a capacidade de desenvolver todos esses aspectos, introduzindo inovação na sala de aula e proporcionando um ensino que, como afirmado por Fresquest (2013), desperta emoções e sensações, estimula a curiosidade tanto de quem aprende quanto de quem ensina, inspirando a educação e promovendo práticas pedagógicas que enfatizam a imaginação e a produção sensível e intelectual do conhecimento.

Quando utilizamos um filme em sala de aula e promovemos um debate a partir das experiências e sentimentos de cada estudante durante a exibição, estamos fomentando uma educação baseada no diálogo, incentivando alunos e alunas a compartilhar suas ideias e expressar críticas e reflexões sobre a obra. Ao realizar um exercício de produção cinematográfica, estamos propondo uma prática criativa em que o estudante pode explorar e desenvolver sua criatividade, rompendo com as estruturas hierárquicas e tradicionais da escola (FRESQUET, 2013). Através desses simples exemplos de práticas pedagógicas que envolvem o cinema, podemos observar a incorporação de elementos da educação inovadora na sala de aula.

Podemos, a partir disso, começar a pensar o cinema dentro do âmbito escolar não apenas como um instrumento didático, mas como de arte³. Ao mesmo tempo, não devemos reduzir o cinema a apenas mais uma técnica artística a ser ensinada nas escolas. Nesse sentido, é necessário que professores e professoras compreendam a importância de construir práticas pedagógicas que permitam a construção de conhecimento a partir do cinema na escola, sem menosprezar o filme como um objeto meramente auxiliar ou ilustrativo de um determinado tema. Também é possível considerar a sétima arte no ambiente escolar como uma forma de estimular o pensamento, a criação de diálogos que levam a novas perguntas e reflexões, ampliando as possibilidades de experimentação, pois a arte nos proporciona isso. Assim, expandimos as formas de utilizar o filme na sala de aula, pois a arte do cinema não deve ser limitada a uma única abordagem ou método.

Sabemos que a apresentação do cinema na escola geralmente ocorre de maneira utilitarista, tratando o filme como um objeto. No entanto, ao buscar reverter essa perspectiva

³ A expressão “cinema como arte” é usada por Bergala (2008) e outros autores que discutem sobre a temática cinema e educação, para legitimar o espaço dessa linguagem como criação, imaginação, invenção e experiência estética no âmbito escolar, proporcionando espaços em que o cinema seja apresentado a partir das suas características próprias, propondo um estudo sobre os elementos que constituem essa linguagem, além da exibição de diferentes tipos e filmes e a passagem ao ato de criação.

utilitarista do cinema na escola, nos deparamos com autores que discutem a importância de uma educação voltada para o cinema, destacando as vantagens e possibilidades de trabalhar com produções narrativas que nos levem a refletir sobre os valores de uma sociedade democrática e nosso lugar no mundo.

Bergala (2008) apresenta uma abordagem que valoriza a presença do cinema na escola ao reconhecer e valorizar as características e peculiaridades intrínsecas da sétima arte. Para o autor, o filme vai além de ser apenas um objeto, sendo considerado uma "obra de arte" que carrega consigo os traços de um gesto criativo. A partir dessa perspectiva, Bergala propõe sua "hipótese-cinema", que envolve a experimentação de diferentes tipos de filmes até a concretização do ato criativo. Nessa visão, o cinema não é concebido como um mero recurso pedagógico, mas sim como uma hipótese de alteridade que possibilita transformações, desestabilizações, criações, comunicações e processos de fruição. Essa abordagem amplia o horizonte de compreensão sobre o cinema na escola, reconhecendo seu potencial artístico e sua capacidade de proporcionar experiências com a alteridade.⁴

Para Adriana Fresquet (2013, p. 44) os vínculos entre o cinema e a educação estão crescendo cada vez mais e que isso se refere a um "gesto de criação" que desenvolve "novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas". Duarte (2002, p. 144) nos diz que é fundamental conhecer a "pedagogia do cinema" visando a importância que os filmes têm na formação do indivíduo e afirma que "ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais". Fantin (2006, p. 140) promove a discussão das mídias e do cinema na escola, e enfatiza que "o cinema, no contexto da mídia-educação, pode ser entendido a partir de diversas dimensões – estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas". A autora defende o estudo das mídias na escola através do cinema.

Outra perspectiva de pensar o cinema na escola é a do autor Marcos Napolitano (2019), que aponta alguns diferenciais dos estudos de autores como Bergala (2008) e Fresquet (2013), trazendo contribuições para refletir sobre a utilização do filme na escola e apresentando diversas possibilidades de utilização do cinema na sala de aula como uma ferramenta interdisciplinar. No entanto, ele argumenta sobre a importância de o(a) professor(a) atuar como mediador nesse processo, preparando os estudantes antes do filme e oferecendo desdobramentos conectados a

⁴ Aqui, podemos fazer um comparativo entre a hipótese-cinema com a educação inovadora/libertadora, proposta por Freire, visto que um dos principais objetivos dessa hipótese é, como já enfatizado, propiciar transformações e processos que estimulem a criatividade do aluno, tendo o cinema como uma ferramenta de análise criativa. A partir disso, nota-se o quanto a perspectiva de ensino do cinema de Bergala, tem, de alguma forma, algumas das principais características que definem um ensino inovador, proposto por Freire.

outras atividades, fontes e temas. Segundo o autor, ao usar o cinema em sala de aula, não se deve subestimar os aspectos dessa linguagem, pois "os filmes, assim como qualquer obra de arte, comunicam e impactam o espectador mais pela maneira e pela forma como os temas são desenvolvidos do que pelos temas em si" (NAPOLITANO, 2019, p. 20).

Mas por que a experiência do cinema é importante para alunos e alunas? A sétima arte pode ser compreendida como um agente de socialização, pois permite a intersecção de diversas práticas sociais. Dessa forma, essa forma de expressão é fundamental nos processos de atribuição de significado e interpretação do mundo, que, por sua vez, estão relacionados aos modos de ser, pensar e compreender o mundo (RIVOLTELLA, 2005).

Por se caracterizar como um agente de socialização, o cinema possibilita diversos tipos de encontros: encontros com culturas diversas, com outros indivíduos durante a exibição de um filme na sala de cinema, com personagens fictícios e suas narrativas, com novas realidades e, também, um encontro direto das pessoas consigo mesmas, suas experiências e vivências (RIVOLTELLA *apud* FANTIN, 2006, p. 145).

Dessa forma, o cinema assume um papel único na sociedade ao proporcionar uma matriz social na qual ocorre a percepção, a elaboração e a transmissão de conhecimentos e práticas. Por meio dessa arte, é possível acessar diferentes perspectivas de compreensão, assimilação e representação do mundo, contribuindo para a ampliação do repertório de experiências da sociedade (SILVA, 2010).

Além de atuar como agente de socialização, o cinema na escola promove um processo de experiência que possibilita a sensibilização do olhar. A partir disso, permite uma percepção detalhada de elementos que antes passavam despercebidos. Por meio da câmera, esses detalhes revelam-se com beleza e grandiosidade, proporcionando uma relação de alteridade que potencializa o olhar através dos olhos do outro, revelando e ocultando um mundo inteiro a ser descoberto (DEUS, 2014). Dessa forma, ao desenvolver uma educação fundamentada na observação, abre-se espaço para uma visão mais abrangente do outro em sua totalidade. As práticas artísticas, como as do cinema, desempenham um papel crucial nesse processo, uma vez que permitem a criação de processos educacionais que estimulam as pessoas a se perceberem como seres ativos no mundo. Por meio do cinema, é possível explorar narrativas e experiências que despertam a reflexão sobre questões sociais, identificar contradições e desafiar paradigmas estabelecidos. Essa abordagem busca incentivar os indivíduos a se engajarem em uma transformação social, defendendo uma sociedade na qual a dignidade humana seja reconhecida como um direito inalienável de todos e cada um.

Ao discutirmos sobre a questão da experiência do olhar, é fundamental trazermos os

estudos de Fischer (2008). Em um de seus artigos, a autora propõe uma análise do filme “Cidade de Deus”⁵ no campo da educação, utilizando as ferramentas teóricas oferecidas por Michel Foucault. A escolha desse filme é motivada pelo seu poder de convocar e desalojar o espectador, além de proporcionar um olhar direcionado a nós mesmos. Fischer (2008, p. 194) aponta que:

Aqueles jovens, da favela carioca Cidade de Deus, aquelas crianças e jovens não são apenas olhados por nós e pelas câmeras de Meirelles; eles nos olham. Aqueles meninos nos olham com olhos de atores, de crianças, de adolescentes, de personagens, e desse lugar nos contam algo da história brasileira de nossos dias.

A autora ressalta que as crianças e jovens retratados no filme não são apenas objetos de observação, mas também olham para nós. Eles nos encaram com os olhos de atores, crianças, adolescentes e personagens, e, a partir desse lugar, contam algo sobre a história brasileira contemporânea. Ao analisar o filme a partir dessa perspectiva, podemos explorar como as personagens nos encaram e como seu olhar nos afeta. Essa troca de olhares desafia as nossas próprias percepções e nos coloca em uma posição de reflexão sobre a nossa própria realidade. Os olhares das personagens nos convidam a reconhecer e confrontar questões sociais e culturais que permeiam a experiência do ser jovem no Brasil (FISCHER, 2008).

Ao considerar o olhar como um elemento central, podemos perceber que o cinema, como linguagem artística, tem o poder de instigar o espectador a desenvolver uma postura crítica e reflexiva diante do mundo. O olhar das personagens nos convida a repensar nossas próprias visões e preconceitos, ampliando nossa compreensão e empatia em relação às experiências alheias. Nesse sentido, a análise do filme a partir do olhar se revela como uma oportunidade para uma educação mais sensível, aberta e transformadora.

São vários os filmes que, assim como “Cidade de Deus”, nos transportam para uma realidade tão próxima, mas que muitas vezes não são sentidas, não recebem a atenção e o olhar que merecem. O longa de Ana Muylaerte “Que horas ela volta?”⁶, conta a história de Val, uma empregada doméstica que trabalha na casa de uma família de classe alta em São Paulo. Nessa obra, somos olhados pelas personagens, especialmente pela empregada doméstica Val. Seu

⁵ Filme brasileiro dirigido por Fernando Meirelles e codirigido por Kátia Lund. Lançado em 2002, o filme é baseado no livro homônimo escrito por Paulo Lins. A trama se passa na favela de mesmo nome, localizada no Rio de Janeiro, e retrata a vida de diversos personagens envolvidos no mundo do crime, explorando temas como violência, pobreza e busca por poder. O roteiro foi escrito por Bráulio Mantovani. “Cidade de Deus” recebeu aclamação crítica internacional e foi indicado a quatro categorias no Oscar, consolidando-se como um dos filmes mais importantes do cinema brasileiro.

⁶ Filme brasileiro escrito e dirigido por Anna Muylaert e lançado em 2015. O filme foi selecionado como representante do Brasil na categoria de Melhor Filme Estrangeiro no Oscar 2016. Também recebeu prêmios em festivais como Sundance, Berlim e Miami, conquistando reconhecimento internacional pela sua abordagem sensível e impactante.

olhar crítico e perspicaz nos convida a questionar nossos próprios privilégios e a refletir sobre as relações de poder presentes na dinâmica do trabalho doméstico. Ao nos olharem, os personagens nos colocam em uma posição de reflexão e nos desafiam a repensar nossas atitudes e preconceitos.

Portanto, em ambos os filmes mencionados, os personagens não são apenas objetos de nosso olhar, mas também são agentes que nos observam e nos convidam a uma reflexão crítica sobre a sociedade, as relações humanas e as desigualdades. Essa dinâmica do olhar bidirecional contribui para uma experiência cinematográfica mais envolvente e para a construção de um diálogo entre o filme e o público. Dessa forma, enfatizamos que o cinema nos permite uma experiência do olhar, possibilitando um olhar para si, o outro e sua totalidade, as realidades de um mundo que possui beleza, mas também desigualdades e injustiças. Um olhar que é mediado pelas lentes de uma câmera e que nos coloca em posição de privilégio, pois nos permite enxergar aquilo que não é visível aos nossos olhos, mas que faz parte de nossa realidade, ou não (FISCHER, 2008).

Para que essa experiência aconteça, é necessário valorizar o consumo de filmes, instigar os alunos a dialogar sobre aquilo que é visto, tecendo comentários sobre como as imagens os atravessaram e quais foram suas experiências durante a interação com o filme. É essencial incentivar o confronto de diferentes interpretações, formular críticas e gerar novas ideias a partir do encontro com a obra. Duarte (2002, p. 61) discute a importância de ampliar a "competência para ver" na escola, afirmando que:

Se o domínio dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constitui poder em sociedades que produzem e consomem esse tipo de artefato, é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para a ampliação da *competência para ver*, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e para escrever.

Nesse sentido, é necessária a valorização da linguagem cinematográfica no âmbito educacional, visando compreender como se articulam os conhecimentos obtidos durante a experiência com o cinema e os conhecimentos produzidos durante outras atividades cotidianas e tradicionais na escola, como atividades com a linguagem escrita, interpretações, produções e leituras de texto. Dessa forma, é possível combinar esses saberes e competências adquiridas, utilizando ambos de maneira efetiva, trazendo a prática de assistir a filmes como aliada no processo de ensino-aprendizagem (DUARTE, 2002).

No entanto, é crucial ressaltar que a arte não está presente na educação apenas para melhorar nossa comunicação ou expressão. A arte na educação é um conhecimento que

contribui para a formação integral das pessoas, assim como outros conhecimentos que moldam nossas ações e comportamentos. Através do conhecimento artístico, é possível criar propostas que ampliem as fronteiras disciplinares do saber, da mesma forma que ocorre com conhecimentos em física, matemática ou literatura. Portanto, ao refletir sobre a relação entre cinema e educação, é essencial adotar uma perspectiva de formação humana, que estimule o pensamento crítico-reflexivo, a capacidade de problematização, sem perder de vista o valor ético, estético e político das produções cinematográficas.

A fim de promover uma formação significativa, é essencial oferecer aos estudantes a oportunidade de assistir filmes. Essa prática é um exercício valioso para o desenvolvimento do pensamento, conhecidos como cinema de formação ou literatura de formação. Contudo, é importante evitar uma abordagem limitada que se restrinja à mera exibição de filmes. É necessário construir uma prática pedagógica que estimule um processo formativo por meio do acesso a produções cinematográficas que incentivem diálogos, reflexões e exercícios críticos. Para isso, é fundamental um trabalho de preparação da turma, de professores e professora e do espaço, considerando o cinema como uma linguagem artística. Em resumo, devemos encarar o cinema como uma valiosa fonte de conhecimento e uma dimensão formadora, reconhecendo e valorizando sua natureza artística. Segundo Duarte (2002, p. 64), é importante destacar que:

Estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes “mais nobres”. Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. Certamente não há nenhum problema em utilizarmos filmes em nossas aulas. O problema consiste em ignorarmos o valor e a importância deles para o patrimônio artístico e cultural da humanidade.

Em função da riqueza e do potencial formativo do cinema, é comum e inevitável que ele também seja utilizado como recurso em sala de aula, ampliando e auxiliando o processo de assimilação do conteúdo. No entanto, muitas vezes, a linguagem cinematográfica é reduzida apenas a um recurso didático, negligenciando-se a dimensão estética do filme. Conforme observado por Fantin (2006, p. 147), "é comum vermos os filmes na escola sendo usados como pretexto para o desenvolvimento de certas atividades, especialmente com crianças, que após assistirem ao filme devem desenhar, escrever, dramatizar". De acordo com Bergala (2008), para que os professores não vejam o cinema apenas de forma utilitária, como mera ilustração de conteúdos, é necessário que o filme seja primeiramente concebido como uma forma de arte.

Para considerar o cinema como uma forma de arte na escola, é essencial pensar em uma

pedagogia que compreenda a experiência de assistir a filmes, envolvendo também exercícios intuitivos para a criação de filmes. A partir disso, ao abordar o cinema na escola, é necessário compreendê-lo como uma expressão do novo, uma linguagem artística que possui suas especificidades e características próprias.

1.4 ABORDAGENS PEDAGÓGICAS INTEGRANDO CINEMA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS EDUCATIVAS

Com o avanço tecnológico, tornou-se mais fácil levar o cinema para a sala de aula, tanto para a exibição de filmes quanto para a produção de roteiros e a realização de exercícios que propiciam a experiência de vivenciar a produção cinematográfica, como curtas-metragens, storyboards, documentários, entre outros. Nesse sentido, o cinema pode ser utilizado como uma linguagem que auxilia as práticas pedagógicas de professores e professoras. São diversas as possibilidades de utilização do cinema no contexto escolar; conforme menciona Napolitano (2019, p. 18), "a utilização do cinema na escola pode ser inserida, de forma geral, em um amplo campo de atuação pedagógica".

No entanto, para evitar que o cinema seja simplesmente visto como um recurso, é necessário deslocar o enfoque da análise e crítica dos filmes para uma abordagem mais criativa. É fundamental estabelecer uma relação entre os estudantes e os diretores dos filmes, criando conexões entre o que foi observado na obra cinematográfica, a imaginação de alunos e alunas e as emoções despertadas durante toda a experiência pessoal. Nessa perspectiva, ao estabelecer um vínculo entre o estudante e o autor do filme, é possível explorar aspectos mais sensíveis e intuitivos das propostas do diretor, o que se revela crucial para a assimilação do filme em questão (BERGALA, 2008).

Bergala (2008, p. 42) apresenta algumas etapas comumente utilizadas por professores ao trabalhar com cinema na escola, mas ressalta que essas etapas representam uma "ilusão pedagógica" que precisa ser superada. Essas etapas incluem: (1) análise de um plano ou sequência, (2) julgamento do filme com base nessa sequência e (3) formação de um juízo baseado na análise. Segundo o autor, esse não é o processo ideal, uma vez que o foco não deve estar apenas na análise ou explicação da obra, mas sim na relação dos estudantes com o filme, promovendo maior autonomia. Durante a exposição dos filmes, é crucial que o mediador estimule a observação dos detalhes e sutilezas da obra, fornecendo referências e comparações para auxiliar os estudantes na expressão de suas ideias e sensações. O autor também destaca a importância dos cuidados que o professor ou professora deve ter ao utilizar o cinema como

prática pedagógica, enfatizando que não devem considerar o filme apenas como um objeto.

Assim como Bergala (2008), Marcello e Fischer (2011, p. 4) ressaltam que, ao propor a exibição de um filme com o objetivo de proporcionar uma experiência verdadeiramente significativa, é necessário ir além das análises narrativas superficiais que apenas questionam a mensagem ou lição moral transmitida pela obra. As autoras afirmam que:

Buscamos uma maior generosidade com as imagens, uma disponibilidade e uma entrega a tudo o que aquela peça audiovisual nos está oferecendo. Sabemos que esse exercício não é nada fácil – por exemplo, escolher filmes que fogem às soluções simplistas de princípio, meio e fim; filmes que obedecem a uma lógica fácil de bons versus maus personagens; narrativas que, desde o início do filme, já nos anunciam exatamente o que vai acontecer. Arduo também é trabalho de, diante de novas narrativas – de produções cinematográficas, digamos, enigmáticas, fora dos clichês aos quais estamos tão habituados, questionadoras do que já sabemos –, assistir a elas sem desejar encontrar as explicações causais para cada fato narrado (por exemplo, buscar imediatamente a relação entre a nacionalidade do diretor ou algum fato de sua biografia e aquilo que é mostrado no filme).

A partir disso, destacamos a importância de os professores utilizarem práticas que busquem motivar, aprofundar, questionar, discutir e contextualizar o filme exibido. Essas práticas auxiliam na compreensão da linguagem, dos processos e dos conceitos presentes na obra, fugindo do tradicional exercício de apenas exibir um filme aos estudantes e solicitar uma interpretação da narrativa ou responder a um questionário que aborda apenas o tema da obra. É necessário ir além, proporcionando aos estudantes experiências que promovam o trabalho com a alteridade, buscando uma entrega ética e estética ao que é apresentado, que seja ao mesmo tempo conhecido e desconhecido, nosso e do outro (MARCELLO; FISCHER, 2011).

Ao adotarmos essa postura de abertura e entrega, expandimos nossa capacidade de apreciar e compreender o cinema em sua diversidade e originalidade. A partir disso, podemos explorar novas perspectivas, questionar nossas próprias ideias preconcebidas e nos envolver em um diálogo mais rico com as produções cinematográficas. Essa generosidade diante das imagens nos permite explorar novos horizontes narrativos e estéticos, enriquecendo nossa apreciação e compreensão do cinema como forma de expressão artística e cultural.

Assim, é necessário que professores e professoras estejam familiarizados com as diversas possibilidades de apresentação de filmes em sala de aula, indo além da prática comum que se limita à interpretação narrativa ou à análise crítica dos filmes. Portanto, ressaltamos a importância de que os(as) educadores(as) possuam conhecimento, mesmo que básico, da linguagem cinematográfica, a fim de facilitar uma mediação eficaz entre o filme apresentado e as percepções dos alunos e alunas. Nesse sentido, Napolitano (2003, p. 80) destaca a relevância desse aspecto ao afirmar que:

Não se trata de exigir do professor que se torne crítico profissional, mas algumas informações básicas irão otimizar o trabalho. Toda e qualquer informação poderá ser útil nas atividades da sala de aula, pois torna a análise e mediação do professor mais interessante.

Dessa forma, segundo o autor, é imprescindível que o trabalho com o filme seja organizado. Por isso, o educador ou educadora deve ser um mediador da experiência do estudante com a obra, aguçando seu olhar sensível. Assim, é possível que propiciar uma experiência com as imagens apresentadas, auxiliando o estudante no processo de percepção da obra, propondo leituras mais profundas e criando pontes entre as experiências vivenciadas durante o filme e os elementos técnicos presentes na película, permitindo que o aluno ou aluna atente-se a elementos sutis que transmitem informações importantes sobre a obra, tanto quanto a narrativa. Ao conhecer a linguagem do cinema – suas características e os elementos que a constituem – a obra cinematográfica torna-se mais rica.

Napolitano (2019) traz algumas propostas de utilização dos filmes em sala de aula, visando práticas que possibilitam o trabalho com o cinema, partindo de diferentes tipos de abordagens. As práticas sugeridas pelo autor buscam a introdução do filme dentro de diferentes perspectivas, como por exemplo, um proposta baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), onde a obra é trabalhada por tópicos, conceitos e problemas, utilizando diferentes tipos de filmes que abordam a mesma temática, no entanto, sob um ponto de vista diferente.

O autor argumenta que existem diversas maneiras de utilizar o cinema na escola. Uma delas é utilizar o filme como um "texto" que gera debates e aborda temas previamente selecionados pelo professor. Essa abordagem pode ser especialmente aplicada no trabalho com os Temas Contemporâneos Transversais (TCT), que propõem um ensino atual que enfatiza o desenvolvimento da cidadania, abrangendo temáticas como meio ambiente, economia, saúde, cidadania e civismo, multiculturalismo, ciência e tecnologia. O TCT está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1996) e na Base Nacional Comum Curricular (2018). É essencial que o trabalho com o TCT esteja conectado com a realidade de vida dos estudantes, buscando contextualizar o que está sendo ensinado (NAPOLITANO, 2019).

Pensar o filme como um texto não significa deixar de considerar a obra dentro do seu contexto estético, pois, como afirma Napolitano (2003, p. 20), "os filmes, assim como qualquer outra obra de arte, comunicam e perturbam o espectador mais pela forma como os temas são desenvolvidos do que pelos temas em si". Portanto, os aspectos técnicos da linguagem não devem ser negligenciados nessa abordagem. Isso implica que os educadores também devem abordar o cinema dentro de uma perspectiva artística, explorando seus elementos e promovendo

o estudo da sua produção, indo além de uma abordagem que apenas instrumentaliza o filme, transcendendo a prática de interpretar a narrativa ou estudar o tema da obra.

A segunda abordagem à qual o autor se refere é a utilização do filme como um documento em si. Dentro dessa perspectiva, a obra é analisada e debatida "como produto cultural e estético que veicula valores, conceitos, atitudes e representações sobre a sociedade, a ciência, a política e a história" (NAPOLITANO, 2003, p. 19). Nesse sentido, essa abordagem pode ser pensada principalmente para trabalhos especialmente voltados para o cinema, em que o professor ou professora possibilita aos estudantes uma ampliação da experiência cultural e estética, assim como o desenvolvimento de uma atividade ou projeto que aborde aspectos da linguagem do cinema, promovendo uma articulação entre alguns dos elementos básicos presentes nos filmes. Um dos exemplos citados pelo autor é o tema, a roteirização e as representações fílmicas, assim como os recursos de câmera, montagem, edição e trilha sonora, entre outros elementos técnicos que constituem a linguagem do cinema (NAPOLITANO, 2009).

Para o autor, mesmo que o professor/professora não seja especializado em cinema, é possível apresentar essa arte para além de um conteúdo, de uma mera ilustração ou passatempo, adotando uma boa postura frente a linguagem cinematográfica.

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2019, p. 11).

A partir disso, percebemos que também é possível apresentar o cinema como uma forma de ampliação cultural que possibilita a vivência de experiências estéticas e sociais. Assim, notamos também a importância que a sétima arte tem na escola, pois o filme desempenha um papel ativo na construção das relações sociais, culturais e subjetivas de cada indivíduo. Conforme Bernadet (2006, p. 80), "no ato de ver e assimilar um filme, o público transforma-o, interpreta-o, em função de suas vivências, inquietações, aspirações". Dessa forma, incorporar o cinema na escola é um ato que potencializa o ensino, os conteúdos apresentados e as práticas pedagógicas dos educadores. É uma forma de ensino que se baseia na experiência, na emoção, nas sensações e nos processos de criação.

Já na visão de Bergala (2008), é possível pensar o filme na escola para além dos exercícios que possibilitam a prática de ver filmes. O autor vai além e nos instiga a pensar o cinema como criação, trazendo abordagens que utilizam o filme como produção, possibilitando

ao estudante criar suas próprias proposições cinematográficas, partindo de uma temática específica pensada pelos educadores e educadoras. Essa temática também pode ser escolhida pelos estudantes, onde deverão escolher como pretendem filmar, partindo de suas próprias ideias e preferências, desenvolvendo seu aspecto criativo e inventivo.

Existem várias atividades que podem ser realizadas a partir dessa abordagem, como, por exemplo, a criação de storyboard (uma série de imagens ou ilustrações preparadas com uma sequência cronológica, com o objetivo de pré-visualizar um filme, quadrinho, jogo, animação ou qualquer outra forma de mídias audiovisuais). Também pode-se praticar o exercício "Minuto Lumière", idealizado por Bergala (2008), que tem como intuito promover uma experiência de criação com crianças e adolescentes a partir dos primeiros filmes produzidos pelos irmãos Lumière. Além disso, é possível pensar na produção de filmes realizada dentro de uma ou várias áreas do conhecimento. Nesse sentido, o cinema é trabalhado na sala de aula como forma de expressão, comunicação e instrumento de criação, potencializando a sensibilidade das crianças.

Segundo Fresquet (2013, p. 61), o cinema na escola não exige conhecimentos prévios nos moldes tradicionais. Portanto, ao incorporar a prática cinematográfica no ambiente escolar, é possível proporcionar uma experiência enriquecedora que reduz as diferenças entre educadores(as) e alunos(as) assim como entre os próprios estudantes. Essa abordagem promove a descoberta de novos interesses e habilidades, o que pode resultar em uma melhoria da autoestima e na forma como os estudantes são percebidos pelos demais.

Outro ensinamento de Bergala (2008) diz respeito à importância de que o professor/professora revise sua própria infância ao selecionar os filmes a serem apresentados aos estudantes. Segundo o autor, todo bom espectador de cinema recorre às suas memórias de infância enquanto assiste a um filme, buscando se afastar do adulto que se tornou. Ele enfatiza que o educador/educadora deve escolher os filmes com base em seus próprios gostos, cultura, convicções e experiências pessoais. Nesse sentido, é necessário que o(a) professor(a) reencontre a criança que ainda existe dentro de si. Conforme Bergala (2008, p. 73):

É normal que o pedagogo exerça uma função de vigilância (deve-se mostrar esse filme? Como? O que fazer em seguida?), mas sobre que bases? Todo mundo – mesmo o professor de cinema – foi criança, e no melhor dos casos, no adulto que ele é resta algo da criança que ele foi, que o social não conseguiu eliminar ou que ele soube preservar. Será preciso, portanto, que ele recorra a essa parte de infância em si mesmo – que é uma condição essencial do prazer do cinema – quando assiste a um filme e se coloca o problema da transmissão. Todo bom espectador de cinema – ao contrário do pseudo-intelectual e do espertinho – abre esse pequeno lugar em si mesmo para a criança que quer acreditar.

Desse modo, o autor destaca a importância do pedagogo(a), incluindo o(a) professor(a)

de cinema, de reconectar-se com sua infância e preservar a criança interior ao exercer sua função de seleção de filmes e transmissão do conteúdo aos alunos e alunas. Essa reconexão permite ao professor(a) compreender melhor as perspectivas e interesses dos estudantes, criando uma conexão autêntica. Além disso, ao abrir espaço para a criança que quer acreditar, o(a) professor(a) proporciona uma experiência cinematográfica mais prazerosa e enriquecedora, despertando a curiosidade e envolvimento dos estudantes. Essa abordagem valoriza a emoção e a suspensão da descrença, promovendo uma experiência educativa significativa para todos os envolvidos.

É importante enfatizar que todas essas possibilidades de uso do cinema elencadas pelos autores acima não minimizam a apresentação do cinema na escola apenas como uma ferramenta didático-pedagógica. O cinema é uma linguagem muito rica e pode ser utilizada em diferentes áreas do conhecimento como recurso que potencializa o aprendizado e a construção de conhecimento dos estudantes. No entanto, o trabalho com o filme pode e deve ser pensado para além de seu uso como objeto. É possível trabalhar com o filme dentro de todas essas abordagens sugeridas, reconhecendo-o como uma obra de arte e uma linguagem com especificidades e características próprias. Isso implica em não apenas abordar a narrativa ou o tema do filme, mas também os elementos técnicos e as informações que eles transmitem além da narrativa. É necessário que professores e professoras, independentemente da abordagem utilizada, incorporem a dimensão artística do cinema em suas aulas, promovendo aos estudantes o conhecimento dessa linguagem e experiências significativas.

Apesar das abordagens apresentadas acima por diferentes autores serem distintas, nenhuma delas visa o trabalho com o filme como uma ilustração do conteúdo ou o uso casual do cinema como recurso didático. Ao contrário, as propostas apresentadas nesse estudo trazem desafios aos professores(as) a pensarem e utilizarem o filme primeiramente como uma experiência, promovendo o acesso a diferentes obras filmáticas, indo além do conhecimento prévio dos estudantes, garantindo um encontro significativo com essa arte.

Diante das propostas e abordagens discutidas nesta pesquisa, embasadas nos estudos de Fischer (2008), Napolitano (2019) e Bergala (2008), evidencia-se a importância de situar os filmes dentro de um contexto social, cultural e histórico. Esses autores e autoras defendem a necessidade de proporcionar aos estudantes a oportunidade de explorar diversas perspectivas por meio do cinema. Além disso, destacam a dimensão estética do cinema, incentivando os educadores e educadoras a explorar os aspectos técnicos e artísticos das obras cinematográficas, enfatizando a participação ativa dos estudantes em discussões e processos de criação e fruição.

CAPÍTULO 2 – O CINEMA COMO ARTE

“O cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo que essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível” (FRESQUET, 2013, p. 19).

2.1 DESVENDANDO O CALEIDOSCÓPIO CINEMATOGRAFICO: A HISTÓRIA DO CINEMA COMO INSPIRAÇÃO PEDAGÓGICA

A passagem acima nos lembra que o cinema é uma forma de arte que transcende as limitações do espaço e do tempo, nos conectando com diferentes realidades e nos levando a jornadas pessoais e coletivas. Essa janela cinematográfica nos oferece a oportunidade de ver e compreender o mundo de maneiras que não seriam possíveis de outra forma. Ao afirmar que o cinema “nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto”, Fresquet (2013, p. 19) destaca a importância do cinema como uma experiência que permite ampliar nossa visão e compreensão do mundo, ao mesmo tempo em que nos desafia a explorar os recantos mais profundos de nossa própria existência, propiciando uma jornada de descoberta, transformação e empatia, enriquecendo nossa experiência humana.

Desde os primórdios do cinema, os cineastas têm utilizado essa arte para criar narrativas que nos transportam para diferentes épocas, culturas e realidades. Assim como o advento do cinematógrafo trouxe o fascínio do movimento e da projeção de imagens em tela, o cinema moderno continua a nos surpreender ao retratar eventos históricos, contar histórias emocionantes e explorar mundos imaginários. Assim, podemos estabelecer uma ligação entre a citação de Fresquet (2013) e o início da história do cinema, pois desde o seu surgimento, essa arte tem servido como uma janela para explorar o mundo externo e o mundo interno, nos permitindo expandir horizontes, tanto geograficamente quanto psicologicamente, desafiando-nos a ver além do que é imediatamente perceptível.

Atualmente, é difícil imaginar uma época em que o cinema não existia. Os filmes se tornaram parte integrante de nossas vidas, despertando em cada um de nós interpretações e emoções únicas. A beleza do cinema reside justamente nessa capacidade de nos levar a uma jornada, oferecendo experiências múltiplas que envolvem nossa mente, sensações e emoções. Com pouco mais de 100 anos, o cinema se consolidou como uma forma de arte poderosa desde

seu início. Os primeiros filmes, como "A saída dos operários da fábrica Lumière"⁷ e "A chegada do trem"⁸, projetados pelos irmãos Lumière, causaram um espanto inicial no público, que se viu diante de imagens em movimento pela primeira vez (FRESQUET, 2013).

Figura 1 - A chegada do trem a estação, dos irmãos Lumière.



Fonte: Aventuras na história, 2020.

O cinema teve seu desenvolvimento iniciado no final do século XIX, e por volta de 1895 encontrava-se em uma fase de transição, ainda sem possuir um código próprio. Esse processo de desenvolvimento foi impulsionado por uma série de invenções que desempenharam um papel fundamental em seu surgimento. Segundo Costa (2005, p. 92), esses "diversos eventos buscavam aprimorar as técnicas de animação e projeção de imagens em movimento". Uma das primeiras invenções foi o Praxinoscópio, criado por Charles-Émile Reynaud em 1877. Esse aparelho tinha a capacidade de projetar imagens desenhadas em fitas transparentes em uma tela.

No final do século XIX, uma invenção desempenhou um papel decisivo no impulsionamento do cinema: o cinetoscópio, patenteado por Thomas Edison. De acordo com Ferreira (2018, p. 16), o cinetoscópio era "uma caixa individual de projeção interna de filmes".

Os irmãos Lumière aperfeiçoaram o cinetoscópio e criaram o cinematógrafo, um aparelho que funcionava tanto como câmera quanto projetor. Essa invenção foi fundamental para o nascimento do cinema e conferiu aos irmãos Lumière o título de criadores da sétima arte. No entanto, é importante ressaltar que eles não podem ser considerados os únicos inventores do cinema, mas foram eles que "determinaram a forma específica a ser tomada pela nova mídia" (Bordwell; Thompson, 2013, p. 690).

⁷ Considerado um marco na história do cinema. Lançado em 1895, esse curta-metragem registra um simples momento cotidiano: a saída dos trabalhadores da fábrica em Lyon, na França. Possui 46 segundos de duração.

⁸ Filme de 1895. Esse curta-metragem, com duração de apenas 50 segundos, registra o momento em que um trem chega à estação de La Ciotat, na França.

Conforme Ferreira (2018, p. 17), o cinematógrafo era um dispositivo que não necessitava de eletricidade, sendo de fácil operação e capaz de filmar e projetar, o que o tornava economicamente interessante para os comerciantes que exploravam essa nova vertente de entretenimento. Levando em consideração todos esses aspectos, os filmes produzidos pelos irmãos Lumière desempenharam um papel primordial para atribuir-lhes o título de criadores do cinema. Com o cinematógrafo foi produzido o primeiro filme da história do cinema “A saída dos operários da fábrica Lumière” de 1895, que mostra operários deixando a fábrica Lumière. Nessa fase, o cinema era realizado a base de tomadas, quase não havia uma intenção de roteiro. Os primeiros filmes são muito simples, tanto em forma, quanto em estilo. Eles apresentavam cenas do cotidiano, trivialidades da vida, mostrando pessoas comuns em suas atividades rotineiras.

Algum tempo depois, os irmãos Lumière se depararam com um competidor na produção cinematográfica, o cineasta Georges Méliès. Méliès foi uma figura extremamente importante para o cinema, pois produziu o filme "Viagem à Lua"⁹ em 1902, que foi a primeira obra cinematográfica a incorporar elementos como roteiro, iluminação, figurino, maquiagem, locação e atuação. Além disso, esse filme é considerado o precursor do gênero ficção científica na história do cinema. Costa (2005, p. 94) afirma que "acostumado aos efeitos especiais, Méliès foi capaz de inventar uma série de truques que destacaram as possibilidades do cinema em criar ilusões óptica.

A partir de 1907, os filmes passaram a contar histórias e possuir uma estrutura bem definida, sendo classificados como "longa-metragem" ou "curta-metragem". As produções consideradas como "longa-metragem" devem ter uma duração mínima de 70 minutos, enquanto aquelas com duração inferior são denominadas "curta-metragem". De acordo com Costa (2005), foi entre 1907 e 1915 que ocorreu o desenvolvimento de diversos elementos técnicos do cinema, como atuação, iluminação, planos e enquadramentos, bem como o aprimoramento do roteiro. Com isso, os personagens se tornaram mais verossímeis e realistas, e a montagem passou a ser utilizada com maior frequência.

Em 1915, D.W. Griffith dirigiu "O nascimento de uma nação"¹⁰, que marcou o início da era clássica do cinema. Nessa obra, Griffith construiu uma história com uma poderosa narrativa,

⁹ O filme narra a história de um grupo de astrônomos que embarca em uma expedição à lua. Após um lançamento espetacular do foguete, eles aterrissam no satélite e encontram uma série de criaturas fantásticas e paisagens surreais.

¹⁰ O filme conta a história da Guerra Civil Americana e da subsequente Reconstrução, focando em eventos como a fundação da Ku Klux Klan. É conhecido tanto por suas inovações técnicas e narrativas quanto por sua polêmica representação racista e glorificação da supremacia branca.

estabelecendo um marco na linguagem cinematográfica. Xavier (2008) destaca que a obra apresenta técnicas inovadoras, como montagem paralela, plano americano, flashback e panorâmica, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento do cinema.

No final da década de 1920, o cinema experimentou um grande avanço com a introdução do som nos filmes, inaugurando a era do cinema sonoro. O marco desse avanço foi o filme "O cantor de Jazz"¹¹, dirigido por Alan Crosland e lançado em 1927. Embora não tenha sido o primeiro filme a utilizar o som em sua composição, foi o primeiro a apresentar uma estrutura de diálogo. Anteriormente, outras obras já haviam utilizado o som, mas de forma mais experimental. A chegada do cinema sonoro gerou controvérsias, com alguns cineastas manifestando resistência. Morin (1989, p. 11) destaca a complexidade dessa questão:

O cinema sonoro subverte o equilíbrio entre real e irreal estabelecido pelo cinema mudo. A verdade concreta dos ruídos, a precisão e as nuances das palavras, se ainda estão em parte contrabalançadas pela magia das vozes, do canto e da música, como veremos, determinam também um clima realista. Daí, aliás, o desprezo dos cineastas pela nova invenção que, a seus olhos, tirava do filme o seu encanto.

Apesar da resistência inicial de alguns produtores e diretores, incluindo Chaplin, em relação ao cinema sonoro, essa inovação conquistou o público e marcou uma transformação na linguagem cinematográfica. Posteriormente, em 1939, outra grande mudança ocorreu: a introdução das cores. O público ficou encantado com as cores presentes no filme "O mágico de Oz"¹². Na estreia dessa obra, muitos espectadores tiveram a experiência de ver as cores na tela do cinema pela primeira vez.

Ao longo de sua trajetória, a sétima arte passou por significativas modificações e transformações, possibilitando que diversos cineastas desenvolvessem filmes com estilos e estéticas únicas, dando origem aos movimentos cinematográficos. Esses movimentos são caracterizados por um conjunto de filmes conectados por um período específico, desempenhando um papel fundamental na história do cinema ao influenciar as gerações futuras de diretores em termos de técnica, estilo e estética. Além disso, os movimentos cinematográficos estão intrinsecamente ligados ao contexto histórico de sua época, uma vez que muitos deles buscavam retratar os acontecimentos e realidades sociais. Na Itália, o Neorealismo Italiano focava nas temáticas do tempo presente, produzindo filmes que se aproximavam do cotidiano do público. Já na França, surgiu a Nouvelle Vague, um movimento

¹¹ O filme conta a história de um jovem cantor chamado Jack Robin, interpretado por Al Jolson, que luta para conciliar sua paixão pela música com as expectativas de sua família.

¹² Baseado no romance de L. Frank Baum. Dirigido por Victor Fleming, o filme é uma fantasia clássica que narra a jornada de Dorothy Gale, uma jovem garota que é transportada para a terra mágica de Oz após um tornado.

que desafiava a sociedade, a política, os valores e os costumes por meio de filmes que questionavam as práticas e estruturas de filmagem (BORDWELL; THOMPSON, 2013).

Hoje, o cinema está em constante evolução, utilizando técnicas avançadas para proporcionar uma experiência cinematográfica cada vez mais realista. Essas técnicas são aperfeiçoadas anualmente, impulsionadas pelo avanço tecnológico (FERREIRA, 2018). Com o desenvolvimento contínuo dessas inovações, a sensação de imersão é aprimorada, transportando o espectador para dentro da narrativa e criando um ambiente visualmente envolvente.

Além disso, é importante ressaltar que as inovações tecnológicas também estão se tornando mais acessíveis. Atualmente, é possível produzir um curta-metragem utilizando apenas um celular com câmera e editá-lo por meio de aplicativos ou programas de edição disponíveis facilmente na internet. Essa democratização do acesso às ferramentas cinematográficas abre um leque de possibilidades na educação, permitindo explorar a história do cinema, analisar a construção da linguagem cinematográfica e estabelecer comparações entre filmes atuais e obras mais antigas.

A história do cinema oferece uma ampla gama de oportunidades pedagógicas para serem exploradas em sala de aula, permitindo aos estudantes conhecerem o processo de desenvolvimento do cinema e os eventos significativos que moldaram sua evolução. Por meio dessa abordagem, os estudantes têm a chance de compreender as transformações dessa linguagem artística ao longo do tempo. Dessa forma, a conexão entre a evolução das técnicas cinematográficas, impulsionadas pelo avanço tecnológico, e as oportunidades educacionais proporcionadas pela acessibilidade das ferramentas cinematográficas demonstra a importância de compreender e explorar a história do cinema como um meio de ampliar a compreensão da linguagem cinematográfica e sua relevância no contexto atual.

“Um filme de cinema”, dirigido por Walter Carvalho, apresenta uma abordagem reflexiva sobre a própria linguagem cinematográfica, mesclando documentário e ficção, e oferece uma oportunidade única para os estudantes analisarem as técnicas e recursos utilizados na produção cinematográfica.

Através de uma narrativa envolvente, o filme nos conduz por uma jornada única que reflete sobre a evolução do cinema ao longo dos anos e as ideias que permeiam o conceito de cinema como forma de expressão artística. Ao explorar diferentes gêneros, estilos e períodos da cinematografia, Carvalho cria uma narrativa que não apenas homenageia as obras e os cineastas que moldaram a sétima arte, mas também nos faz refletir sobre o impacto que o cinema tem em nossas vidas e na sociedade como um todo. Através de cenas icônicas e referências

cinematográficas, somos levados a revisitar momentos-chave da história do cinema, reconhecendo a sua importância e influência na cultura contemporânea.

O filme em si já proporciona aos estudantes uma experiência direta com a linguagem do cinema. No entanto, podemos sugerir algumas propostas de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula, a partir de uma abordagem “criativa”, conforme propõe Bergala (2008). Uma das propostas seria a de realizar uma experimentação visual com os estudantes, incentivando a explorarem técnicas visuais do cinema presentes no filme, como a iluminação, a cor e a composição de quadros. Assim, os estudantes podem criar fotografias inspiradas no estilo visual da obra, explorando diferentes efeitos de iluminação, ângulos de câmera e enquadramentos. Essa atividade permite que alunos e alunas desenvolvam seu olhar estético e criativo.

2.2 A HIPÓTESE CINEMA: EDUCAÇÃO E ALTERIDADE

O âmbito escolar pode significar para o estudante um espaço que garante, ou deve garantir, a construção da aprendizagem. Em muitos casos, a escola torna-se o único local onde alunos e alunas terão acesso a informações, culturas e experiências que, fora desse espaço, dificilmente vivenciariam. O cinema pode ser considerado uma fonte enriquecedora para a formação do indivíduo, no entanto, muitas crianças enfrentam dificuldades para acessá-lo e experimentá-lo. Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental ao se tornar o espaço onde esse encontro se torna possível, estimulando uma nova perspectiva sobre o mundo e promovendo uma conexão direta com a alteridade¹³.

A partir da compreensão da importância que a escola desempenha ao proporcionar o encontro do estudante com o cinema, Bergala (2008) desenvolve sua "Hipótese-cinema", destacando que a escola tem o papel fundamental de ir além do entretenimento e permitir que os estudantes se envolvam com a sétima arte como um meio de construção do conhecimento.

Em relação ao trabalho que a escola tem de acolher a arte, nesse caso em especial o cinema, como bloco de alteridade, Bergala (2008, p. 32) deixa claro seus pressupostos, alegando

¹³ A palavra alteridade vem do latim *alter*. Ao consultar a enciclopédia Larousse, encontra-se o seguinte significado “Estado, qualidade daquilo que é outro, distinto (antônimo de Identidade)” (p. 220). No dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano (1998, p. 35) a alteridade é: Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. Nas obras “Modernidade Líquida” de 2001 e “Identidade” de 2005, o sociólogo e filósofo Bauman discute a importância de reconhecer a alteridade como um elemento fundamental nas relações humanas. Ele argumenta que a sociedade contemporânea, marcada pela fluidez e pela fragmentação, muitas vezes dificulta a construção de vínculos autênticos e a compreensão do outro. Visto a problemática levantada pelo filósofo, constatamos a necessidade em adotar abordagens pedagógicas que estimulem o diálogo, a reflexão e a vivência prática da alteridade, algo que está presente nas práticas com o cinema e outras artes.

que:

A escola, tal como funciona, não foi feita para esse trabalho, mas ao mesmo tempo ela representa hoje, para a maioria das crianças o *único* lugar onde esse encontro com a arte pode se dar. Portanto, ela deve fazê-lo, ainda que sua mentalidade e seus hábitos sofram um pequeno abalo. Pois, excluindo-se os “herdeiros” no sentido de Bourdieu, tudo o que a sociedade civil propõe à maioria das crianças são mercadorias culturais rapidamente consumidas, rapidamente percebíveis e socialmente “obrigatórias”. [...] Se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar nenhum.

Dessa forma, o autor evidencia a importância de que a escola possa garantir o acesso à arte como um direito de todos os estudantes. Essa afirmação levanta uma série de argumentos que destacam a relevância de trabalhar a questão da alteridade na escola. Ao oferecer o encontro com o cinema, a escola amplia o repertório cultural dos estudantes e promove o desenvolvimento de sua sensibilidade estética. Essa experiência artística proporciona um contraponto às mercadorias culturais comerciais e padronizadas presentes na sociedade contemporânea. Enquanto essas mercadorias são rapidamente consumidas e socialmente "obrigatórias", o cinema trabalhado a partir de uma proposta criativa, oferece uma oportunidade de reflexão crítica e apreciação estética mais profunda (BERGALA, 2008).

Para que esse encontro aconteça, o autor enfatiza a importância de propiciar ao estudante o contato com filmes aos quais alunos e alunas dificilmente teriam acesso fora do âmbito escolar, oferecendo a eles outras referências e ampliando seu repertório cultural. É fundamental abordar os filmes com confiança e procurar assisti-los nos momentos adequados, selecionando obras impactantes que deixarão marcas significativas para toda a vida. Um momento propício para isso é a fase da adolescência, pois é nesse período que ocorre a formação da identidade do sujeito. No entanto, para que esse momento ocorra, é necessário despertar no estudante o interesse pelo cinema, instigá-lo a conhecer essa linguagem e fomentar sua curiosidade e paixão. O amor e o interesse pelo cinema não surgem da obrigatoriedade, mas sim da relação entre o sujeito e o filme, considerando como ele é atravessado a partir de toda a sua experiência individual e subjetiva com a obra (BERGALA, 2008).

Apesar de não poder garantir um encontro íntimo e pessoal de cada aluno/aluna com o cinema, a escola deve disponibilizar tempo e espaço para que o estudante tenha a oportunidade de experimentá-lo, cada um à sua maneira, pois cada indivíduo interpretará esse encontro de forma única. Sabemos que, inicialmente, há uma grande probabilidade de que esse estudante apenas reconheça o impacto do filme e guarde para si, tornando a compreensão mais clara em um momento posterior, pois o filme "trabalha em surdina" (BERGALA, 2008).

Uma obra que verdadeiramente nos impacta transcende o momento em que a experienciamos pela primeira vez, deixando uma marca indelével em nossa memória e despertando emoções e reflexões ao longo da vida. Esse impacto duradouro é resultado da capacidade do cinema de nos conectar com as mais diversas experiências humanas e nos transportar para outros universos. Quando somos impactados por uma obra cinematográfica, suas imagens, diálogos e narrativas se entrelaçam em nosso ser, estabelecendo uma relação íntima e pessoal que ecoa em nossa memória ao longo do tempo. É como se essas obras se tornassem parte de nossa bagagem emocional, prontas para ressurgir quando nos deparamos com situações semelhantes na vida real, ao ouvirmos uma música ou através de uma lembrança.

No entanto, é importante destacar que esse encontro entre o aluno/aluna e o cinema, com toda a sua capacidade de revelação e desestabilização pessoal, pode não ocorrer de forma plena. Dessa forma, a escola desempenha um papel significativo nessa questão, e pode assumir quatro diferentes abordagens essenciais, conforme proposto por Bergala (2008). Essas ações devem ser realizadas no contexto escolar para promoção do encontro entre o aluno/aluna e o cinema. Sintetizamos as ações no quadro abaixo, para uma melhor visualização:

QUADRO 1 - AS QUATRO AÇÕES FUNDAMENTAIS DA ESCOLA

	As quatro ordens	Definição
1	Organizar a possibilidade do encontro com filmes	“[...] isso significa concretamente utilizar todos os dispositivos e todas as estratégias possíveis para colocar as crianças, um máximo de crianças, e adolescentes, em presença dos filmes que eles terão cada vez menos chances de encontrar em espaços fora da escola”. (BERGALA, 2008, p. 63)
2	Designar, iniciar, tornar-se um passador	“[...] quando aceita o risco voluntário, por convicção, e por amor pessoal a uma arte, de se tornar “passador”, o adulto também muda de estatuto simbólico, abandonando por um momento seu papel de professor, tal como definido e delimitado pela instituição para retomar a palavra e o contato com os alunos a partir de um outro lugar dentro de si, menos protegido, aquele que envolve seus gostos pessoais e sua relação mais íntima com esta ou aquela obra”. (BERGALA, 2008, p. 64)
3	Aprender a frequentar os filmes	“[...] facilitar um acesso maleável, permanente, vivo, individualizado ao filme. E iniciar as crianças a uma leitura criativa, não apenas analítica e crítica. Essa abordagem será fragmentária, feita de idas e vindas, de frequência assídua de pedaços de filmes que foram sendo apropriados, de releitura, de trocas com outros “amadores” dessa obra, às vezes de iconoclastia”. (BERGALA, 2008, p. 65)
4	Tecer laços entre os filmes	“A escola é a instituição melhor situada, se não única, para resistir à amnésia galopante a que nos habituam os novos modos de consumo dos filmes e para abordá-los como pertencendo a uma corrente de obras da qual mesmo o filme mais recente e mais livre é um elo”. (BERGALA, 2008, p. 68)

Fonte: Bergala, Alain. A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola, 2008, p. 64-65.

As quatro funções sugeridas pelo autor têm o potencial de causar um impacto substancial nas esferas política, estética e cultural da escola, abrindo caminho para o surgimento de algo revolucionário e inovador. Ao delinear essas quatro ações necessárias e fundamentais para viabilizar o encontro entre o estudante e o cinema, possibilitamos uma reestruturação do ambiente escolar por meio da introdução e exploração do cinema como forma de arte. Isso implica trazer o filme para a sala de aula de uma maneira que transcenda sua utilização como recurso pedagógico, permitindo um encontro autêntico com a alteridade (FRESQUET, 2013).

Mas afinal, o que significa esse encontro com a alteridade? E por que é tão relevante dentro da perspectiva de Bergala (2008)? Segundo o autor, o cinema tem o poder de nos fazer vivenciar experiências compartilhadas, abrindo caminho para o acesso à alteridade. A experiência cinematográfica nos coloca diante do outro de forma inevitável, ampliando nossas perspectivas e convidando-nos a nos colocar no lugar do outro. A alteridade demanda justamente essa habilidade de nos deslocarmos do eu para o outro. No entanto, nesse processo de deslocamento, "esse outro só existe porque está simultaneamente dentro e fora do 'eu'; ele vive em constante contraste com o nosso 'eu'; é constantemente reinterpretado e inscrito em nós mesmos" (FISCHER; HILGERT, 2016, p. 6).

Fischer e Hilgert (2016) discutem a questão da alteridade como algo inerente à relação com o cinema, uma vez que, nesse tipo de narrativa e de criação, estará sempre em jogo uma forma de experiência ética e estética de olhar o outro, de olhar com o outro. Nesse sentido, a presença do outro não se daria apenas em termos de exclusão ou inclusão, como as duas únicas possibilidades de relação de alteridade. Tratamos de um outro que está no olhar, que integra intimamente a experiência de sair de si e de trazer o mundo (ou trazer o outro) novamente para dentro de si. Falamos, assim, da atitude de se deixar levar pelo outro, pela assustadora experiência de caminhar pelo desconhecido.

O cinema nos proporciona a oportunidade de conhecer e explorar a vida do outro, sua intimidade e sua relação com o mundo ao seu redor. Segundo o filósofo Badiou (2004), essa capacidade do cinema de ampliar nossa perspectiva e nos permitir refletir sobre o outro é tão poderosa que podemos estabelecer uma conexão entre a filosofia e o cinema. Para o autor, se considerarmos a filosofia como o pensamento do outro, o cinema desempenha um papel importante nesse processo de compreensão e reflexão. Ele nos convida a mergulhar na experiência do outro e a questionar nossas próprias concepções, enriquecendo assim nossa visão de mundo.

Segundo Fresquet (2013), a alteridade está diretamente relacionada a uma "leitura criativa" dos filmes e à ação de produção. Além disso, por meio do cinema, expandimos nosso

conhecimento sobre a realidade e compreendemos a importância do outro. É por isso que Bergala (2019) ressalta que a arte do cinema captura a essência da alteridade. Em “O abcedário de cinema” entrevista gravada com o autor, ele afirma:

Em um filme, por exemplo, um homem pode se identificar completamente com uma mulher, com o pensamento ou os problemas de uma mulher, enquanto que na vida real isso é muito mais difícil. O cinema permite que nos coloquemos – é Serge Daney quem dizia isso – o cinema permite que nos coloquemos no interior do outro, o que na vida real é extremamente difícil. É por isso que o cinema é extremamente importante para as crianças. Porque as crianças vivem em um mundo pequeno (a casa, família e a escola) e o cinema lhes dá acesso a experiências que elas ainda não conhecem. Isto significa que o cinema permite às crianças ter uma ideia muito mais ampla da alteridade do que do seu próprio lugar na vida, que é pequeno, enfim, no nível da experiência. [...] O cinema nos fala de nós, de coisas que nós não conhecemos ainda, mas que sabemos que são para nós e sabemos que são nossas. Há filmes que as crianças veem e compreendem, ainda que no momento elas sejam muito pequenas, elas compreendem que isso tem a ver com elas. Logo, é por isso que o cinema é extremamente formador, mas muito profundamente sobre a relação com o mundo que se pode ter.

Para o autor, através do cinema, somos capazes de nos identificar e compreender profundamente o outro, algo que é desafiador na vida real. O cinema proporciona às crianças a oportunidade de expandir seu universo além do ambiente restrito em que vivem, permitindo-lhes explorar novas experiências e perspectivas. Ao assistir filmes, as crianças se conectam com narrativas e personagens que transcendem sua própria realidade, desenvolvendo uma compreensão ampliada da alteridade. Por isso, quando apresentado para um aluno/aluna, o filme se torna um propiciador do exercício da alteridade. Sobre essa questão, Dinis (2005, p. 68) pontua que:

O espaço do cinema torna-se um espaço de irrupção do diferente, um campo de imanência para o exercício do pensamento e da alteridade. E nisso reside a força mesmo do cinema comercial. Se fizermos uma rápida análise da sociedade americana, podemos observar no contexto social atual uma certa paranoia em relação ao outro, ao diferente, às forças que produzem miscigenação e descristalização das referências identitárias. No entanto, esse cenário contrasta, mesmo nos filmes americanos mais comerciais, com um desejo recalcado de ir ao encontro da alteridade, como se o medo paranoico em relação ao outro escondesse também um enorme desejo de se desmanchar na relação com o outro, um desejo de diferenças que possam afetar e transformar a rotina de nossas vidas (...) o cinema e a educação devem nos conduzir a um exercício de alteridade que jamais é a repetição do mesmo.

Dessa forma, o cinema se apresenta como a forma de expressão artística que nos impulsiona a explorar vivências enriquecedoras com a alteridade, estimulando-nos a buscar encontros com o outro, o que resulta em transformações pessoais e nos convida a experimentar diferentes maneiras de existir e interagir no mundo. Através desse processo, o cinema cria uma

nova dimensão na educação, abrindo caminho para uma abordagem diferenciada e enriquecedora (DINIS, 2005).

Além da capacidade que o cinema tem de nos colocar diante do outro, de permitir com que nos coloquemos no lugar do outro, a linguagem cinematográfica também tem uma potente capacidade de nos afetar. Segundo Stecz (2015) “a capacidade de afetar o outro está na gênese do cinema. Desde as primeiras experiências com a imagem em movimento o espectador foi colocado sob o impacto de uma representação do real”. Assim, o cinema possui a capacidade de afetar o espectador desde suas origens, provocando reflexões e transformações pessoais, bem como ampliando nossa compreensão do mundo.

Em síntese, a experiência cinematográfica proporciona vivências profundas de afeto e alteridade, não apenas os estudantes, mas também para os educadores/educadoras que assumem a missão de introduzir essa forma de arte na escola, promovendo encontros significativos por meio de práticas reflexivas e libertadoras.

2.3 A EXPERIÊNCIA DO CINEMA COMO ARTE NA ESCOLA

Uma das palavras que melhor descrevem a relação entre o sujeito e o cinema é "experiência". Ao nos depararmos com uma obra cinematográfica, somos agraciados com uma vastidão de experiências. O cinema oferece uma multiplicidade de possibilidades, sensações e emoções, proporcionando vivências únicas. Nele reside uma potencialidade extraordinária para nos transportar para mundos desconhecidos, permitindo-nos experimentar novos sons, cores, cheiros, cidades, fantasias e realidades. Por meio do cinema, somos capazes de nos conectar profundamente com nossa subjetividade e com nosso eu interior. Ao assistir a um filme, somos convidados a refletir sobre nossas próprias vivências e sentimentos mais profundos. A relação que estabelecemos com uma obra cinematográfica também é influenciada pelas experiências que acumulamos ao longo da vida, pelos gostos e preferências que desenvolvemos. Em suma, o cinema nos proporciona uma jornada através de histórias que podem ter elementos em comum com nossa própria vida ou que nos transportam para além da realidade conhecida.

Para Martins (2022), por meio das imagens do cinema, o mundo não apenas é representado, mas também se torna invisível, revelando-se em imagens em movimento que possuem uma temporalidade única, distinta daquelas que percebemos sensorialmente no cotidiano. A imagem, em sua visibilidade, se mescla com nossa própria identidade, sendo uma centelha da experiência corporal imediata.

A partir disso, podemos evidenciar o quanto a relação "cinema e educação" pode

proporcionar ao estudante uma educação voltada a partir da experiência, algo que foi amplamente defendido por Paulo Freire e outros teóricos da educação já mencionados neste estudo. Larrosa (2002, p. 21) discute a questão da educação a partir da experiência, fornecendo uma definição desta palavra:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.

Com isso, podemos observar essa realidade em nossa sociedade atual, marcada por uma intensa quantidade de estímulos e informações. Estamos constantemente conectados e expostos a uma enxurrada de conteúdos, mas nem sempre os absorvemos de forma significativa. Muitas vezes, passamos por experiências, onde apenas observamos ou consumimos de maneira passiva, sem realmente nos envolvermos ou nos deixarmos afetar. Nesse contexto, é importante compreender a diferença entre o que nos acontece e o que realmente nos toca. A experiência vai além do mero registro de eventos externos. Ela nos impacta emocionalmente, desperta nossa sensibilidade, amplia nossa compreensão e nos transforma como indivíduos. É um encontro profundo entre o mundo exterior e nossa subjetividade. No entanto, a sociedade contemporânea muitas vezes nos conduz a uma superficialidade da experiência. Estamos imersos em uma cultura do imediatismo, da fragmentação e do descartável, onde as vivências são reduzidas a momentos efêmeros e desprovidos de significado.

Diante desse cenário, é fundamental resgatarmos a importância da experiência genuína em nossas vidas. Para isso, é necessário cultivar atenção plena, a reflexão e a conexão com o mundo ao nosso redor. O cinema e as outras formas de expressão da arte podem desempenhar um papel significativo nesse processo, proporcionando espaços de imersão, reflexão e transformação.

Larrosa (2002, p. 27) também afirma que a experiência é algo impossível de se captar a partir de uma lógica, mas sim através de uma lógica da paixão, alegando que o saber da experiência não é um saber que pode ser separado do sujeito concreto em quem incorpora, pois este “não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo”.

E o que nos permite, especificamente, a experiência com a linguagem do cinema? Um

filme pode ser visto de diversas formas e dialogar com diferentes tipos de culturas e valores. Quando estamos diante de uma obra cinematográfica, seja ela de ficção, drama, fantasia ou qualquer outro gênero, estabelecemos um compromisso com uma "realidade paralela", criando emoções, sensações e experiências que suscitam no telespectador a partir de um efeito de realidade muito forte desenvolvido pelo filme. A ação de uma obra fílmica é capaz de nos transportar para aquele mundo projetado na tela, fazendo com que o telespectador mergulhe na história, seus personagens, dramas, cenários e sentimentos (NAPOLITANO, 2009).

Em linhas gerais, os filmes têm um impacto significativo nos espectadores, mesmo que estes tenham plena consciência de que se trata de uma obra de ficção. As imagens projetadas nas telas de cinema ou nos canais e plataformas de streaming envolvem o público de tal maneira que é difícil manter-se distante das ações representadas, resultando em uma conexão profunda e um sentimento de pertencimento aos eventos históricos retratados (MARTINS, 2022).

A partir dessas reflexões, podemos afirmar que a experiência proporcionada pelo cinema é caracterizada por uma ambiguidade intrigante. Por um lado, é uma “experiência subjetiva”, emocional e fantasiosa. Por outro lado, é uma “experiência objetiva”, uma vez que nossos olhos percebem as imagens projetadas, “racional, pois os filmes geralmente contam histórias que são compreendidas pelo espectador, e realista, pois a encenação nos transporta para outras realidades” (NAPOLITANO, 2009, p. 12).

É claro que alguns filmes seguem uma "lógica" diferente e são produzidos para causar experiências ainda mais distintas daquelas que estamos acostumados a vivenciar com o cinema, quebrando as tradições e convenções da linguagem cinematográfica. Bergala (2008) afirma que os melhores filmes nos proporcionam acesso a experiências diferentes daquelas que vivenciamos cotidianamente, permitindo-nos compartilhar, mesmo que por um curto período, algo muito distinto.

Nesse sentido, se desejarmos despertar nos estudantes experiências cinematográficas que eles ainda não tenham vivenciado, é necessário considerar a apresentação de filmes que estão fora do circuito comercial, filmes aos quais dificilmente os educandos(as) teriam acesso. Sabemos que a cultura cinematográfica da maioria de nós é limitada a experiências, linguagens e estilos provenientes do cinema industrial, não apenas os alunos e alunas, mas também dos professores(as). Portanto, ampliar o acervo cultural, especialmente cinematográfico, de estudantes e educadores potencializa as experiências com o cinema na sala de aula. Para isso, o professor/professora pode estabelecer uma conexão entre o cinema comercial e o cinema de difícil acesso, estabelecendo relações entre filmes menos conhecidos e aqueles que fazem parte do cotidiano dos estudantes, a fim de permitir que eles/elas ampliem seus gostos e preferências

por meio de uma ampla gama de opções.

Após a exibição de um filme, se desejamos proporcionar aos nossos alunos/alunas um encontro com o cinema, é fundamental partir sempre da experiência deles. Não apenas dos seus conhecimentos prévios, da cultura ou da história do filme, mas sim da sua vivência com o filme. Ao invés de solicitar que o estudante faça uma análise da história do filme imediatamente após a exibição, ou preencha um questionário que se relacione com o conteúdo de um componente específico em estudo, é importante considerar que uma abordagem conteudista pode limitar a expressão dos sentimentos e a experiência individual do aluno(a) com o filme em questão.

Nesse sentido, é fundamental lembrar que o cinema é uma forma de arte que possui o poder de emocionar, inspirar e estimular a imaginação dos espectadores. Ao abrir espaço para que os estudantes compartilhem suas vivências e percepções individuais, estamos promovendo uma educação mais inclusiva e humanizada, que valoriza as experiências singulares de cada aluno(a). É possível realizar análises, mas é necessário partir inicialmente da experiência. Em uma entrevista, Bergala (2019) discute essa questão, afirmando que:

É muito importante partir, primeiramente, da experiência direta da travessia do filme. Isto é, na experiência, existe saber. O fato de uma criança ver o filme, sobre o qual, por exemplo, ela não sabe nada. Nós não a preparamos para ver esse filme. Então, ela entra no filme, atravessa o filme, e quando ela sai desse filme, ela tem uma inteligência do filme. Ela tem a maneira pela qual ela compreendeu o filme. A maneira pela qual ela se emocionou. A maneira pela qual foi tocada pelo filme. As imagens que ela reteve, por exemplo. Isto é, quando ela vê um filme de uma hora e meia, o que fica? Quais imagens a tocaram pessoalmente? É sempre daí que é preciso partir. A experiência da travessia do filme. Não se deve partir de ideias. Não se deve partir de conceitos. Chegaremos as ideias e aos conceitos depois. Primeiramente, eles dizem. Cada um pode dizer, por exemplo, como ele viveu a travessia do filme. Em seguida, a partir disso, podemos perguntar aos alunos como foi para eles a travessia do filme. E a partir daí, podemos fazer pontes, analisar. E pouco a pouco chegar as ideias.

Dessa forma, a experiência do estudante com o filme deve ser priorizada, evitando atividades que procuram destrinchar o filme e analisá-lo logo de início. Devemos partir das reflexões e pensamentos dos(a) estudantes elaborados a partir da apresentação de um filme. Ao passar um filme em sala de aula, sabemos que cada um irá sentir e analisar a obra exibida de maneira diferente. A experiência do ato de ver um filme é única para cada um, por isso a importância de dar ênfase em um momento onde a criança poderá compartilhar seus pensamentos, experiências, sensações e ideias sobre a obra que assistiu. Essa também é uma oportunidade para que o estudante exercite a sua capacidade de pensar, refletir, criticar e expressar seus sentimentos.

Para isso, de acordo com Fresquet (2013), o educador(a) deve estar preparado para as

diversas reações de seus estudantes a partir das experiências vivenciadas com o filme. Em uma sala de aula onde cada sujeito é único, com gostos, preferências, vivências, culturas e realidades distintas, é natural que surjam diferentes reações ao apresentarmos um filme. Ao exibirmos obras com ritmos mais lentos, fotografias em preto e branco e roteiros não convencionais para os estudantes, é provável que surjam reações de desagrado, ansiedade e desconforto, e devemos estar preparados para lidar com isso. Ademais, é possível que alguns estudantes não gostem da obra apresentada ou não se identifiquem com ela. Napolitano (2014, p. 14) aborda essa questão, afirmando que:

A tendência é que o aluno (e mesmo o professor) reproduza uma certa situação psicossocial trazida pela experiência na sala de projeção (ou na sala caseira de vídeo) para a sala de aula. Portanto, é preciso que o professor atue como mediador entre a obra e os alunos, ainda que ele pouco interfira naquelas duas horas mágicas de projeção. As primeiras reações da classe podem ser de emoção ou tédio, de envolvimento ou displicência. As diferentes expectativas e experiências cotidianas dos alunos ao assistirem aos filmes será o primeiro passo em relação a atividade “cinema na sala de aula”.

Outra possibilidade é trabalhar com trechos ou fragmentos de alguns filmes no início das atividades com cinema na sala de aula, evitando a exposição de filmes mais longos, que podem desinteressar os alunos. É fato que vivemos em uma sociedade onde cada vez mais temos indivíduos ansiosos, que acabam perdendo a concentração em suas atividades, inclusive aquelas que lhes interessam, devido à ansiedade presente que os aflige. Portanto, trabalhar com trechos de filmes pode ser uma escolha interessante no início, como forma de gradualmente preparar os estudantes para assistir a filmes mais longos.

Fresquet (2013, p. 56) argumenta que ao utilizar fragmentos é possível apresentar aos educandos(as) trechos de alguns filmes, instigando-os a buscar por conta própria a continuação desses trechos. Segundo a autora, “cortar a projeção de um trecho no momento em que a narrativa exige continuação pode parecer cruel, mas o efeito é o oposto. Essa ação tem gerado uma reação de emancipação na busca por assistir a filmes completos”.

Bergala (2008, p. 113) desenvolve uma abordagem de apresentação de filmes baseada na pedagogia da “*articulação e combinação de fragmentos (ACF)*”. A utilização de diferentes trechos de filmes, combinados ou isolados, pode ser uma resposta positiva para a restrição de tempo de exibir um filme completo. Muitas vezes, os professores(as) não dispõem de mais de uma hora para apresentar um filme na íntegra, e dependendo do perfil da turma, é difícil garantir a concentração necessária para assistir a uma obra completa. Como solução, podemos utilizar a ACF de diversas formas, selecionando previamente alguns trechos de filmes.

É possível combinar fragmentos de diferentes tipos de filmes com a intenção de trabalhar algum tema com a turma, instigando a observação de um elemento técnico específico da linguagem cinematográfica. Além disso, podemos apresentar trechos de filmes com um estilo e estética semelhantes, a fim de introduzir movimentos cinematográficos aos alunos/alunas ou evidenciar as características dos filmes de um diretor de cinema em particular. São várias as possibilidades de uso de trechos/fragmentos de filmes, como aponta Bergala (2008, p. 117).

Em um DVD convencional, pode-se por em relação trinta trechos segundo séries pré-programadas em que cada um remete a múltiplas relações e encadeamentos. É preciso hoje, com essa nova ferramenta, ter um pensamento preciso, rigoroso, dessa articulação de fragmentos de filmes. Essa poderia ser uma das peças-chave (é preciso outras, evidentemente) de uma pedagogia que faça apelo ao imaginário e à inteligência do utilizador, seja aluno ou professor. A forma curta, que é a do trecho ou da sequência, combina os méritos da velocidade do pensamento (algumas vezes, o ato de por em relação três trechos nos permite compreender mais coisas do que um longo discurso) e da transversalidade (pode-se estabelecer relações imprevistas, esclarecedoras e excitantes entre cinemas, filmes e autores que uma abordagem mais linear separaria em categorias estanques).

Dessa forma, uma das vantagens da abordagem por meio de trechos ou sequências curtas é a velocidade do pensamento. Por vezes, a conexão de três trechos pode permitir uma compreensão mais ampla e profunda do que um longo discurso. Através da combinação desses trechos, é possível estabelecer relações inesperadas, esclarecedoras e emocionantes entre diferentes cinemas, filmes e autores. Isso rompe com abordagens mais lineares e categorizadas, permitindo uma visão mais transversal e conectada.

Ao trabalhar a partir do que alguns autores chamam de “pedagogia do fragmento” propiciamos ao estudante uma experiência que é capaz de transmitir a linguagem do cinema de diversas formas, possibilitando o trabalho com a história do cinema e os elementos técnicos da linguagem, apresentando conjuntos de trechos de diferentes obras que marcam o início da linguagem cinematográfica, ou trechos que destacam a importância da música nos filmes, por exemplo. Assim, é possível “imaginar múltiplas circulações que convoquem diferentes formas de inteligência. Abrem-se então numerosos caminhos livres, não hierarquizados, que produzem entre os trechos relações de todo tipo (analíticas, poéticas, de conteúdo, formais) (BERGALA, 2008, p. 118).

Como exemplos de abordagens com a ACF, podemos pensar na utilização de trechos específicos de filmes para trabalhar a música, a história do cinema, a importância do roteiro ou qualquer outra temática que o professor ou professora queira trabalhar com seus alunos(as). Para um trabalho com o tema música, por exemplo, podemos usar trechos do filme "Cantando

na Chuva"¹⁴ de 1952, para explorar as sequências musicais e a forma como a música é utilizada para expressar emoções e impulsionar a narrativa. O filme "O Iluminado"¹⁵ de 1980 pode ser utilizado para analisar a influência da trilha sonora na criação de atmosfera e na construção de tensão.

Já para explorar a história do cinema, é possível utilizar trechos de filmes como "A Viagem à Lua" de 1902, um dos primeiros exemplos de filme de ficção científica e pode ser usado para discutir a evolução da linguagem cinematográfica desde seus primórdios. Os primeiros filmes dos irmãos Lumière também são bons exemplos para abordar essa temática. É possível selecionar trechos de "A Saída da Fábrica Lumière", "A Chegada do Trem na Estação" e "O Regador Regado"¹⁶ como forma de levar os estudantes a uma viagem ao início do cinema.

A professora ou o professor também pode combinar trechos de diferentes filmes que abordem a mesma temática, porém com narrativas, estilos e técnicas diferentes. Esses temas podem estar relacionados aos conteúdos da disciplina, mas é importante lembrar de propor exercícios que vão além da temática ou da narrativa das obras, priorizando a experiência do estudante com os trechos apresentados e trazendo propostas criativas e simbólicas. É fundamental estimulá-los a compartilhar suas emoções e experiências individuais com a obra em questão.

Há diversas formas de promover experiências na escola entre o estudante e o cinema. É possível, a partir dessas experiências, renovar o aprendizado e criar novas possibilidades de olhar e escutar, por meio de um exercício que condiciona e trabalha a nossa sensibilidade e os nossos sentidos. O cinema possibilita diferentes formas de enxergar o mundo ao nosso redor e nos apresenta com experiências que estão dentro e fora da nossa realidade.

2.4 GESTOS CINEMATOGRAFICOS: A EXPERIÊNCIA DE UMA PEDAGOGIA DA CRIAÇÃO

Atualmente, os estudantes estão acostumados a realizar filmagens e fotografias com seus celulares, mesmo sem nunca terem vivenciado experiências técnicas para gravar ou

¹⁴ É um clássico filme musical americano lançado em 1952, dirigido por Stanley Donen e Gene Kelly. O filme retrata a transição da era do cinema mudo para o cinema sonoro na Hollywood dos anos 1920.

¹⁵ Filme de terror psicológico dirigido por Stanley Kubrick e baseado no livro de mesmo nome escrito por Stephen King. O filme conta a história da família Torrance, composta pelo escritor Jack Torrance, sua esposa Wendy e seu filho Danny, que se mudam para o isolado Hotel Overlook durante o inverno, onde Jack será o zelador temporário.

¹⁶ O filme apresenta uma trama muito simples: um jardineiro está regando as plantas quando um menino malicioso pisa propositalmente no regador, fazendo com que a água jorre diretamente no rosto do jardineiro. O filme captura a reação cômica e surpresa do jardineiro diante dessa brincadeira inesperada.

capturar imagens. O avanço tecnológico permitiu que a maioria das pessoas tivesse acesso à produção de vídeos por meio de celulares, que possuem câmera para fotografias e filmagens. Também é comum a utilização de aplicativos que realizam edições e montagens de vídeos. Dessa forma, os estudantes podem utilizar as câmeras de seus celulares para a produção de seus filmes e, utilizando os mesmos aparelhos, realizar, por meio de aplicativos de edição, cortes, junções de arquivos, adição de músicas e efeitos, entre outros recursos. Esse fácil acesso a ferramentas indispensáveis para a produção cinematográfica abriu possibilidades para a prática de fazer filmes na escola de forma muito mais simples, facilitando a realização de exercícios que visam a criação audiovisual no ambiente escolar.

Além disso, ao pensarmos a produção cinematográfica no âmbito escolar, podemos partir da afirmação de um dos mais talentosos cineastas franceses, François Truffaut¹⁷: "um filme de crianças pode ser elaborado sobre pequenos fatos, pois, na verdade, nada é pequeno quando se refere à infância" (TRUFFAUT, 2005, p. 36). Outro renomado cineasta francês, Jean-Luc Godard¹⁸, instiga a produção de filmes ao afirmar o que é necessário para criar uma obra audiovisual: "pegue a câmera, faça um ensaio e mostre para alguém" (GODARD, 2006, p. 243).

A realização cinematográfica na escola é capaz de propiciar uma experiência significativa para o estudante, que, por trás da lente de uma câmera, se atenta a cada detalhe da imagem que irá filmar, realizando uma leitura muito mais precisa do espaço e das cores que o cercam. O uso da câmera com finalidade pedagógica permite perceber os sentidos, pois a câmera nas mãos dos estudantes permite que descubram novos sons, cores, movimentos, espaços e gestos, ampliando as possibilidades de criação.

De acordo com Bergala (2008), a pedagogia da criação começa antes mesmo da passagem ao ato, ou seja, da produção cinematográfica. Ela tem início no processo de aproximação entre o aluno/aluna e o filme, tendo como prioridade o modo criativo. Para o autor, existe uma forma de apreciar os filmes que estabelece o princípio da passagem ao ato, denominada de "análise de criação". Tal análise tem como intuito preparar o educando para o ato de criação e contraria os métodos de análise em que o principal objetivo é a busca por uma decodificação da obra, visando explicar a trama.

Na "análise de criação", o educando(a) entra em contato com o cinema, e a partir dessa

¹⁷ Foi um renomado cineasta francês, crítico de cinema e um dos principais nomes da Nouvelle Vague, um movimento cinematográfico que revolucionou a forma de fazer e pensar o cinema. Ao longo de sua carreira, Truffaut dirigiu diversos filmes icônicos, como "Os incompreendidos" (1959), "A Noiva Estava de Preto" (1968) e "O Último Metrô" (1980).

¹⁸ Nascido em Paris, França, é conhecido por ser um dos pioneiros do movimento cinematográfico conhecido como Nouvelle Vague. Algumas das obras mais notáveis de Godard incluem "Acosado" (1960), "Alphaville" (1965), e "O Demônio das Onze Horas" ("Pierrot le Fou", 1965).

abordagem, o aluno deve ser instigado(a) a desenvolver suas habilidades criativas, inventivas e imaginativas. Um dos exercícios propostos pelo autor durante a "análise de criação" é a recriação da obra a partir da visão do educando(a). Ou seja, após a exibição de um filme completo, de um trecho ou de um conjunto de trechos, o professor(a) instigará o aluno(a) a pensar em outras possibilidades para aquele filme/trecho, como, por exemplo, quais mudanças ele(a) gostaria de fazer? Quais elementos ele(a) poderia retirar ou adicionar? Ele(a) mudaria algo no roteiro? Mudaria algum plano?

Dessa forma, percebemos o quanto o exercício tem um caráter criativo, visando o desenvolvimento das ideias e criações do aluno(a). Diferentemente de uma análise explicativa, onde os estudantes têm a função de explicar, decodificar e interpretar uma determinada obra fílmica, na "análise de criação", o educando(a) tem o papel de criador(a), sendo encorajado(a) a explorar novas perspectivas, experimentar diferentes abordagens e dar vida às suas ideias por meio da produção audiovisual.

Após a etapa de passagem dos filmes, entramos na fase da passagem ao ato. Segundo Bergala (2008), os componentes fundamentais do gesto de criação cinematográfica são a eleição, a disposição e o ataque. Essas etapas do gesto de criação cinematográfica são essenciais para que o estudante desenvolva sua capacidade de expressão, experimente o processo criativo e tenha uma experiência prática com a linguagem cinematográfica.

Essas três operações, classificadas como psíquicas e físicas, são indispensáveis para a realização de uma filmagem. Para uma melhor visualização dessa tríade, elaboramos o quadro abaixo:

QUADRO 2 – COMPONENTES FUNDAMENTAIS DO GESTO DE CRIAÇÃO CINEMATOGRÁFICO.

OPERAÇÃO	FUNÇÃO
ELEIÇÃO	Escolher coisas no real em meio a outros possíveis. Na filmagem: cenários, atores, cores, gestos, ritmos. Na montagem: as tomadas. Na mixagem: sons isolados, ambientes sonoros (BERGALA, 2008, p. 135).
DISPOSIÇÃO	Posicionar as coisas umas em relação às outras. Na filmagem: os atores, os elementos do cenário os objetos, os figurantes, etc. Na montagem: determinar a ordem relativa dos planos. Na mixagem, dispor os ambientes e os sons isolados relativamente às imagens (BERGALA, 2008, p. 135).
ATAQUE	Decidir o ângulo ou o ponto de ataque às coisas que se escolheu e dispôs. Na filmagem: decidir o ataque da câmera (em termos de distância, de eixo, de altura, de objetiva) e do (ou dos) microfones. Na montagem, uma vez escolhidos e dispostos os planos, decidir o corte de entrada e de saída. Na mixagem, mesma coisa com os sons.

Fonte: Bergala, Alain. A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola, 2008, p. 135.

Sabemos que, infelizmente, existem grandes dificuldades que permeiam o processo de produção cinematográfica na escola, bem como as locações, a segurança dos alunos e alunas envolvidos nesse processo e os equipamentos utilizados (como celulares e câmeras fotográficas, que possuem um alto valor de custo), além das restrições de recursos e espaços. Porém, podemos sempre partir de estudos de pequenos temas, algo simples, que os estudantes tenham o desejo de filmar e que seja significativo para eles (FRESQUET, 2013). A partir disso, é importante que o professor(a) planeje suas ações, adequando as necessidades, ideias e pensamentos à realidade escolar.

Nesse processo, é válido lembrar da famosa e célebre frase do cineasta brasileiro Glauber Rocha¹⁹, o slogan do movimento cinematográfico, o Cinema Novo: "*Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça*". É claro que, ao dizer isso, Glauber Rocha tinha como intuito provocar e criticar a produção de cinema daquela época, enfatizando que não era necessário ter equipamentos de última geração e orçamentos milionários para produzir um filme. Mesmo assim, podemos usar sua frase como combustível para impulsionar os projetos que envolvem a produção de cinema na escola.

Assim, quando entregamos uma câmera na mão de uma criança, estamos promovendo exercícios que vão além da mera captura de imagens, mas sim possibilitam a fruição das suas ideias e imaginações, incentivando sua criatividade a fluir livremente. A câmera se torna uma extensão de sua mente e uma ferramenta para materializar suas visões únicas do mundo ao seu redor. As crianças e os adolescentes possuem muitas dessas habilidades; são fábricas de ideias, criações e fantasias, só precisam que alguém, nesse caso o professor/professora, proporcione exercícios que permitam a expressão e o desenvolvimento dessas ideias. Projetos de cinema que envolvem a produção de filmes proporcionam isso, um vasto e rico momento para extravasar ideias, criar e recriar, capturar o essencial e o que nunca foi notado antes, numa atividade sensível de olhar o mundo, o outro, mas também olhar para si mesmo, para os seus pensamentos e imaginações.

Para Bergala (2008), outro ponto importante em relação à produção de filmes no espaço escolar é a ideia de coletividade. É claro que quando iniciamos um exercício de produção de filme com nossos estudantes, esse trabalho será realizado coletivamente. No entanto, para o

¹⁹ Foi um renomado cineasta, escritor e político brasileiro. Nasceu em Vitória da Conquista, Bahia, e desde jovem mostrou interesse pelas artes, especialmente pelo cinema. Rocha foi uma das figuras mais importantes do movimento cinematográfico conhecido como "Cinema Novo". Entre os filmes mais conhecidos de Glauber Rocha estão: "Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964), "Terra em Transe" (1967) e "O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro" (1969).

autor, a criação de uma obra cinematográfica provém de um indivíduo: o diretor de cinema²⁰, também chamado de cineasta. São as escolhas artísticas e todas as decisões necessárias para essa criação que vêm do cineasta. É importante ressaltar a relevância do diretor, e o professor/professora deve abordar a função desempenhada por ele. O diretor é responsável por pensar o estilo e a estética para o seu filme, exercendo um papel fundamental na condução do projeto cinematográfico.

Essa questão do cinema que seria, supostamente, uma arte coletiva, traz muitos problemas, quando se faz cinema, em contexto escolar. Quando crianças ou adolescentes fazem um filme... Porque, se ninguém toma as decisões, se ninguém tem as escolhas na cabeça, não é um filme. Para que seja um filme, é preciso que alguém, ao menos para cada plano, faça as escolhas. Uma pessoa fará isso. As escolhas não podem ser coletivas. Senão, faz-se um filme banal, senão faz-se um filme mediano. Se as escolhas são feitas inteiramente por um grupo. Um grupo não pode ter ideias um pouco fortes, um pouco pessoais. Então, é muito difícil na escola. A melhor solução é confiar, em um determinado momento, todas as escolhas a um aluno. Mas para um plano, para uma cena. Depois, será outro aluno e depois outro aluno. No entanto, é muito importante que em um determinado momento, mesmo em um filme restrito ao meio escolar, alguém decida as escolhas (BERGALA, 2019).

Dessa forma, é indispensável que, dentro do processo de criação, os estudantes ocupem diferentes tipos de funções, tais como diretor, ator, cinegrafista, fotógrafo, cenógrafo, entre outras. Isso possibilita aos educandos(as) diversas experiências e novos conhecimentos sobre a linguagem cinematográfica, não os limitando a apenas uma determinada função. Nesse sentido, produzir cinema na escola é uma experiência que iguala os alunos, desconstruindo a ideia de "papéis favoritos". É fundamental que todos os alunos da turma sejam deslocados, promovendo uma alternância de alunos/alunas entre as funções em todas as fases de produção de um filme (FRESQUET, 2013).

É importante enfatizar que na "pedagogia da criação", defendida pelo autor, o educando(a), após a sua análise de criação, deve refletir sobre as escolhas realizadas pelos diretores, analisando possíveis mudanças que poderiam ser feitas. Em seguida, tomará as suas decisões e, por fim, inicia o processo de produção. Essa experiência de criação é indispensável quando se trabalha com o cinema na escola a partir de uma perspectiva artística, pois propicia

²⁰ O diretor é considerado o realizador de um filme. Apesar de um filme ser produzido por vários profissionais é o diretor quem assina a obra e executa a visão geral desta. É o diretor quem irá definir o estilo e a estrutura de um filme. Além disso, ele tem a responsabilidade de coordenar várias atividades de criação, como a cinematografia, a trilha sonora, a atuação dos atores, e inúmeras outras atividades artísticas necessárias para a produção da obra. Em termos gerais, a principal incumbência de um diretor de cinema é dedicar-se a coordenar todas as contribuições e colaborações de vários artistas envolvidos em uma produção de cinema. Para Bordwell e Thompson (2013, p. 474) cada diretor tem um estilo característico que pode ser analisado a partir da forma como ele utiliza os elementos técnicos em seus filmes. O cineasta é aquele que irá escolher que técnicas ele deve empregar e "atém-se a elas durante todo o filme".

ao aluno/aluna uma vivência prática, fazendo com que ele/ela obtenha conhecimentos e experiências que não seriam possíveis apenas na análise de filmes, mesmo que seja a partir de um sentido criativo. Por esse motivo, a “passagem ao ato” é um processo indispensável. Bergala (2008, p. 171) alega que:

A passagem ao ato é indispensável. Há algo de insubstituível nesta experiência, vivida tanto no corpo como no cérebro, um saber de outra ordem, que não se pode adquirir apenas pela análise dos filmes, por melhor que seja conduzida. Não se aprende a esquiar assistindo a competições pela televisão, sem que se tenha sentido no corpo, nos músculos, as sensações do estado da neve, os relevos da decida, a velocidade, o medo e a alegria.

Além de ser uma experiência prática que possibilita um conhecimento mais profundo e simbólico sobre a linguagem do cinema, o “ato de criação” desvela no adolescente uma sensação de autoria. Essa sensação de autoria é uma experiência marcante para o estudante, despertando maneiras de ser visto e reconhecido. Esse reconhecimento nem sempre está relacionado a prêmios, participações em festivais ou a um grande número de visualizações do que produziram na internet, mas sim a um reconhecimento que parte do próprio estudante, que ao final de um processo de criação sente-se um artista, uma estrela do cinema, pois acaba de produzir sua obra de arte. Existe uma potencialidade muito forte e extremamente marcante nessa experiência, tanto para o aluno/aluna quanto para o professor/professora. Segundo Fresquet (2013, p. 88):

A sensação de autoria e de criação atrela uma emoção forte. Tímida e modesta, ela materializa alguma forma de intervir na produção da cultura e de sentir que aquilo tem um valor para si e para o entorno imediato (colegas, professores, familiares) e ainda alguma possibilidade de ecoar para além dos muros da escola em festivais ou “subindo” (*uploading*) os minutos na internet (*vimeo, youtube, etc.*)

Existem diversos exercícios que podem ser utilizados na passagem ao "ato de criação". Bergala (2008) sugere o trabalho com curtas-metragens, pois acredita ser um caminho mais viável. Porém, há outras opções igualmente válidas. É possível realizar a criação de storyboards, stop motions, vídeocrônicas ou produzir curtas-metragens inspiradas nos primeiros filmes da história do cinema, uma prática conhecida como "Minuto Lumière".

2.4.1 Da teoria a prática: exercícios de criação cinematográfica na escola

Uma prática simples, rica e que propicia uma viagem ao início da linguagem

cinematográfica, chamada de "Minuto Lumière", promove uma experiência de criação com os mais novos a partir do primeiro cinema produzido pelos irmãos Lumière. Esse exercício foi idealizado de forma pedagógica por Alain Bergala e Nathalie Bourgeois. Sobre essa prática, Fresquet (2013, p. que seu objetivo é "[...] criar, não como solução de problemas, nem como forma de adaptação, mas como gesto de invenção. Aproximar o cinema da educação como possibilidade de 'fazer arte' na escola".

Esse exercício se inicia com uma atividade de sensibilização: um pouco sobre a criação dos irmãos Lumière é exposto para a turma e, posteriormente, iniciamos com a projeção dos filmes criados e dirigidos por eles. Após a exibição, é proposta uma roda de conversa com o intuito de realizar uma leitura criativa desses filmes, onde os alunos/alunas têm espaço para expressar suas opiniões e ideias sobre as obras apresentadas, buscando compreender os gestos cinematográficos dos Lumière e incorporando os conceitos de escolha, disposição e ataque, já mencionados neste estudo.

O próximo passo, antes de iniciar as filmagens, é pensar nas escolhas de planos e enquadramentos. Para isso, é proposto um exercício simples: "usando dois dedos de cada mão para formar um pequeno triângulo que represente uma câmera, ou utilizando um marcador de cartolina preta, pedimos para olhar através dele, realizando um gesto simbólico do recorte que representa o enquadramento" (FRESQUET, 2013, p. 70). Essa atividade prepara e auxilia o estudante na seleção do plano que irá utilizar para gravar o seu Minuto Lumière. Além disso, proporciona um momento enriquecedor para observar e capturar os detalhes ao redor, potencializando as relações com o espaço e com o outro.

Após o exercício utilizando os dedos, é possível dividir os estudantes em grupos e permitir a utilização de aparelhos celulares para fotografar alguns planos. As escolhas podem ser feitas de modo individual, porém, eles/elas podem trabalhar de modo coletivo, participando das fotos uns dos outros, orientando no momento de posicionar a câmera e dando ideias do que pode ser feito. Em minha experiência pessoal, coleciono ricos momentos vivenciados com meus alunos e alunas durante essa prática. Mesmo que ainda não tenham começado a filmagem de seus minutos, neste exercício já é possível perceber a imensidão de ideias que começam a ser elaboradas por cada um deles. Além disso, nota-se que ao segurar o celular e iniciar a atividade, todos já se sentem artistas, criadores, cineastas! A partir desse momento, tudo o que foi aprendido na teoria começa a fazer sentido: a escolha dos planos, o ângulo da câmera ou a distância necessária entre a câmera e o objeto a ser fotografado/filmado. Eles sabem que se desejam trazer simbolismo para um determinado objeto, precisam usar o PD (plano detalhe) e ficar mais próximos desse objeto para capturar sua imagem. Mas se desejam focar no cenário,

no espaço ao redor, tornando visível o local da foto, devem usar o PG (plano geral). Se a intenção for destacar ao máximo a expressão de uma pessoa, utilizarão o PPP (primeiríssimo plano) para isso.

A etapa que se segue é a de filmar o "Minuto Lumière". É recomendada a utilização de uma câmera para cada dez estudantes, sendo que cada um desses grupos precisa estar acompanhado por um professor/professora ou monitor/monitora que conduza o processo de criação. Após as filmagens serem realizadas, finalizamos esse exercício com a visualização coletiva dos minutos produzidos pelos estudantes. Esse é um momento que permite aos alunos e alunas fazer uma análise coletiva sobre cada uma das produções (FRESQUET, 2013).

O momento da visualização coletiva permite que o educando/educanda também exercite seu senso crítico. Nesta fase do exercício, o professor(a) poderá instigar o estudante a pensar no que ele gostaria de ter feito de forma diferente, se há algo que gostaria de mudar, o que o agradou e o desagradou nos outros minutos produzidos pelos colegas. É uma transição do papel de autor para o papel de um crítico. A partir de uma roda de conversa com todos os alunos e alunas, é possível compartilhar as experiências desse processo, desde a fase inicial até a finalização dos minutos, relembrando as vivências e os momentos marcantes.

Sobre essa prática, Bergala (2008, p. 206) assinala que:

Quando acompanhado por um adulto que respeita a emoção de criança, o ato aparentemente minúsculo de rodar um plano envolve não a maravilhosa humildade que foi a dos irmãos Lumière, mas também a sacralidade que uma criança ou adolescente empresta a uma "primeira vez" levada a sério, tomada como uma experiência inaugural decisiva.

Dessa forma, ao considerar o ato de rodar um plano como uma experiência inaugural e sagrada para a criança ou adolescente, o adulto desempenhar um papel fundamental na formação de jovens artistas e cineastas, ajudando-os a desenvolver sua voz criativa e enxergar o potencial em suas próprias obras. Essa abordagem respeitosa e valoradora contribui para a formação de uma nova geração de artistas e cineastas, que são capazes de explorar e compartilhar suas histórias de forma autônoma e significativa. Assim, esse exercício possibilita aos estudantes experimentar a "pedagogia da criação", tornando-as autoras, promovendo também um encontro com o nascimento do cinema e com o ato de vivenciar um processo de criação e fruição artística.

Outras práticas podem ser utilizadas quando pensamos em atividades voltadas para a produção audiovisual na escola, como, por exemplo, os storyboards. Rabiguer (2007, p. 410) define os storyboards como "série de imagens-chave esboçadas para sugerir como uma série de

tomadas". Os storyboards podem ser caracterizados como esboços de planos e enquadramentos feitos para serem usados como base para a realização das filmagens. Lembram histórias em quadrinhos, porém, não contêm diálogos ou qualquer tipo de anotações, mas sim apenas imagens. Dessa forma, os storyboards devem ser produzidos antes das filmagens, o que seria um exercício de pré-produção, contendo sequências de imagens que posteriormente serão filmadas. Para uma melhor visualização, segue um exemplo de storyboard retirado do blog "Awari", publicado no ano de 2022.

Figura 14 – Exemplo de um Storyboard



Fonte: Awari, 2022.

Em relação à utilização dos storyboards, Bergala (2008, p. 195) faz um alerta, afirmando que essa atividade pode "confiscar a experiência". Para o autor, é melhor primeiramente ensinar os estudantes a entender a cena que pretendem filmar, de forma global, os espaços, suas limitações, bem como as escolhas que precisarão ser feitas e quais elementos serão necessários. Somente após essa compreensão, passar ao planejamento de cada plano, ou seja, à decupagem.

É importante salientar que, mesmo com todo o planejamento realizado em sala de aula, seja a partir dos storyboards ou de conversas e anotações para planejar as ações, definições e escolhas, no momento em que de fato ocorrem as filmagens, muitas modificações podem ser realizadas. Desse modo, o professor(a) deve atuar como mediador, auxiliando nas possíveis alterações que poderão surgir.

O stop motion também tem sido uma prática utilizada em exercícios de produção cinematográfica na escola, e pode ser definido como uma técnica de animação, produzida

quadro a quadro. Nessa técnica, o efeito de movimento vem de uma ilusão de ótica. A partir do momento em que imagens sequenciais mudam mais de 12 vezes por segundo, o cérebro humano não processa essa mudança, e isso nos faz ver essas imagens como um movimento contínuo. O stop motion é uma técnica muito utilizada por cineastas com o intuito de criar efeitos especiais, dando vida a bonecos, robôs, brinquedos, entre outros (MOLETTA, 2014).

Em minha experiência pessoal, relato que trabalhar com essa técnica foi difícil, mas o resultado foi incrível. Foi necessário muita paciência e determinação, e no final, obtivemos uma animação em stop motion produzida pelas mãos de 14 estudantes que, na época, tinham entre cinco e seis anos de idade. A realização se deu a partir dos conceitos de escolha, disposição e ataque, bem como de um momento específico para a “análise de criação”²¹.

A última prática de produção cinematográfica na escola que vamos abordar é a pixilation. Essa técnica é muito parecida com a do stop motion e consiste em fotografar pessoas quadro a quadro, representando movimentos. Moletta (2014, p. 21) explica essa técnica:

Fotografa-se a personagem, ela se move na direção desejada, fotografa-se novamente e assim por diante, como se estivéssemos animando um objeto. Esse efeito dá a ilusão de transformar o ser humano em um boneco ou ser inanimado. Com essa técnica podemos fazer a personagem deslizar por um ambiente sem se mover, levitar etc. A animação acaba "eletrizando" a pessoa filmada, vindo daí o termo "pixilate" que significa "enfeitiçar", "eletrizar".

Dessa forma, ao transformar seres humanos em figuras aparentemente inanimadas, a técnica permite explorar possibilidades e efeitos visuais únicos. Através dos cuidadosa coordenação dos movimentos capturados em cada fotograma, é possível criar uma ilusão de movimento fluido e controlado. Para o autor, ao "eletrizar" ou "enfeitiçar" as pessoas filmadas, a técnica transcende as limitações da realidade física, abrindo caminho para narrativas imaginativas e surreais. Isso possibilita aos criadores explorarem conceitos como a suspensão da gravidade, a fluidez do tempo e a transformação do corpo humano.

Diante do exposto, podemos notar que são várias as práticas e técnicas que podem ser utilizadas no momento da produção cinematográfica no espaço escolar. O professor/professora pode recorrer a um curta ou longa-metragem, dividir os estudantes em grupos ou propor produções individuais. A “pedagogia da criação” abre um leque de possibilidades e experiências, tanto para o aluno/aluna como para o professor(a). A “passagem ao ato” permite um encontro com a alteridade, com a subjetividade, com as ideias e imaginações de crianças e

²¹ O filme produzido neste projeto pelos alunos e alunas da educação infantil está disponível a partir do link: <https://youtu.be/m4G1crPfz4s?si=yGW-Z9SbN2AmAMtt>

adolescentes, que muitas vezes permanecem escondidas, trancafiadas dentro de si, esperando uma oportunidade para serem colocadas para fora e finalmente contempladas. É uma vivência que potencializa aprendizados, revitaliza as relações com o outro, com o espaço e consigo mesmo. Transforma o olhar, direciona e dá sentido para a relação entre o cinema e a educação.

CAPÍTULO 3 – ECOS DA EXPERIÊNCIA: DESBRAVANDO OS TRILHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

“Criar não é deformar ou inventar pessoas e coisas. É travar entre pessoas e coisas que existem e tais como existem, relações novas”. _Robert Bresson.

3.1 EXPLORANDO OS CAMINHOS DA METODOLOGIA

Assim como o cinema, o percurso metodológico é uma jornada em busca de significados. Como diretor de uma película, o pesquisador/pesquisadora cuidadosamente planeja cada etapa, selecionando cenas, explorando ângulos e capturando momentos. Assim como a edição de um filme, o percurso metodológico envolve a análise minuciosa dos dados, a interpretação dos resultados e a busca por relações e conexões que possam revelar novas perspectivas. Ambos buscam desvendar mistérios, contar histórias e oferecer *insights*²² profundos. Enquanto o cinema dá vida a personagens e cenários, o percurso metodológico dá forma e substância às ideias e teorias. Ambos são processos criativos, nos quais cada decisão e escolha impacta diretamente no resultado final. Assim como um filme pode surpreender e emocionar, o percurso metodológico pode revelar descobertas inesperadas e abrir caminhos para novos conhecimentos. O cinema e o percurso metodológico compartilham a essência da exploração, da investigação e da busca incessante por compreender o mundo que nos rodeia.

O percurso metodológico da pesquisa, inspirado pela frase de Robert Bresson, busca criar relações novas entre o cinema e a prática pedagógica dos professores e professoras dos anos finais do ensino fundamental. Não se trata de deformar ou inventar, mas sim de travar um diálogo autêntico entre a arte cinematográfica e a sala de aula. Através desse mapeamento das práticas existentes e da busca por novas abordagens, pretende-se descobrir caminhos que permitam explorar o potencial transformador do cinema na educação. Assim, o percurso metodológico se revela como um convite para romper fronteiras e abrir horizontes, construindo pontes entre o mundo da sétima arte e o universo educacional, em busca de experiências enriquecedoras para professores(as) e alunos(as).

Durante o percurso deste estudo, fui agraciada com a companhia intelectual de diversos

²² O termo "*insights*" refere-se a ocorrências ou compreensões repentinas e profundas que surgem na mente de alguém. É uma palavra usada para descrever momentos de clareza, compreensão ou revelação que fornecem uma nova perspectiva sobre determinado assunto ou problema. Os *insights* são caracterizados por uma sensação de descoberta ou compreensão repentina, muitas vezes provocada em ideias originais, soluções criativas ou uma visão mais profunda da situação. Esses momentos de insight podem ocorrer de forma inesperada e podem ser resultado de reflexão, intuição, experiência ou associação de diferentes informações.

autores e autoras cujas obras se tornaram parceiras indispensáveis nessa jornada de descoberta e reflexão. As conversas que estabeleci com esses autores(as), presentes nas leituras que embasaram a pesquisa, foram enriquecedoras e fundamentais para a construção de uma base teórica sólida. Ao adentrar o universo dos escritos de Fresquet (2013), Bergala (2008), Napolitano (2019), Paulo Freire (1996) e outros renomados pensadores e pensadoras, fui imersa em um diálogo inspirador que ampliou minha visão sobre a intersecção entre cinema e prática pedagógica. Suas obras foram fontes valiosas de reflexões críticas e orientações teóricas que me guiaram na análise das práticas existentes e na busca por novas abordagens. As conversas travadas com esses autores e autoras do referencial teórico proporcionaram perspectivas significativas, expandindo meu horizonte de compreensão e nutrindo minhas reflexões sobre a importância do cinema na escola.

Autores e autoras como Minayo (2001), Gil (2008) e Triviños (1987) desempenharam um papel fundamental na orientação do meu percurso metodológico. Suas contribuições foram essenciais para a construção do arcabouço teórico que sustenta esta metodologia. Por meio de suas obras, fui guiada na compreensão e condução de um estudo qualitativo com delineamento descritivo-explicativo, utilizando a entrevista semiestruturada como método de coleta de dados. Esses autores(as) forneceram bases sólidas para a realização deste trabalho.

A coleta de dados deste estudo foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com professores e professoras que atuam nos anos finais do ensino fundamental em escolas públicas e estaduais do município de Ourinhos²³, situado no estado de São Paulo. Ourinhos, com uma população de aproximadamente 115.139 habitantes²⁴, conforme informações do site oficial da cidade, conta com um total de 13 escolas que oferecem os anos finais do ensino fundamental, sendo estas instituições de ensino tanto estaduais quanto públicas.

Nesse contexto, a entrevista surge como uma ferramenta de coleta de dados amplamente utilizada na pesquisa social. De acordo com Gil (2008), a entrevista pode ser definida como uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e formula perguntas com o objetivo de obter os dados relevantes para a investigação. Trata-se de uma forma de interação

²³ Ourinhos foi fundada em 1918 e teve seu desenvolvimento impulsionado principalmente pela chegada da Estrada de Ferro Sorocabana, que contribuiu para o crescimento econômico da região. Inicialmente, a cidade teve sua economia baseada na agricultura, destacando-se na produção de café, algodão e cereais. Atualmente, Ourinhos é considerada um importante polo regional, abrangendo comércio, serviços, educação e saúde. Com uma população aproximada de 115.139 habitantes, conforme dados de 2021, a cidade conta com uma infraestrutura urbana significativa, incluindo escolas, universidades, hospitais, centros culturais e áreas verdes. Link para visualizar a cidade a partir do google maps: <https://goo.gl/maps/Wq29JYBi4HHtJcSR9>

²⁴ O número foi atualizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2021. A estimativa está presente no site da prefeitura, disponível através do link: <https://www.ourinhos.sp.gov.br/>

social que possibilita a compreensão das experiências, percepções e práticas dos professores no uso do cinema em sala de aula.

Dentro desse contexto, a opção pela entrevista semiestruturada se justifica em virtude das suas características e benefícios para a pesquisa em questão, visto que é uma abordagem que combina elementos de estruturação e flexibilidade, permitindo ao pesquisador seguir um roteiro de perguntas previamente estabelecidas, ao mesmo tempo em que mantém a liberdade para explorar novas questões que possam surgir durante o processo de entrevista. Conforme explicado por Triviños (1987, p. 146):

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

A partir disso, ao optar pela entrevista semiestruturada, buscamos estabelecer um ambiente propício para o compartilhamento de conhecimentos, experiências e percepções dos professores, de forma a obter uma compreensão mais profunda sobre o uso do cinema em sala de aula. Dessa maneira, a escolha metodológica está alinhada aos objetivos da pesquisa e contribui para a obtenção de dados relevantes e significativos para a investigação.

Durante o planejamento da entrevista semiestruturada, as perguntas foram cuidadosamente elaboradas com base nas diretrizes estabelecidas por Lakatos e Marconi (2003, p. 199), bem como em uma compreensão clara das informações necessárias para a análise dos dados. O principal intuito foi o de criar um conjunto de questionamentos que permitissem obter informações relevantes e aprofundadas dos participantes, de forma a explorar suas percepções, experiências e conhecimentos relacionados ao tema em estudo. Ao desenvolver as perguntas, foram consideradas as características particulares do grupo de participantes, suas perspectivas e vivências. Foi fundamental buscar uma abordagem que incentivasse a expressão genuína de cada entrevistado, permitindo que eles compartilhassem suas visões de forma autêntica e enriquecedora.

É importante ressaltar que as perguntas utilizadas na entrevista semiestruturada não foram meramente restritivas ou fechadas, mas sim orientadoras, buscando estimular a reflexão e a expressão dos entrevistados(as). Dessa forma, elas proporcionaram um espaço de interação dinâmica e colaborativa, em que tanto os entrevistados como a pesquisadora puderam explorar conjuntamente as nuances e complexidades do tema em questão.

Com o intuito de proporcionar uma melhor visualização e organização das perguntas elaboradas para a entrevista semiestruturada, desenvolvemos um quadro norteador com o roteiro de entrevista. Esse recurso foi utilizado como uma ferramenta auxiliar durante a condução das entrevistas, proporcionando uma referência clara e estruturada para orientar tanto o pesquisador quanto o entrevistado.

QUADRO 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES

Nº	PERGUNTAS
1	Para você, o que é o Cinema?
2	Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?
3	Na sua perspectiva, quais são os desafios enfrentados ao utilizar o cinema na sala de aula?
4	Você conhece a Lei 13.006/2014?
5	A Lei 13.006/2014 estabelece a obrigatoriedade de, no mínimo, duas horas mensais de exibição de filmes nacionais nas escolas. Você considera essa Lei uma iniciativa positiva ou negativa? Justifique sua resposta.
6	Você acredita que os filmes utilizados em sala de aula têm um papel significativo na formação dos estudantes? Justifique sua resposta.
7	Poderia citar obras fílmicas que já usou em suas aulas?
8	Quais critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?
9	Em geral, você percebe que os estudantes demonstram interesse e apreciam a experiência de trabalhar com o cinema em sala de aula?
10	Você já desenvolveu algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos e alunas? Caso sim, descreva um pouco sobre como o projeto foi conduzido.

Fonte: Da autora, (2022).

O roteiro foi estruturado de forma a promover uma abordagem gradual e aprofundada sobre o tema, começando com perguntas mais gerais para estabelecer um contexto e, em seguida, avançando para questões mais específicas e detalhadas. Isso permitiu explorar diferentes perspectivas e experiências dos professores/professoras em relação a temática central.

Cada pergunta buscou explorar diferentes aspectos relacionados à utilização do cinema em sala de aula, levando em consideração a perspectiva do entrevistado/entrevistada, promovendo reflexões sobre o tema. Inicialmente, foi importante indagar sobre a concepção pessoal do entrevistado(a) em relação ao cinema, buscando compreender como ele entende essa forma de expressão artística e como enxerga seu papel no contexto educacional. Bergala (2008) destaca a importância de refletir sobre a natureza do cinema e sua potencialidade na educação.

Em seguida, investigamos sobre a prática dos professores e professoras em relação ao uso de filmes em sala de aula, buscando compreender de que forma o cinema é incorporado no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, os desafios enfrentados ao utilizar o cinema na

sala de aula também são discutidos por Fresquet (2013), que aponta questões como a falta de recursos, a resistência institucional e a necessidade de formação docente específica. Portanto, foi fundamental refletir sobre as dificuldades e obstáculos encontrados pelos educadores(as) nesse contexto.

Julgamos necessário avaliar a percepção dos professores e professoras participantes em relação à Lei 13.006/2014 e seus possíveis impactos, tanto positivos quanto negativos. Foi de extrema importância para o estudo compreender como os professores(as) percebem essa Lei, bem como suas visões sobre as possibilidades de aplicabilidade na sala de aula.

A influência dos filmes utilizados em sala de aula na formação dos estudantes é um ponto crucial a ser debatido. Nesse sentido, exploramos como o cinema pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e críticas dos estudantes, conforme destacado por Napolitano (2019). A seleção criteriosa dos filmes a serem exibidos em sala de aula também foi um aspecto considerado na construção do quadro de perguntas.

Portanto, as perguntas selecionadas para esta entrevista buscaram, principalmente, aprofundar o debate sobre o uso do cinema na sala de aula. Essas questões visam promover reflexões sobre a natureza do cinema, a legislação relacionada, os desafios enfrentados pelos professores(as), o impacto na formação dos estudantes e a importância da escolha criteriosa dos filmes.

As entrevistas foram realizadas com professores/professoras de cinco escolas públicas e estaduais de Ourinhos. Os sujeitos da pesquisa são, ao todo, 12 professores/professoras com atuação nos anos finais (6º aos 9º anos) do ensino fundamental das escolas participantes desse estudo. Selecionamos para a entrevista apenas os professores(as) que utilizam – ou já utilizaram de alguma forma – o cinema em suas aulas. Essa seleção de participantes e contexto geográfico proporcionou uma representação significativa da realidade educacional da região, permitindo uma análise aprofundada das práticas pedagógicas relacionadas ao uso do cinema em sala de aula.

A amostra é composta de cinco escolas no total, o que representa aproximadamente 30% das escolas estaduais da cidade de Ourinhos. Como a pesquisa tem finalidade qualitativa, a amostragem não se apresenta como um limitador de resultados.

3.2 EXPLORAÇÃO INICIAL: DESBRAVANDO O TERRITÓRIO DE PESQUISA

A responsabilidade pelas escolas estaduais do estado de São Paulo é do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Educação. Sua estrutura está dividida em 91

Diretorias Regionais de Ensino, agrupadas em 15 Polos Regionais²⁵. Atualmente, a Diretoria de Ensino de Ourinhos possui uma equipe composta por 50 profissionais, que atuam em diferentes áreas, como administração, finanças, recursos humanos, planejamento e parte pedagógica. Além das atividades internas, a diretoria conta com a colaboração de 10 supervisores, que prestam suporte às 39 escolas localizadas nos 12 municípios abrangidos pela Diretoria²⁶. Esses supervisores trabalham para auxiliar os diretores(as), coordenadores(as) e professores(as).

A cidade de Ourinhos abriga um total de 13 escolas estaduais que atendem turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. A partir desse levantamento, mapeamos todas as escolas, coletando informações importantes, como localização, telefone para contato e período de funcionamento. Essas informações foram coletadas após uma visita presencial a Diretoria de ensino de Ourinhos (DERO).

Para viabilizar nossa pesquisa, foi necessário estabelecer um contato inicial com cada uma das escolas. Durante esse processo, apresentamos o projeto aos gestores/gestoras, destacando os objetivos e a metodologia adotada. Buscamos a permissão para conduzir a pesquisa e realizar as entrevistas com professores(as) de diferentes disciplinas que lecionam nessas escolas. Inicialmente, nossa ideia era entrevistar apenas os educadores(as) do componente de artes. No entanto, nos primeiros contatos com os gestores(as) e a equipe pedagógica, percebemos que os professores(as) de outras disciplinas, como Português, História, Ciências, entre outras, também desenvolviam projetos significativos envolvendo o cinema e suas respectivas disciplinas.

Ao nos depararmos com essa descoberta, percebemos que seria muito enriquecedor realizar um estudo que incluísse não apenas os professores/professoras do componente curricular de artes, mas também educadores de outros componentes, já que eles também utilizam filmes em suas aulas, e de forma tão, ou mais frequente do que os próprios educadores(as) do componente de artes. Esse primeiro contato com a equipe pedagógica das escolas participantes nos revelou que, para além do professor(a) de artes, existe um educador(a) de outros componentes que usa o cinema em suas aulas cotidianamente, seja como recurso pedagógico, complemento a um determinado tema, ilustração, sensibilização ou até mesmo em projetos grandiosos que envolvem a história do cinema e a produção de filmes. Por isso, decidimos não fechar a pesquisa para a perspectiva do ensino do cinema no componente de arte,

²⁵ Estas informações foram encontradas no site oficial da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, através do link: <https://www.educacao.sp.gov.br/institucional/a-secretaria/>

²⁶ Estas informações foram encontradas no site da Diretoria de Ensino da cidade de Ourinhos (DERO), através do link: <https://deourinhos.educacao.sp.gov.br/>

mas sim, ampliar para outras áreas do conhecimento, pensando o cinema a partir dele mesmo e na sua interface com a escola.

Essa etapa exigiu que fizéssemos visitas presenciais a cada uma das 13 instituições de ensino, onde nos reunimos diretamente com os coordenadores(as) e diretores(as) responsáveis. Todo esse esforço foi essencial para garantir a qualidade e o alcance da nossa pesquisa. Através desse contato pessoal com os gestores(as), pudemos estabelecer uma parceria colaborativa e obter as permissões necessárias para conduzir as entrevistas. Essa abordagem direta e presencial nos permitiu construir uma relação de confiança com as escolas e seus representantes, assegurando a participação ativa dos professores(as) no estudo.

É importante enfatizar que nem sempre as visitas nas escolas fluíram como o planejado. Primeiramente, enfrentamos dificuldades de locomoção, uma vez que as escolas estão espalhadas pela cidade de Ourinhos. Foram necessárias mais de duas semanas para conseguirmos visitar todas as 13 escolas. Calculamos uma média de pouco mais de 100 quilômetros percorridos somente nessa etapa inicial das visitas.²⁷

Outra dificuldade que podemos mencionar é o fato de que em algumas escolas as visitas precisaram ser feitas mais de uma vez devido à indisponibilidade do coordenador(a) ou diretor(a) para me atender. Em outros casos, o responsável não estava presente na instituição durante a visita. Portanto, foi necessário reorganizar minha programação para realizar as visitas que inicialmente não obtive sucesso. Assim, ajustamos a minha agenda de acordo com os compromissos dos gestores(as).

Essas visitas iniciais foram realizadas durante os períodos da manhã e tarde, no horário normal de funcionamento da escola. Essa experiência revelou algumas questões que não eram visíveis anteriormente, e que pude descobrir como pesquisadora. Percebemos, nesse primeiro momento, a sobrecarga de afazeres dos gestores(as) escolares, pois em algumas escolas, mesmo agendando um horário e dia para conversar, não foi possível encontrá-los disponíveis. Dessa forma, em algumas instituições, foram realizadas várias visitas até que fosse possível apresentar a proposta de estudo e solicitar a permissão para desenvolver a pesquisa.

De todas as 13 instituições de ensino com as quais estabelecemos esse primeiro contato, apenas cinco escolas concordaram em participar da pesquisa, sendo nomeadas neste estudo

²⁷ Aqui, gostaria de fazer uma breve menção e expressar minha gratidão ao meu pai, Reinaldo, que me acompanhou em todas as visitas às escolas, proporcionando auxílio e apoio durante semanas. A pesquisa de campo exigiu bastante esforço, mas teria sido impossível realizá-la sem a dedicação do meu pai, que, como um experiente caminhoneiro, calculou a quilometragem percorrida em todas as visitas e encontros com os professores/professoras para as entrevistas. Ao todo, compartilhamos uma jornada de mais de 160 quilômetros. Essas foram viagens desafiadoras, mas momentos que certamente estreitaram os laços entre nós.

como: E1, E2, E3, E4 e E5. É importante ressaltar que as visitas a essas escolas foram realizadas no final do ano de 2021 (entre novembro e dezembro) e retomadas no início do ano de 2022 (entre março e maio). Nesse período, ainda vivíamos em um cenário pandêmico, ocasionado pela Covid-19²⁸. Durante essa fase, as escolas haviam acabado de retomar suas atividades presenciais após um longo período de ensino remoto. Por esse motivo, muitos gestores/gestoras recusaram-se a participar do estudo. Muitos justificaram sua negativa afirmando que, uma vez que a escola estava retomando recentemente suas atividades e as medidas preventivas eram rigorosas, não achavam correto aceitar visitas frequentes de pessoas externas à escola. Certamente, se não fosse esse cenário, mais escolas teriam se juntado a este estudo²⁹. Considerando esse contexto, isso evidencia mais uma dificuldade para a realização da pesquisa de campo.

Para uma melhor visualização, elaboramos uma tabela orientadora das escolas participantes desta pesquisa, contendo algumas informações importantes sobre elas.

TABELA 1 – ESCOLAS PÚBLICAS E ESTADUAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA

NOME	NÚMERO DE TURMAS	NÚMERO DE ESTUDANTES	NÚMERO DE PROFESSORES	PERÍODO
E1	16	487	25	VESPERTINO/ MATUTINO
E2	8	201	9	VESPERTINO
E3	8	215	15	INTEGRAL
E4	8	212	14	INTEGRAL
E5	7	239	16	INTEGRAL

Fonte: Da autora, (2022).

As escolas participantes deste estudo estão todas situadas na zona urbana e estão

²⁸ A pandemia da COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que se espalhou rapidamente pelo mundo desde o seu surgimento no final de 2019. Caracteriza-se por ser altamente contagiosa e afetar principalmente o sistema respiratório, podendo causar sintomas leves a graves e até mesmo levar à morte.

²⁹ É importante ressaltar que o retorno presencial das aulas ocorreu de forma diferenciada em cada região, de acordo com a situação epidemiológica local e as orientações das autoridades de saúde. Em alguns casos, o retorno ocorreu de maneira híbrida, combinando aulas presenciais e remotas, enquanto em outras regiões o retorno foi exclusivamente presencial. A situação no início do retorno das aulas presenciais demandou adaptação contínua e monitoramento constante. Todas as visitas que realizei nas escolas respeitaram os protocolos de segurança exigidos por cada instituição de ensino.

distribuídas em diferentes áreas, cada uma delas com realidades sociais, econômicas e culturais distintas. Uma das escolas está localizada próxima ao centro da cidade, enquanto as demais estão em bairros um pouco mais distantes. Cada escola está situada em uma vila diferente, havendo pouca proximidade entre elas.

Através da pesquisa, pudemos observar e compreender questões que vão além do contexto das escolas que participaram do estudo. Ficou evidente que muitos dos professores e professoras pesquisados não se restringem apenas às instituições que aceitaram ser parte da pesquisa, mas também lecionam em outras escolas estaduais que optaram por não participar. Essa descoberta revela que esses educadores transitam por diferentes ambientes escolares, ampliando ainda mais a abrangência dos dados obtidos. Esse aspecto coloca em destaque a importância de considerar e analisar as experiências e práticas desses professores em um contexto mais amplo. Ao construir o objeto de pesquisa, nos deparamos com questões adicionais que se mostraram relevantes para uma compreensão mais abrangente da realidade desses educadores e de suas práticas pedagógicas.

Antes de iniciar um primeiro contato com os professores que atuam nessas escolas, a direção recebeu um termo de ciência do responsável pelo campo de pesquisa (conforme apêndice I), autorizando a realização da pesquisa. O termo de ciência é um documento importante que estabelece o consentimento do responsável pelo campo de pesquisa, neste caso a direção das escolas, para a realização do estudo. Ele evidencia a transparência e a responsabilidade ética de nossa parte como pesquisadores em obter a permissão necessária antes de iniciar qualquer contato com os sujeitos do estudo. No entanto, apenas após a aprovação do CEP³⁰ (Comitê de Ética em Pesquisa) que iniciamos a segunda etapa dessa pesquisa. Esse comitê, composto por especialistas na área, foi responsável por avaliar a adequação ética do projeto de pesquisa, garantindo a proteção dos participantes e a conformidade com as normas éticas e legais.

A aprovação do comitê de ética representa um selo de qualidade e validade desse estudo, assegurando que todas as medidas necessárias foram tomadas para garantir o respeito aos direitos e à privacidade dos participantes. É um passo essencial para garantir a integridade da pesquisa e a confiabilidade dos resultados obtidos. Portanto, ao obter a aprovação do comitê de ética, seguimos um procedimento rigoroso, demonstrando comprometimento com os princípios éticos e científicos. Isso fortalece a credibilidade da pesquisa e garante que a coleta de dados e o contato com os professores/professoras foram realizados de forma ética, responsável e

³⁰ Número do parecer substanciado do CEP: 5.339.584

respeitosa. O parecer consubstanciado do CEP está disponível no apêndice II deste trabalho. É importante enfatizar que no parecer, o título do trabalho consta como: “A linguagem cinematográfica nos anos finais do ensino fundamental: um estudo sobre a utilização do cinema nas escolas estaduais de ourinhos no período de 2014 a 2019”. O nome do trabalho foi modificado após a banca de qualificação, por sugestão de um dos membros, o Professor Dr. Daniel Momoli.

3.3 DESCOBRINDO O UNIVERSO DOS PROFESSORES E PROFESSORAS: NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO DE TROCAS

O percurso para a segunda etapa, já com algumas definições em mãos, foi fundamental para chegarmos ao nosso sujeito de pesquisa, e então, fazer a coleta de dados. Realizamos uma segunda visita às escolas, desta vez apenas nas instituições que concordaram em participar do estudo. Após recebermos a permissão das cinco escolas participantes, demos início ao levantamento dos professores interessados em participar da pesquisa. Estabelecemos o primeiro critério de participação, que consistia em lecionar para as turmas de 6º ao 9º ano. Não era necessário atuar em todas as turmas mencionadas, mas pelo menos em uma delas, uma vez que o foco da pesquisa era analisar a utilização do cinema exclusivamente nos anos finais do ensino fundamental, independentemente do ano ou da turma.

O segundo critério de participação era utilizar ou ter utilizado, em algum momento dentro do recorte temporal da pesquisa, o cinema em suas práticas pedagógicas. Observamos que a maioria dos professores(as) com quem entramos em contato, principalmente aqueles que lecionam o componente de Língua Portuguesa, já havia utilizado filmes em suas aulas em algum momento de sua trajetória como docente.

É um dado importante destacar que os professores(as) de Língua Portuguesa se destacaram como aqueles que frequentemente utilizam filmes em suas aulas. Inclusive, muitos desses professores(as), que ministram esta disciplina, já possuíam em seus históricos como educadores(as) projetos incríveis envolvendo o cinema e a leitura, explorando os gêneros textuais e cinematográficos, e até mesmo a produção de roteiros no cinema, entre outros aspectos. Alguns também relataram projetos em que os estudantes produziram roteiros que posteriormente resultaram em produções de curtas-metragens.

De maneira geral, durante as conversas informais que tivemos com os professores, percebemos que muitos deles já possuíam experiências, ainda que limitadas, no uso de filmes na sala de aula.

Após o levantamento desses profissionais, chegamos ao recorte final, contando com a participação de um total de 12 professores e professoras. Para convencê-los a participar desta pesquisa, estabeleci um diálogo franco, compartilhando minha trajetória na educação e enfatizando meu amor pelo cinema e pela pesquisa. Essa abordagem foi fundamental para estabelecer um vínculo com esses professores e professoras. Além disso, ressaltai a importância da pesquisa e como a contribuição deles era essencial para o seu desenvolvimento. Fiz questão de destacar que, assim como nos filmes, eles seriam os atores principais dessa experiência, desempenhando um papel fundamental na produção de conhecimento.

As entrevistas foram planejadas considerando a importância de estabelecer um ambiente acolhedor e propício à comunicação. Para isso, foram adotadas estratégias para criar um clima de confiança e empatia durante a entrevista. Dessa forma, como entrevistadora, um dos meus objetivos foi o de demonstrar interesse genuíno pelas experiências dos professores(as), ouvindo atentamente suas respostas e incentivando a expressão de opiniões e reflexões. Além disso, pensamos a condução dessas entrevistas de forma flexível, permitindo que os professores(as) pudessem compartilhar suas experiências de maneira livre e espontânea. Para isso, também foram utilizadas técnicas de sondagem e aprofundamento, fazendo perguntas adicionais quando necessário para obter mais detalhes ou esclarecimentos.

Antes da gravação, realizei uma explicação e esclarecimento junto educadores(as) participantes. Cada educador/educadora foi devidamente informado sobre a natureza da pesquisa e sobre como seus dados seriam tratados, assegurando a desidentificação das informações. Ressaltamos a importância da preservação de suas identidades e destacamos que as entrevistas teriam uma duração estimada entre 15 e 25 minutos. Todo esse processo foi embasado em uma metodologia cuidadosamente pensada, criada e estruturada para garantir a qualidade e consistência das entrevistas, conforme descrito.

Solicitamos autorização para a gravação das entrevistas e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (conforme apêndice III), que foi enviado pessoalmente aos professores(as) em suas respectivas escolas de atuação. Eles/Elas foram orientados a assinar o TCLE e entregá-lo novamente à pesquisadora, garantindo o adequado armazenamento do material. As entrevistas foram conduzidas nas escolas onde cada professor(a) atua, sendo necessário apenas o deslocamento da pesquisadora.

Além disso, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas em diferentes tipos de lugares dentro da escola, algumas na sala dos professores/professoras, outras na biblioteca. Todas elas foram gravadas com um aparelho celular e com o recurso de gravação de um notebook. Os professores(as) também assinaram o Termo de autorização do uso de voz

(conforme apêndice IV), autorizando a gravação e o uso dessas falas na análise do estudo.

Para obter dados completos e construir um perfil detalhado dos participantes da pesquisa, inicialmente solicitamos que os professores(as) preenchessem uma ficha de identificação do sujeito de pesquisa (conforme apêndice V). Essa etapa foi fundamental para coletar informações relevantes sobre cada professor/professora, permitindo-nos traçar um perfil abrangente dos participantes. Ao analisar esses dados, foi possível obter informações valiosas e desenvolver uma compreensão mais profunda das características e particularidades de cada participante.

Dos 12 professores e professoras que integraram o estudo, a faixa etária variou de 27 a 60 anos, com uma distribuição diversificada ao longo dessa faixa etária. Todos os professores(as) possuem formação superior, sendo a maioria pós-graduada e alguns em processo de conclusão de pós-graduação. Dos 12 professores(as) entrevistados, sete fizeram faculdade particular e cinco frequentaram instituições públicas. Apenas três dos entrevistados(as) cursaram a graduação na modalidade a distância. A distribuição entre faculdades particulares e públicas indica uma presença significativa de professores(as) que realizaram sua formação em instituições privadas. Isso pode ter implicações nas perspectivas e abordagens pedagógicas dos participantes, uma vez que as instituições de ensino têm diferentes características, enfoques e recursos disponíveis. Além disso, é interessante observar que apenas dois dos participantes possui tanto mestrado quanto doutorado já concluídos, destacando-se em termos de qualificação acadêmica.

No que diz respeito à representatividade de gênero, a pesquisa contou com a participação de nove professoras do sexo feminino e três professores do sexo masculino. Quanto à formação específica em cinema, constatou-se que apenas um dos participantes possui alguma formação nessa área, tendo realizado um curso livre relacionado ao cinema. Outro aspecto relevante a ser destacado é a predominância de professores(as) de Língua Portuguesa entre os participantes. Dado o maior número de aulas dedicadas a esse componente na grade curricular dos anos finais do ensino fundamental, é natural que haja uma representatividade mais expressiva desses docentes na pesquisa.

Para identificar os participantes no relatório de pesquisa, mais um procedimento metodológico foi adotado. Assim, foi sugerido a cada um que escolhesse um pseudônimo, preservando dessa forma a identidade dos sujeitos da pesquisa. Essa medida foi implementada com o objetivo de garantir a confidencialidade e privacidade dos participantes, evitando a divulgação de suas informações pessoais. Dessa forma, ao adotar pseudônimos, buscamos assegurar que seus nomes reais não sejam associados publicamente aos resultados da pesquisa,

tanto durante as entrevistas quanto nos relatórios subsequentes.

Para uma visualização mais completa e abrangente do perfil dos professores participantes deste estudo, desenvolvemos um quadro detalhado que engloba não apenas os pseudônimos escolhidos por cada professor/professora, mas também informações relevantes como idade, componente curricular que leciona e as turmas em que atuam. Esse quadro nos permitiu ter uma visão panorâmica das características individuais de cada participante, facilitando a identificação de padrões e tendências em relação à distribuição dos educadores/educadoras em diferentes disciplinas e faixas etárias.

QUADRO 4 – PERFIL DOS PROFESSORES PARTICIPANTES

PSEUDONIMO ESCOLHIDO	IDADE	COMPONENTE QUE LECIONA	TURMAS QUE ATUA
LUNA	35	CIÊNCIAS	6º e 9º ano
SOFIA	47	LÍNGUA PORTUGUESA	7º, 8º e 9º ano
ÍNDIA	32	LÍNGUA PORTUGUESA	6º e 8º ano
LUCIA	48	LÍNGUA PORTUGUESA	6º ao 9º ano
MALFATI	29	ARTE	6º ao 9º ano
DIANA	27	MATEMÁTICA	8º e 9º ano
ITALIANO	53	ARTE	6º ao 9º ano
APOLO	60	HISTÓRIA	7º ano
SOL	48	ARTE	7º ao 9º ano
ROCKY	40	ARTE	6º ao 9º ano
ELIZABETH	51	HISTÓRIA	6º ao 9º ano
MONALISA	49	LÍNGUA PORTUGUESA	9º ano

Fonte: Da autora, (2022).

Durante a realização das entrevistas com os professores(as), ao escutar atentamente suas falas e reflexões, pude estabelecer conexões significativas entre as suas experiências e o referencial teórico presente nesta pesquisa. À medida que os professores(as) compartilhavam suas práticas pedagógicas, suas visões sobre o cinema e a educação, e suas percepções sobre o impacto dessa arte na aprendizagem dos estudantes, fui traçando paralelos com os estudos de Bergala (2008), Fresquet (2013), Napolitano (2019), entre outros autores/autoras fundamentais para construção desta pesquisa. Assim, durante as entrevistas, foi possível perceber desde cedo a emergência de certas categorias que poderiam ser selecionadas para análise. Diversos professores(as) expressaram preocupações e desafios semelhantes, como a falta de recursos

disponíveis, a dificuldade em manter a concentração dos estudantes e outros aspectos pertinentes ao contexto educacional. Essas semelhanças nas falas dos professores(as) proporcionaram um primeiro esboço das categorias que seriam exploradas posteriormente na análise dos dados. Todas essas entrevistas foram transcritas e constam no apêndice VI deste trabalho.

CAPÍTULO 4 – EM BUSCA DE SENTIDOS: UMA JORNADA DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Existe algo mais importante que a lógica: a imaginação!” _Alfred Hitchcock.

4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, adentramos em uma etapa crucial da minha dissertação, em que exploramos os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo. Dessa forma, buscamos compreender as nuances e significados dos dados coletados, mergulhando nas práticas e perspectivas dos professores e professoras em relação ao uso do cinema na escola.

A citação provocativa de Alfred Hitchcock, "Existe algo mais importante que a lógica: a imaginação!", nos convida a refletir sobre o papel fundamental da imaginação no contexto do cinema e da educação. Assim como um cineasta utiliza a imaginação para construir narrativas cinematográficas impactantes, a análise dos dados nos convida a utilizar a imaginação como uma ferramenta poderosa para interpretar e compreender os resultados obtidos. É nesse exercício de imaginação que desvendamos os significados ocultos nos números, as tendências que emergem das informações, os padrões e as conexões que nos permitem enxergar além da superfície.

É relevante ressaltar que, embora a pesquisa não tenha abrangido todos os aspectos de forma exaustiva, sua conexão reside na busca por compreender como os professores e professoras estão utilizando o cinema em suas práticas educacionais. Através das entrevistas realizadas com professores(as) de diferentes disciplinas em escolas públicas e estaduais, buscamos desenvolver os modos de inserção do cinema na sala de aula e explorar as instruções pedagógicas dessas práticas.

Como pesquisadora, tive a oportunidade de ir ao encontro dos sujeitos envolvidos no contexto da sala de aula e explorar suas perspectivas em relação ao uso do cinema como recurso pedagógico. Essa abordagem de pesquisa, embora não tenha sido capaz de abranger totalmente a diversidade de dados existentes, revelou-se extremamente relevante. Ao me aproximar dos professores que estão no chão da sala de aula e que utilizam efetivamente o cinema em seu trabalho, pude adentrar em um universo rico de experiências, desafios e possibilidades. O fato de ter ido ao encontro dos professores(as) revela a importância de compreender as práticas reais e as necessidades dos profissionais que estão na linha de frente do processo educativo.

Nesse sentido, a análise de conteúdo³¹, embasada na abordagem proposta por Bardin (1977), foi a técnica escolhida para a apreciação dos dados, estabelecendo uma relação entre os dados coletados e as teorias estudadas. Essa metodologia permitiu ir além do conteúdo aparente, buscando os significados subjacentes nas narrativas dos professores entrevistados. Através desse processo analítico, categorias e padrões foram identificados e discutidos.

A realização de conexões prévias com o referencial teórico foram fundamentais para uma compreensão mais aprofundada das narrativas dos professores(as) e a análise dos dados coletados. Ao ouvir atentamente as perspectivas dos professores(as), os conceitos e ideias explorados pelos estudiosos mencionados foram trazidos à tona, possibilitando a identificação de similaridades, divergências e potenciais pontos de convergência entre a teoria e a prática docente. Essa interação entre a teoria e a voz dos professores(as) enriqueceu consideravelmente a análise dos dados.

A relação estabelecida entre o referencial teórico e as vozes dos professores(as) entrevistados desempenhou um papel significativo na análise dos dados, proporcionando uma base sólida para a compreensão dos contextos e dos significados atribuídos à utilização do cinema na sala de aula. Essa abordagem teórico-prática permitiu uma compreensão mais abrangente e aprofundada do fenômeno investigado, oferecendo subsídios para a formulação de considerações e conclusões embasadas tanto na vivência dos professores quanto na produção acadêmica existente.

Os resultados apresentados foram obtidos através da escuta de professores e professoras por meio de entrevista semiestruturada realizada com educadores(as) de diferentes disciplinas de cinco escolas públicas e estaduais da cidade de Ourinhos/São Paulo. Os entrevistados escolheram um pseudônimo pelo qual gostariam de serem identificados nos relatórios da pesquisa. Como descrito anteriormente, os pseudônimos escolhidos foram: Luna, Sofia, Índia, Lucia, Angelina, Diana, Italiano, Apolo, Sol, Rocky, Elizabeth, e Monalisa.

Com base nos estudos e reflexões realizados sobre o tema, procedemos à leitura dos materiais coletados durante a pesquisa de campo, com o objetivo de identificar elementos, ideias e expressões que se relacionem às questões abordadas neste estudo e que atendam aos objetivos propostos. Através dessa análise e exploração do material coletado, serão estabelecidas categorias que serão minuciosamente discutidas e analisadas ao longo deste trabalho.

³¹ São três fases de análise propostas pelo autor: a “Pré-análise” que compreende o que o autor chama de “leitura flutuante” do material coletado, a “exploração do material” onde é realizada a categorização dos dados, e por último o “tratamento dos resultados” onde o pesquisador deverá ir além do conteúdo evidente, e buscar os significados daquilo que está por trás da aparente realidade. (BARDIN, 1977)

4.2 REFLEXOS E ENCANTOS: OS RASTROS DO CINEMA NA TRAJETÓRIA DOS PROFESSORES E PROFESSORAS EM OURINHOS

Os 12 professores(as) que fizeram parte desta pesquisa participaram de uma entrevista com o intuito de escutá-los sobre suas práticas pedagógicas em relação ao uso do cinema em sala de aula. Durante a realização de cada entrevista, pude conhecer e desvelar os modos de apresentação da linguagem cinematográfica a partir das práticas de professores e professoras de diferentes disciplinas. Além disso, foi possível enxergar o cinema através dos olhos desses professores(as), que desempenham um papel fundamental na introdução dessa arte na escola. Sem o professor(a), sua dedicação, empenho e vontade, não é possível ampliar os horizontes entre o estudante e o cinema. A possibilidade desse encontro é concedida, mediada e planejada pelo educador(a). É necessário ter desejo, curiosidade e disponibilidade para que o professor(a) promova não apenas o acesso, mas também o conhecimento dessa linguagem. Outro elemento indispensável é a paixão o sentir, a vontade de ver e fazer cinema na escola.

Nesse sentido, é importante entender, primeiramente, como esses professores(as) enxergam o cinema e o que essa linguagem significa para eles/elas. Quando foram questionados sobre isso, muitos professores(as) relacionaram o cinema como uma representação da vida e dos sonhos. A seguir, apresentamos algumas das falas coletadas:

O cinema é a oitava maravilha! É a expressão da arte. É importantíssimo para a formação do ser humano, na construção da sua cultura e da sua identidade. É distração, entretenimento, mas também é ensinamento. (Monalisa)

O cinema para mim é a representação da vida, é arte! É você viver a vida na tela do cinema, uma representação diária da vida. (Sofia)

Ah, o cinema é arte, é a vida! (Índia)

O cinema é a sétima arte, eu acho que o cinema, é o mundo da imaginação, onde você pode viver outras emoções, tanto o espectador quanto o ator, que vivencia um momento que ele pode se transformar e fazer o sonho virar realidade. (Rocky)

É uma realidade paralela onde você fantasia os sonhos, emoções. Aliás, uma realidade não, um local para você sonhar, para você ficar fora do mundinho da realidade e transportar sonhos. (Luna)

As falas escolhidas demonstram uma definição do cinema como uma arte que propicia ao indivíduo uma experiência cheia de emoções, uma vivência capaz de dar vida aos sonhos e fantasias que permeiam nossa imaginação, nossos pensamentos. Por isso, o cinema é visto como um local onde é possível escapar da realidade cotidiana e transportar-se para um mundo de sonhos e fantasias.

Notamos também uma valorização significativa do cinema como uma forma de arte e expressão. Os professores/professoras destacam sua importância na formação do ser humano, na construção da cultura e identidade. Para eles e elas, o cinema vai além de mero entretenimento, sendo reconhecido como uma ferramenta essencial para o enriquecimento pessoal e cultural.

Quando questionada sobre a contribuição do cinema para a formação do aluno/aluna, a professora Sofia deu a seguinte resposta:

O cinema representa a vida! Às vezes você fala tanto sobre um tema e o aluno não consegue absorver aquilo. O filme traz a imagem, ele traz o áudio, a música, traz a ambientação e tudo isso ajuda. É uma coisa a mais que somente as palavras ou do que aquela aula expositiva, cansativa do professor. Então trabalhar com o cinema traz muitos benefícios para nossos alunos. (Sofia)

A fala acima corrobora com o que diz Fresquet (2013, p. 23) em relação a potencialidade das imagens do cinema para o aprendizado de um aluno ou aluna, pois diante de um filme ele/ela torna-se capaz de “observar, selecionar, comparar e interpretar”. Além disso, as imagens do cinema permitem que crianças e adolescentes estabeleçam conexões entre o que já viram, viveram ou aprenderam em outros momentos com o que estão vendo na tela.

No trecho exposto, também é possível inferir que a professora vê o cinema no espaço escolar como uma forma de escapar do "tradicional". Ou seja, o cinema tem o potencial de despertar o interesse, a atenção e a curiosidade dos alunos e alunas. Além disso, a professora destaca a capacidade de um filme em potencializar a aprendizagem do estudante, proporcionando uma experiência de aprendizado que vai além do que uma aula expositiva poderia oferecer. Isso ocorre devido à linguagem cinematográfica, que permite ver, ouvir e sentir por meio de imagens, sons, cores e cenários. Muitas vezes, é necessário mais do que palavras para captar a atenção e a compreensão dos alunos/alunas em relação a um determinado tema, e a professora evidencia essa necessidade. Vivemos em uma sociedade onde o consumo de mídias audiovisuais aumenta a cada dia, e, por isso, "ver filmes é uma prática social tão importante no que diz respeito à formação cultural e educacional das pessoas quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e muitas outras" (DUARTE, 2002, p. 17).

No entanto, existem potencialidades muito maiores no cinema do que apenas a questão de fazer com que o estudante visualize e compreenda, por meio de uma obra cinematográfica, o tema trabalhado pelo educador(a). Nesse sentido, podemos analisar que a visão da professora sobre a contribuição dos filmes está limitada a uma ideia de que estes são apenas ferramentas lúdicas e atrativas para estudantes e professores(as), contribuindo para a sistematização e

contextualização de um tema.

Alguns professores e professoras também evidenciaram um aspecto que certamente é muito lembrado quando pensamos em cinema: o entretenimento, a diversão! Além disso, esses educadores(as) não se esqueceram de relacionar o cinema com a educação, mostrando que enxergam essa arte como uma poderosa ferramenta interdisciplinar. Como exemplo, apresentamos algumas falas:

Ah, para mim é uma diversão na verdade. Gosto muito de ir ao cinema, e o que eu gosto mesmo são filmes específicos da Disney, eu não perco um, é entretenimento puro! (Diana)

Bom, para mim o cinema contribui bastante para o desenvolvimento de informações. Ele contribui também, historicamente, para a questão do futuro, porque ele traz questões futurísticas, mas também em muitas vezes aborda situações que ocorreram no passado. Então acho que o cinema contribui muito para a cultura. Como sou professora de história, o cinema é uma ferramenta que me auxilia muito. (Elizabeth)

O cinema é uma linguagem dinâmica que é capaz de despertar – relacionando agora a minha área – muitos jovens para o mundo da literatura, pois muitos desses jovens num primeiro momento assistiram um filme baseado em um livro e isso despertou a curiosidade deles em ler o livro. Então eu acredito que o cinema é um caminho muito viável na educação, de modo geral, mas na minha opinião principalmente para leitura. (Lucia)

A partir das falas expostas, nota-se um olhar mais utilitarista para a linguagem do cinema. Na fala da professora Diana, percebe-se uma visão limitada do cinema como entretenimento e como forma de diversão escapista. Já nas falas das professoras Elizabeth e Lucia, evidenciamos um olhar interdisciplinar para essa arte, onde realizam uma ligação direta com seus respectivos componentes de ensino. Para Elizabeth, o cinema pode desempenhar um papel importante na preservação e divulgação da memória coletiva, além de ser uma ferramenta valiosa para o ensino da história. Já para Lucia, o cinema pode ser utilizado como um recurso pedagógico para incentivar a leitura e estimular a imaginação dos estudantes. Ao criar conexões entre filmes e obras literárias, o filme pode funcionar como uma ponte que facilita a transição dos estudantes do mundo audiovisual para o mundo da leitura.

Essa visão conteudista do cinema ficou muito mais evidente ao longo das entrevistas de grande parte dos professores e professoras participantes deste estudo. Pudemos observar, a partir dessas e de outras falas, o quanto o trabalho com filmes no espaço escolar ainda é carregado de preconceitos e estigmas. Outros pontos, assim como esse, foram frequentemente sinalizados. Dessa forma, após a realização de um estudo aprofundado dos dados coletados, elencamos as seguintes categorias para a realização da análise individual de cada uma delas: I. Abordagem conteudista. II. A falta de concentração. III. Análises contrastantes da Lei 13.006:

reflexões além do consenso. IV. Atenção à classificação indicativa. V. Recursos e materiais. Nos próximos tópicos, descrevemos as análises realizadas referentes a cada uma das categorias elencadas.

4.2.1 Abordagem conteudista

Com base nas entrevistas realizadas, foi possível perceber o quanto ainda está enraizada a cultura de passar um filme na sala de aula para complementar ou ilustrar um conteúdo que está sendo trabalhado pelo professor ou professora. Essa abordagem de caráter utilitarista, apesar de ser muito criticada por alguns autores e autoras que defendem o uso do cinema como arte, é uma prática recorrente da maioria dos docentes entrevistados. Quando perguntados sobre a forma como utilizam os filmes dentro da sala de aula, alguns deles responderam:

Eu uso de forma bem direcionada, somente quando o currículo pede. (Malfati)

Geralmente uso o filme quando eu termino um conteúdo. Eu procuro algum filme que tenha relação com o conteúdo trabalhado para passar aos alunos. Por exemplo, no 6º ano quando trabalhamos sobre a mente e todas as suas partes eu passo aquele trecho do filme Divertidamente. Então eu vou associando alguns filmes com o conteúdo. (Luna)

Então, normalmente eu tento inserir algum filme na aula, um filme que aborde o conteúdo que os alunos estão trabalhando. Eu tento selecionar alguns filmes ao longo do ano para poder ilustrar o conteúdo. (Elizabeth)

Nas artes eu costumo trabalhar filmes dentro da linguagem da arte mesmo, por exemplo, filmes que falem de pintores, escultores, de músicos, de personalidades da história, poetas, têm uma série de filmes interessantes que condizem inclusive com outras disciplinas. (Italiano)

A partir das falas acima, é possível inferir que estes professores(as) enxergam o filme apenas como um recurso que serve para complementar ou ilustrar algum conteúdo trabalhado. Nesse sentido, é possível notar que os filmes são escolhidos a partir do conteúdo que estes educadores(as) desejam desenvolver. Assim, a obra não possui um valor por ela mesmo, ou pelo que representa e significa.

Dessa forma, os filmes são apresentados como instrumentos didáticos, usados para sensibilizar os estudantes em relação ao tema proposto pelo currículo escolar. Essa prática é defendida por Napolitano (2009, p. 19), que nos traz em seus estudos várias formas de trabalhar com o cinema na escola por meio dessa perspectiva. No entanto, o próprio autor faz diversas ressalvas sobre essa prática, bem como evidência a importância de que educador/educadora também trabalhe com seu aluno(a) o aspecto artístico do cinema, e não só apenas o conteúdo, a

temática ou a discussão que o filme traz em sua trama. Segundo ele, “o filme como “ilustração”, incremento e reforço de um conteúdo curricular não é a forma mais adequada, metodologicamente falando, de se utilizar o cinema na escola, embora possa ser a mais comum”. O autor também esclarece que o papel de mudar essa perspectiva é de todos aqueles que estão envolvidos com o uso dessa arte no espaço escolar.

Ao analisarmos mais a fundo e isoladamente a fala do professor Italiano, que leciona o componente de artes, notamos que apesar do cinema ser considerado uma arte, o educador busca essa linguagem dentro do seu componente para trabalhar os conteúdos de outras linguagens artísticas (pintura, escultura, música e outras). A arte é certamente o componente em que o professor possui mais liberdade para trabalhar com o cinema dentro de uma perspectiva artística. No entanto, em nenhum momento, o educador menciona o uso dos filmes em sala de aula com a finalidade de estudar as características e peculiaridades próprias da linguagem cinematográfica. Isto é, o cinema também acaba sendo esquecido dentro do próprio componente de artes, em detrimento de outras linguagens.

Ao serem perguntados/perguntadas em relação aos critérios utilizados para escolher um filme que será apresentado aos estudantes, podemos identificar o conteúdo sendo elencado como prioridade para alguns professores.

Procurar um filme que esteja ligado com o conteúdo programático que eu tenho que seguir, então na verdade o filme não vem para preencher um espaço vazio, ele deve vir para completar. Eu procuro sempre ligar o conteúdo que estou trabalhando nas aulas de história com o filme. Então o filme seria um complemento. Esse seria o maior critério, o conteúdo. (Apolo)

Se ele vai agregar aquilo que eu estou passando para o aluno, a matéria, o conteúdo... Se ele vai agregar ou não. (Malfati)

O Principal critério é entrar no conteúdo de matemática. Algo que eu possa trabalhar isso futuramente, não só sendo um filme pra diversão, por exemplo. Então trabalhar essa parte da matemática, trabalhar os conteúdos, trabalhar os matemáticos... Então teria que encaixar com o currículo. (Diana)

Procuro ver se a linguagem do filme é apropriada para os alunos, se o tema que o filme aborda está dentro do conteúdo que estou trabalhando, para que assim eles possam estar absorvendo melhor os conteúdos. (Luna)

O primeiro critério é com certeza o conteúdo que eu estou trabalhando, porque é isso que vai fazer ter um significado para o aluno. (Elizabeth)

Primeiro ele precisa fazer relação com o texto que eu vou trabalhar, com a obra que eu vou trabalhar. (Lucia)

Com base nas falas expostas, podemos inferir que estes educadores/educadoras só enxergam potencialidade no uso dos filmes quando a obra trabalhada se relaciona com o

conteúdo estudado pelos estudantes. Esse é o critério para a apresentação de uma obra fílmica: fazer relação com o conteúdo programático. Percebemos, mais uma vez, que embora o seu uso seja realizado, o cinema não é reconhecido como arte. Não há o reconhecimento da prática de ver filmes a partir de uma dimensão artística, pensando o filme como obra de arte ou como a marca de um processo criativo, como aponta Bergala (2008). Mas, por que isso acontece? Por que em uma sociedade contemporânea onde as mídias audiovisuais estão cada vez mais presentes, o trabalho com as imagens continuam sendo realizados apenas com uma finalidade conteudista? Por que o professor ou professora continua reproduzindo essa prática em sala de aula?

Duarte (2002) chama a atenção para este fato, e explica que essa dificuldade existe porque se reconhece o cinema como a arte do entretenimento, ou da diversão escapista, pois vivemos em uma cultura que enxerga a produção audiovisual como espetáculo da diversão. Para a autora, grande parte dos professores(as) fazem o uso dessa arte com a ideia de “ilustrar, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes confiáveis” (DUARTE, 2002, p. 87).

Bergala (2008) é certamente um dos autores que mais abominam a ideia da apresentação do cinema na escola por um viés conteudista. O autor explica o porque muitos professores/professoras ainda trabalham a partir dessa abordagem, afirmando que:

O medo dos professores face a esse novo objeto, o filme, para o qual eles não haviam sido formados, fez com que se apegassem a modelos de análise mais familiares, que eles já praticavam principalmente com a literatura. Partir do conhecido para abordar o menos conhecido é o contrário da exposição à arte como alteridade, e geralmente conduz a um afastamento da verdadeira singularidade do cinema. O medo da alteridade muitas vezes nos leva a anexar um território novo ao antigo à moda colonialista, não enxergando no novo senão aquilo que já se sabia ver no antigo: Ora, o cinema tem exatamente a vocação contrária: a de nos fazer compartilhar experiências que, sem ele, nos permaneceriam estranhas, nos dando acesso à alteridade. Essa proeminência do aspecto linguageiro do cinema muitas vezes foi promovida por professores bem intencionados, legitimamente preocupados em evitar a ameaça permanente de instrumentalização do cinema nas salas de aula, que consiste em escolher os filmes e assisti-los unicamente em função da possibilidade de explorar seus temas nas aulas de história ou de literatura, por exemplo.

O autor aponta o receio dos professores/professoras em relação ao trabalho com o cinema algo determinante para a reprodução dessa prática conteudista, evidenciando o fato de que os mesmos não receberam uma formação adequada para esse trabalho. Dessa forma, as lacunas existentes na formação dos docentes contribuem para o uso instrumentalista do cinema. Rizzi (1999), por exemplo, elenca a desmotivação e o despreparo por parte do professorado um dos motivos do não uso, ou do uso equivocado dessa linguagem, e por isso, o problema mais

grave e urgente a ser resolvido seria formar educadores(as) capazes de trabalhar com o cinema no âmbito escolar. Um exemplo citado para superar esse problema seria a realização de cursos de formação realizados no espaço escolar, adaptando o conteúdo a realidade e condições de trabalho do professor/professora, propiciando a todo o corpo docente da instituição uma mesma formação com foco na construção de um ambiente voltado para a produção, apreciação e consumo de obras filmáticas.

Com base na análise de algumas falas, foi possível notar outro aspecto que pode ser determinante para a questão do uso conteudista dos filmes por parte de alguns educadores: os estigmas e preconceitos envoltos no trabalho com o cinema no espaço escolar. Como exemplo, trouxemos os seguintes trechos:

As pessoas pensam que se você está passando um filme, você está matando aula. Eu estou quebrando esse paradigma, isso não é matar aula, é apreciar a arte, a gente precisa parar e apreciar, para aprender a arte tem que sentar-se e apreciar. Como na escola eu vou falar de cinema, teatro, dança, se eles não tem o repertório? Mas ainda existe o preconceito de estar matando aula e tem professor que tem medo de trabalhar por isso, por esse paradigma. (Rocky)

Infelizmente alguns professores que não são da área dizem que o professor está enrolando, passando um filme para ganhar tempo, para enrolar, então é uma coisa que nós sofremos com isso em sala de aula. (Italiano)

Uma dificuldade na minha opinião é o fato de que o próprio ambiente escolar, sempre envolto em outras demandas, outras preocupações, nunca incentiva e apoia o trabalho com o cinema na escola, acham que o professor passa o filme só pra ficar sem fazer nada, existe esse pensamento. (Sol)

Por meio das falas apresentadas, é possível inferir que a ação de exibir filmes na escola ainda é vista por alguns educadores(as) e gestores(as) com certo preconceito, tendo o filme como um substituto do trabalho do professor/professora. Percebemos que há um receio no trabalho com o filme por concepções equivocadas sobre o uso do cinema em sala de aula, estigmas criados que ainda se perpetuam em nossa sociedade atual, que ao longo dos anos se tornou uma grande consumidora de produtos audiovisuais. Mas, nesse sentido, não existe uma contradição? Se somos tão dependentes e integrados aos meios audiovisuais, por que o uso dos filmes ainda é visto desse modo?

Existe uma grande desvalorização do uso do filme – e de outros meios audiovisuais – como forma significativa na formação humana. Há uma ideia de que “a relação com o cinema atua de modo negativo na formação de leitores e contribui para o desinteresse por atividades pedagógicas assentadas em linguagem escrita” (DUARTE, 2002, p. 21). Esse é um dos motivos pelos quais o filme é apresentado no espaço escolar de forma tão utilitarista, necessitando estar

sempre conectado com o conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula, pois nessa perspectiva, somente dessa forma o cinema poderá agregar na aprendizagem do estudante.

Perguntamos para a professora identificado como Malfati se ela considerava a Lei 13.006/2014 uma iniciativa positiva ou negativa, como resposta, obtivemos a seguinte fala:

Depende do olhar... Eu acho que positiva aos olhos dos alunos, que precisam desse ensino. Mas também é negativa, pelo lado do professor, porque talvez não case com a matéria aquele determinado filme, ou talvez o aluno intérprete da seguinte forma: “Ah, mas o professor quer só ficar passando filme”. Então depende do olhar. (Malfati).

Mais uma vez, evidenciamos a preocupação com a necessidade do filme ir ao encontro da matéria trabalhada pelo professor/professora. Muito dessa visão em relação a prática de ver filmes no âmbito escolar, tanto dos estudantes, como dos professores/professoras, também vem da concepção do cinema como uma diversão e entretenimento, não como arte. É possível modificar esse cenário, mas para isso, é necessário estimular o interesse e o gosto pelo cinema, e isso só é possível quando disponibilizamos tempo e espaço para a apreciação de diferentes tipos de filmes. Nesse sentido, a escola é o lugar ideal para compartilhar e valorizar essa prática, entendendo a importância que os filmes tem na formação do indivíduo, assim como os livros, por exemplo.

A partir desta fala, também identificamos que apesar da professora considerar a exibição de filmes nacionais importante para o ensino de crianças e adolescentes, existe o receio de que o próprio estudante interprete essa prática do professor/professora como uma “fuga” de seu trabalho. A fala também desvela a questão do estigma e do preconceito que os professores(as) podem enfrentar ao utilizar filmes em sala de aula, pois observamos que essa é uma preocupação real e presente na fala de Malfati. Infelizmente, essa percepção evidencia a persistência de um estereótipo que associa a exibição de filmes na escola à mera distração ou falta de compromisso com o ensino. Esse estigma pode levar os estudantes a interpretarem erroneamente a intenção do professor/professora, reduzindo a importância pedagógica do recurso audiovisual e subestimando seu potencial educativo e artístico.

Essa interpretação negativa pode surgir devido à falta de compreensão sobre a diversidade de formas de aprendizagem e ao valor que o cinema pode agregar ao processo educacional. Para Almeida (2010, p. 12) “o preconceito em relação ao cinema como uma ferramenta pedagógica é alimentado pela ideia de que o cinema é uma forma de entretenimento sem valor educativo, e que não pode ser usado para promover a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos”. Entretanto, segundo o autor, essa perspectiva é equivocada e

restritiva, o que acaba por impedir que os educadores(as) usufruam de todo o potencial do cinema em sala de aula.

Além disso, esse estigma também pode ser resultado de uma concepção ultrapassada de que o ensino deve se restringir exclusivamente aos métodos tradicionais, como o uso de giz e quadro (SOARES, 2002). Essa resistência à inovação e à incorporação de recursos audiovisuais na sala de aula acaba perpetuando a uma visão limitada do papel do professor(a). Ao analisar a fala da professora, fica evidente que este preconceito dificulta a exploração plena das possibilidades do cinema na escola. Nesse sentido, ao enfrentar o estigma associado ao uso de filmes, é fundamental que os professores e professoras estejam conscientes do potencial dessa arte e do papel transformador que ela pode desempenhar na sala de aula. Como afirma Freire, "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (1996, p. 34). Ao desafiar os estereótipos e estimular a participação crítica dos estudantes, os professores e as professoras podem superar os preconceitos enraizados e promover uma educação mais democrática e transformadora, conforme defendido por Freire.

O professor Rocky, também fala sobre essa questão em sua entrevista, e afirma que:

As pessoas pensam que se você está passando um filme, você está matando aula. Eu estou quebrando esse paradigma, isso não é matar aula, é apreciar a arte, a gente precisa parar e apreciar, para aprender a arte tem que sentar-se e apreciar. Como na escola eu vou falar de cinema, teatro, dança, se eles não tem o repertório? Mas ainda existe o preconceito de estar matando aula e tem professor que tem medo de trabalhar por isso, por esse paradigma (Rocky).

Na fala apresentada, o professor Rocky também expressa a percepção equivocada de algumas pessoas em relação ao uso do cinema como ferramenta pedagógica. Ele menciona a crença de que exibir um filme em sala de aula seja equivalente a "matar aula". No entanto, destaca seu objetivo de quebrar esse paradigma, enfatizando que assistir a filmes é uma forma de apreciar a arte, argumentando que, para ele, aprender sobre arte é dedicar tempo para sentar-se e apreciar. Ao analisar além do conteúdo aparente, podemos inferir algumas ideias subjacentes na fala. Primeiramente, percebe-se a preocupação em combater o preconceito e o estigma associados ao uso do cinema como recurso educacional. O professor reconhece que há professores/professoras que têm receio de trabalhar com filmes na sala de aula devido a esse paradigma estabelecido. Essa observação sugere a existência de barreiras e resistências que limitam a incorporação de recursos audiovisuais no contexto educacional.

Além disso, a fala revela a importância atribuída ao repertório dos alunos e alunas como base para abordar e compreender a arte. Essa reflexão indica uma preocupação com a

necessidade de promover o acesso e a ampliação do repertório cultural dos estudantes, a fim de enriquecer sua educação e compreensão do mundo artístico. Assim, o professor Rocky busca superar a visão limitada de que exibir um filme é apenas uma forma de "matar aula", enfatizando a valorização da arte como ferramenta educacional e cultural.

4.2.2 A falta de concentração

Citada recorrentemente nas entrevistas realizadas, a falta de concentração por parte dos estudantes no momento da exibição de um filme foi evidenciado como um dos maiores desafios a ser enfrentado pelo professor/professora no trabalho com o cinema na escola. Dessa forma, essa categoria aponta para um desafio enfrentado pelos professores/professoras ao introduzir o cinema na sala de aula. Muitos dos educadores(as) entrevistados, relatam que ao apresentar um filme, os estudantes esboçam reações como desinteresse, sono, falta de concentração e distraem-se facilmente, fazendo uso de celulares durante a exibição. Quando perguntados sobre as dificuldades de se trabalhar com o cinema no âmbito escolar, alguns docentes responderam o seguinte:

Hoje a maior dificuldade de trabalho com o filme na sala de aula é a concentração e o interesse dos alunos. Porque eles estão tão acostumados com a mídia, que os filmes não seguram mais a atenção deles. Só se for um filme de ação, que tenha muita ação, aventura, efeitos especiais, como os filmes da Marvel, por exemplo. Mas outros filmes – que não tenham essas características – é muito difícil passar na aula, por conta da concentração mesmo. Eles ficam desinteressados. (Elizabeth)

A questão da concentração. Então se o filme for muito longo, se ele tiver um conteúdo que exija um pouco mais do aluno ficar focado, isso se perde. A presença do celular na sala de aula faz com que eles se distraiam com a atenção no celular ao invés do filme. Esse é um dos grandes problemas dos dias de hoje. Mesmo que o filme seja bom, se ele for mais longo a questão do tempo tira a concentração. (Monalisa)

Então o aluno tem o celular, tem o vídeo game, as redes sociais e prefere tudo isso. Para eles tem que ser um filme que atraia, que chama a atenção, e normalmente a gente leva pra sala de aula não filmes que são da grande mídia, filmes hollywoodianos, eu tento trazer o filme que tenha a ver com a história, e é difícil convencer o aluno da importância desse filme. (Apolo)

Hoje está um pouquinho mais difícil. Chegou esse Tik Tok que prova o imediatismo, então às vezes a paciência deles que atrapalha um pouco. Eles ficam um pouco impacientes. A grande maioria gosta de trabalhar, mas as vezes quando um aluno já não está mais interessado, acaba fazendo outra coisa que desperta a atenção de outro e as vezes podem se perder. Estou sentindo isso hoje. (Rocky)

Com base nas falas apresentadas, podemos inferir que para esses professores/professoras a falta de concentração e interesse dos estudantes pode ser considerado como algo que dificulta

o processo de inserção dos filmes em sala de aula, pois, sem a atenção e sem a vontade de ver um filme, como os professores/professoras poderão alcançar sucesso no trabalho com o cinema na escola? A professora monalisa cita o próprio celular como aparelho que atrapalha a concentração do estudante, interferindo no foco e atenção que emprega a experiência de ver uma obra cinematográfica. Outro ponto é o interesse desse aluno/aluna em ver apenas aquilo que está dentro das suas predileções, no caso, os blockbusters atuais, filmes de super-heróis, entre outros, pertencentes a “grande mídia”, como citado pelo professor Apolo.

Na fala dos educadores(as) notamos a percepção de que seus alunos e alunas – crianças e adolescentes do mundo atual – estão completamente inseridos no universo das mídias, acostumados a passar horas e horas assistindo os vídeos do tik tok e outras redes sociais, nossos estudantes passam o dia ansiosos em retornar para suas casas e, finalmente, poder usar seus celulares sem qualquer tipo de intervenção. Dessa forma, o desafio do professor/professora é ainda maior nos dias de hoje, pois ele precisa estar o tempo todo pensando em novas estratégias para despertar o interesse e a atenção do estudante. Sendo assim, será que o cinema está sendo utilizado de uma forma que realmente atrai e desperta o interesse? Levando em conta a fácil dispersão e rápida perda de concentração dos alunos(as), como podemos usar o filme de modo a prender a atenção do educando e garantir o seu engajamento durante e depois de uma exibição? Pensar o filme como um recurso de complemento de conteúdo ou ilustração, fará com que esse estudante se concentre? Para nos ajudar a responder essas questões, expomos a fala da professora Sofia:

Talvez, como os filmes que a gente passa são projetados para uma função específica, nem sempre é só para eles curtirem o filme, então talvez o professor não passe filmes que despertem tanto o interesse deles. Acho que essa sim talvez seja uma dificuldade. É o aluno entender que aquele filme que você está trabalhando tem um propósito, tem uma funcionalidade. O aluno acha que o filme está sempre voltado para o entretenimento. E não é a questão. Eles questionam: “Ah, mas porque você não passou tal filme?”. E aí eu digo: “Não, mas esse filme vai nos levar, ao ponto que eu quero trabalhar com vocês”. Trabalhei com um filme essa semana e teve alguns alunos que teimaram em dormir, em conversar, em mexer no celular. Então essa é uma dificuldade grande, despertar no aluno o interesse, dele compreender o porque daquela ação. (Sofia)

Ao analisarmos essa fala, podemos evidenciar dois pontos importantes: o primeiro, desrespeito a instrumentalização dos filmes, que claramente não traz nenhum benefício quanto a resolução do problema da falta de concentração e interesse dos estudantes. O segundo ponto é a visão desses alunos/alunas referente ao filme, enfatizado pela professora como uma visão sempre voltada para o entretenimento. O filme não é visto como arte, e nem apresentado como uma arte. O filme é apresentado como um recurso que fará com que esses estudantes cheguem

a um assunto que será trabalhado pelo professor(a) dentro de uma disciplina. Nesse sentido, trabalhar o filme enquanto arte seria a melhor forma para que esses estudantes experimentem e conheçam o cinema por uma outra perspectiva: a artística. Assim, é possível que o educando/educanda reconheça o filme não só como entretenimento ou um passa tempo, mas também a sua dimensão artística.

Outra atitude que pode ser tomada pelo educador(a) para despertar o interesse e a curiosidade dos estudantes em relação ao filme é a utilização de pequenos trechos da obra que se quer trabalhar com a turma. Não necessariamente é preciso utilizar o trecho de apenas um filme, mas uma outra opção seria uma combinação de trechos de diferentes filmes que de alguma forma, estão ligados, seja no assunto tratado, ou na forma como vários diretores abordam uma mesma temática, usando um estilo e técnicas distintas. As opções são muitas quando pensamos em trabalhar com os trechos, e não com um filme inteiro.

Alguns dos professores/professoras participantes desse estudo, relatam que trabalhar com trechos pode ser uma boa opção para engajar os estudantes e fazer com que eles/elas se concentrem mais durante a apresentação de um filme. Quando perguntada se seus alunos e alunas gostam de ter experiências com o cinema na escola, a professora Monalisa respondeu:

Eles gostam sim. Então se o filme for bem selecionado, se você realmente primeiro elencar quais são os motivos, quais são seus objetivos, eles gostam sim. E principalmente se você fizer assim, passar um trecho do filme, fazer interrupções, explicar, fazer alguns links com outros filmes ou alguns outros trechos. (Monalisa)

É possível evidenciar na fala da professora que o trabalho do educador(a) faz toda a diferença no processo de apresentação e utilização do cinema na escola. A docente ainda destaca o trabalho com os trechos, e como eles podem melhorar a experiência do estudante durante esse processo.

O professor Apolo também enfatiza sobre a potência do trabalho com trechos de filmes, afirmando que acredita ser uma das melhores formas de se levar o cinema pra dentro da sala de aula:

Uma das melhores formas de se trabalhar o cinema, na minha concepção, seria colocar para o aluno trechos de algum filme e instigá-lo a assistir o filme completo fora da sala de aula, e posteriormente retomar em um debate. É o que eu faço nas minhas aulas. Lanço a proposta, um trequinho do filme, e depois procuro estimulá-los a assistir o filme completo em casa e depois fazer o debate na sala de aula. (Apolo)

A fala do professor Apolo vai ao encontro do que diz a autora Fresquet (2013) sobre a utilização de trechos de filmes. Notamos que o educador visa despertar a curiosidade dos seus

estudantes realizando a exibição de alguns trechos de uma obra que selecionou, para que assim seus alunos e alunas fiquem interessados e curiosos ao ponto de procurar a obra completa e assistir em seus lares. Indo além, o trabalho do professor entrevistado tem como intuito também realizar um debate sobre essa obra. Ademais, é possível notar que o educador propõe um debate específico sobre o filme, e não sobre a temática da obra, deixando estudantes livres para expressarem suas opiniões e sensações.

Corroborando com as falas da professora Monalisa e Apolo a respeito dos trechos, o professor Italiano afirma que:

Não tem como passar o filme todo, eles não assistem, não prestam atenção. Na minha opinião, o professor tem que ter essa sensibilidade de pegar um trecho do filme que você quer realmente trabalhar. Até porque os filmes às vezes são longos, uma hora e vinte, uma hora e meia, eles perdem a concentração. O professor tem que pegar tipo, 10 minutos, 5 minutos de um trecho específico que ele queira trabalhar. (Italiano)

O educador evidencia a questão do tempo necessário para realizar a exibição de um filme completo, que muitas vezes, ultrapassa a quantidade de aulas que um professor/professora tem em um dia, numa determinada turma dos anos finais do ensino fundamental. Além disso, a partir dessa fala, percebemos que um filme longo pode colaborar com a distração do estudante. Se quisermos inserir alunos e alunas nesse universo do cinema, é preciso paciência e muitas estratégias por parte do educador (a) para que o estudante amplie seu repertório cinematográfico e reconfigure seu gosto, bem como a sua prática de ver filmes. Durante uma entrevista, Fresquet (2012) sugere que os professores/professoras façam uma seleção de “trechos de filmes que apontem para aquele caminho que querem trabalhar, para que os estudantes se inspirem e possam desenvolver seus exercícios”. A autora ainda encoraja essa prática, citando o caso de um dos maiores cineastas do cinema, Jean-Luc Godard, que aprendeu a fazer cinema assistindo a vários trechos de filmes.

É muito mais eficiente passar em sala de aula um trecho do que filmes inteiros. Sem dúvida, trechos de filmes criam uma curiosidade. A incompletude do trecho traz a curiosidade à flor da pele, traz o querer saber, o querer ver. Nesse caso, os alunos normalmente se mobilizam muito mais. Tem mais a ver também com os tempos curriculares que são de mais ou menos 50 minutos, enquanto quase todos os filmes de longa duram ao redor de uma hora e meia. É interessante colocar os fragmentos em relação e comparar trechos - sempre é uma experiência rica, para o cinema ou para a sala de aula de qualquer conteúdo. Mostrar como duas obras enfocam ou tratam um determinado tema, se elas se opõem, se complementam, se tencionam é rico para aprender aquele conteúdo. Isso também está relacionado à ampliação do gosto estético do aluno. Acredito muito no trecho porque ele não deixa ver mais. Entra em ação o desejo. Só acredito que as coisas funcionem quando entra em ação o desejo. O desejo vai atrás do que não se deixa, do que se proíbe, do que se oculta. Na medida em que utilizamos trechos curtos o desejo se ativa, o aluno quer ver mais, quer ver outro trecho

semelhante, quer ver o filme completo. Ao ocultarmos, trazemos o desejo. Nunca tivemos problemas com alunos que dissessem que não queriam ver isso ou aquilo. Pelo contrário, sempre pedem para passar um pouco mais (Fresquet, 2012).

Dessa forma, a abordagem de utilizar trechos de filmes em sala de aula, conforme defendida por Fresquet (2012), mostra-se eficaz ao despertar curiosidade, engajamento e desejo nos estudantes. Ao explorar a incompletude do trecho, comparações entre diferentes obras e a expectativa criada, essa estratégia estimula o interesse dos educandos(as) pelo conteúdo apresentado, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento do gosto estético e a ampliação do conhecimento cinematográfico.

Assim, a utilização do trecho – prática apontada por alguns dos professores e professoras participantes – pode ser vista como uma solução para a questão da falta de concentração e interesse do estudante durante a exibição de um filme.

Para além dos horizontes convencionais, convido-os a embarcar em um exercício que carrega consigo uma beleza única, capaz de encantar alunos e alunas em sala de aula. Ao ler a tese de Almansa (2017), pude conhecer as narrativas selecionadas pela autora, acolhidas sob o nome de *"Os filmes da minha vida"*, uma coleção de livros iniciada por Leon Cakoff durante a 32ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Nessa obra, a autora nos revela uma prática que parte das histórias dos espectadores, abraçando um tipo peculiar de filmes que ecoam nos corações de cada indivíduo. Essas obras, eleitas com profunda intimidade, adquirem uma importância singular na trajetória de vida de cada pessoa, transcendendo sua mera existência dentro do panorama cinematográfico. São como espelhos íntimos, refletindo as experiências vividas e as memórias que persistem em nossas almas, a partir de filmes que marcaram a nossa vida.

Essa ideia pode ser trazida para a escola, tornando-se uma roda de conversa com nossos estudantes, intitulada *"Os filmes da minha vida"*. Esse exercício oferece um momento de expressão genuína e compartilhamento de vivências com aqueles filmes que possuem um lugar especial em cada coração. Conforme explana Almansa (2017, p. 33), a intenção dessa prática vai além do ato de assistir a um filme, pois busca:

Deixar que as pessoas fiquem curiosas e que imaginem a respeito dos filmes que você está falando. Cinema falado, pois. Como um confronto em plena linha de partida. Falar de cinema, especialmente, eleger palavras e conceitos com que tratar a fugacidade e o ardor de séries de imagens animadas de filmes, ou trechos deles nos quais elas nos acolhem de forma muitas vezes “inexplicável”, parece constituir, frente à tarefa infinita que se entremete no espaço entre palavra e imagem, um desafio ainda maior. Diante de certas imagens, da experiência de certas imagens, as palavras nos parecem desacostumadas, desacomodadas, desalinhas.

Nesse sentido, o desafio de falar sobre cinema – especialmente sobre filmes que impactaram as nossas vidas – reside na busca por encontrar uma linguagem capaz de capturar a essência singular das imagens que nos afetaram. É um convite para explorar novos caminhos e recursos comunicativos, como metáforas e outras formas de expressão vivida, que podem transmitir a carga emocional e estética das obras cinematográficas, enriquecendo uma cultura de diálogo sobre o cinema na escola.

A proposta em questão engendra uma vivência imediata da alteridade e uma imersão na ideia de coletividade. Ao ouvirmos os relatos uns dos outros, expressamos de forma coletiva novas ideias, pensamentos, sensações e experiências pessoais que foram moldadas por filmes que tiveram um impacto significativo em nossas vidas. Ao apresentarmos esse exercício aos estudantes, temos a oportunidade de construir um momento de diálogo e trocas genuínas, um momento que se direciona diretamente ao estudante, proporcionando um espaço voltado para o diálogo. Essa proposta também pode ser uma resposta à falta de concentração observada nos alunos e alunas, pois nesse exercício eles/elas se tornam os protagonistas e o foco se concentra em suas próprias narrativas. Ao concedermos esse espaço para que compartilhem suas experiências pessoais, estamos estimulando um maior envolvimento e engajamento por parte dos estudantes.

4.2.3 Análises contrastantes da Lei 13.006: reflexões além do consenso

A fala dos professores e professoras entrevistados nesta pesquisa nos traz um olhar muito significativo sobre a percepção dos educadores(as) em relação à Lei 13.006. Essa perspectiva traz para o debate em questão as experiências e vivências do cotidiano escolar, bem como as possibilidades e impossibilidades de garantir o cumprimento da Lei. Inicialmente, notamos que ao argumentar e compreender a necessidade de valorizar e dar mais atenção ao cinema nacional nas escolas, os professores(as) entrevistados também mencionam as dificuldades e a falta de apoio que recebem por parte da equipe gestora, além da ausência de incentivo e tempo para a realização de exibições de filmes nacionais no ambiente escolar. Durante as conversas com eles e elas, refletimos sobre a realidade e as condições da nossa profissão, que também entram em jogo quando se trata do cumprimento de uma Lei pouco conhecida por educadores(as) e gestores(as) educacionais, algo que é evidenciado nesta pesquisa, uma vez que muitos dos entrevistados desconhecem a existência dessa Lei. Dos 12 professores(as) entrevistados, apenas quatro tinham conhecimento sobre a Lei, enquanto os outros oito desconheciam.

Dessa forma, ao constatarmos que a Lei 13.006 é desconhecida pela maioria dos professores(as) e gestores(as), fica evidente uma grande falha na divulgação e implementação dessa lei pelas próprias secretarias de educação e pela falta de políticas públicas voltadas para a educação. O que fica evidente na fala dos entrevistados, é que não basta apenas criar projetos, leis e outros dispositivos legais com a intenção de introduzir um conteúdo na escola; professores(as) e gestores(as) precisam de respostas, de apoio e de uma base sólida que fortaleça e disponibilize as ferramentas necessárias para que algo seja feito. É necessário promover debates entre os envolvidos e criar pontes entre o contexto educacional e as leis estabelecidas. Quando questionados a respeito do que pensam em relação à Lei 13.006, os professores(as) responderam:

Quando perguntados a respeito do que pensam em relação a Lei 13.006, os professores entrevistados responderam:

Olha, eu acho que a iniciativa é boa. Mas não é fácil de que ela realmente ocorra em sala de aula, com a dinâmica da escola. Mas é uma iniciativa favorável sim, pensando até no novo cinema brasileiro, que de umas décadas para cá acho que nós temos um outro tipo de cinema sendo feito no Brasil, com filmes muito bons... Então eu sou favorável a lei só não acredito que o professor consiga dar conta na rotina da escola, desse tempo que a Lei estipula. (Monalisa)

Acredito que seja positiva. Não acho que deveria ser obrigatória, mas de consciência que o professor deveria ter sobre o cinema ser uma fonte histórica e um espaço para aprendermos história. Só que muitas vezes a Lei no Brasil vem sem nenhuma estrutura. Uma das coisas que a maioria das escolas não tem é uma estrutura adequada para fazer essa Lei acontecer. Então a Lei eu acho interessante, só acho que não deveria ser obrigatória, deveria ser algo que o próprio professor buscasse, pois o filme é uma ferramenta importante. Utilizar só o giz e o quadro empobrece muito, e o cinema abre asas para o professor. (Apolo)

Diante de todo esse mar inexplorável do cinema nas escolas, eu acho que essa lei é super válida! Só que eu penso que falta muito critério e preparo para os professores trabalharem essa questão. Eu acho que nós precisaríamos ter muito respaldo. Os gestores (com toda reverência ao trabalho que eles fazem) eu acho que carecem muito de ter essa visão do educador, de quem está na sala de aula. Mas é uma ideia muito positiva essa de usar filmes nacionais, eu acho que a gente tem que expressar e explorar muito os filmes nacionais, pois tem muitas coisas interessantes para serem vistas. (Sol)

Com base nas falas apresentadas, podemos inferir que a Lei é vista como uma iniciativa positiva, no entanto, ambos os professores(as) trazem percepções importantes sobre a lei. A fala de Monalisa, indica que há preocupações com a viabilidade da sua aplicação na rotina escolar, além de um certo ceticismo em relação à capacidade dos professores(as) para cumprir a lei, levando em conta sua preocupação com a sobrecarga de trabalho. Já Apolo, argumenta que a inclusão da lei no currículo deveria ser uma escolha consciente dos professores(as), não uma

obrigatoriedade, além disso, para ele, a falta de estrutura nas escolas é apontada como um fator limitante para a efetivação da lei. Para Sol, é fundamental a importância de critérios e preparo dos professores(as) para trabalhar com os filmes nacionais na escola. Há uma crítica à falta de visão dos gestores(as) e uma defesa da expressão e exploração dos filmes nacionais como uma forma de enriquecer o aprendizado.

Assim, essas percepções reforçam a necessidade de considerar os desafios práticos e estruturais envolvidos na implementação da lei, bem como a importância do apoio e preparo adequados aos professores(as) para que eles/elas possam utilizar os filmes de forma efetiva em suas práticas educativas.

Alguns dos professores(as) entrevistados fazem críticas mais severas em relação a lei, trazendo suas opiniões de maneira muito sincera. Como exemplo, expomos a seguinte fala:

Eu não acredito que essa lei tão positiva, porque da mesma maneira que existem filmes nacionais bons, também tem filmes nacionais que acabam não contribuindo. Também existem muitos filmes que não são nacionais que contribuem para a história do país. (Elizabeth)

Ao analisarmos a fala da professora Elizabeth, percebemos uma clara descrença na positividade da lei. Podemos inferir que Elizabeth questiona a exclusividade do uso de filmes nacionais como recurso pedagógico, sugerindo que filmes de outras origens também podem oferecer uma contribuição valiosa para o entendimento da história e da cultura do país. Essa perspectiva traz à tona uma discussão importante sobre o papel do cinema na educação. Enquanto a Lei 13.006 busca valorizar e promover a produção cinematográfica nacional, a fala de Elizabeth nos leva a refletir sobre a importância de uma abordagem mais ampla e diversificada no uso de filmes como recursos didáticos. No entanto, é possível fazer um contraponto e argumentar que a Lei 13.006, ao enfatizar a utilização de filmes nacionais, busca valorizar e fortalecer a produção cinematográfica do próprio país, que muitas vezes é subestimada em relação à produção estrangeira.

Embora seja válida a opinião da professora, sua afirmação não deve ser generalizada para não desvalorizarmos a importância e o potencial educativo do cinema nacional. Xavier (2003) argumenta que o cinema se revela como uma forma de expressão que permite ao espectador estabelecer uma conexão íntima com a realidade social, histórica e cultural de seu país, engendrando assim a construção de uma consciência coletiva e uma identidade nacional. Dessa forma, a valorização do cinema nacional transcende a mera apreciação estética, pois implica em reconhecer as múltiplas vozes que compõem nossa sociedade, ao mesmo tempo em

que busca resgatar narrativas frequentemente relegadas à margem ou ignoradas. Ao optarmos por valorizar esse cinema, engajamo-nos em um ato de resistência e reafirmação de nossa própria cultura, contribuindo para a edificação de uma sociedade mais inclusiva, crítica e consciente de sua diversidade.

Além disso, ao destacar a necessidade de filmes estrangeiros para contribuição da história do país, é importante considerar que muitos filmes internacionais também oferecem uma visão limitada e estereotipada da realidade brasileira. A utilização de filmes nacionais pode proporcionar aos estudantes uma compreensão mais autêntica e diversificada de sua própria cultura e história, possibilitando a construção de identidades e o fortalecimento do senso de pertencimento.

Diferentemente da visão da professora Elizabeth, o professor Rocky entende a lei como uma forma de "desamericanizar" os jovens e combater o preconceito em relação ao filmes brasileiros. Como exemplo, trazemos a seguinte fala:

Para mim essa lei é positiva, porque é uma maneira da gente "desamericanizar" essa molecada. Eu acho que ainda tem um preconceito do filme brasileiro, pois não é mais o que era antes. Hoje tem muita coisa boa. Eu acho que deveria ser mesmo obrigatória e fiscalizado isso aí, porque eu dou importância a isso, eu acho super bacana fazer isso, pois além dele estar vivenciando aquele momento do cinema ele está se vendo, porque é nossa cultura, ele está aprendendo com a gente, eu acho que isso é importantíssimo (Rocky).

O professor argumenta que há um estereótipo negativo em relação à produção cinematográfica nacional, mas enfatiza que essa percepção está desatualizada, pois atualmente há muitas obras de qualidade sendo produzidas. Rocky defende que a inclusão do cinema nacional no currículo escolar deveria ser obrigatória e fiscalizada, pois acredita que essa prática é valiosa para os estudantes. Além disso, destaca que assistir filmes brasileiros é uma forma de vivenciar a cultura própria e aprender com as produções nacionais.

A partir da fala do professor, podemos inferir que ele reconhece o potencial do cinema como uma ferramenta pedagógica para ampliar o repertório cultural dos estudantes e valorizar a produção nacional. Sua preocupação com a "desamericanização" evidencia a importância de valorizar a diversidade cultural e romper com a hegemonia do cinema estrangeiro. Essa perspectiva está alinhada com o pensamento de autores como Xavier (2003), que destaca a relevância do cinema nacional como uma forma de construção da identidade coletiva e de resistência cultural.

Diante do exposto, ao analisar as diferentes percepções em relação à Lei 13.006, fica evidente a complexidade e diversidade de opiniões sobre a iniciativa. Enquanto alguns

enxergam a lei como uma forma de promover a valorização do cinema nacional e resgatar a identidade cultural, outros destacam desafios práticos, como a viabilidade de sua implementação e a necessidade de estrutura adequada nas escolas. Essas análises críticas demonstram a importância de considerar as perspectivas dos professores(as), estudantes e gestores(as) envolvidos, além de fornecer subsídios para reflexões sobre a efetividade da legislação. Portanto, essa categoria nos revela um cenário complexo e instigante, onde a diversidade de opiniões possibilita uma discussão mais abrangente sobre os desafios e oportunidades relacionadas ao cinema e a educação.

4.2.4 Classificação indicativa

Quando perguntados sobre os critérios utilizados na escolha de um filme que será exibido em sala de aula, metade dos professores(as) enfatizaram a importância de olhar a classificação indicativa do filme antes de qualquer coisa. Para esses professores(as) o cuidado com essa questão é imprescindível; alguns até trazem opiniões sobre essas classificações, observando que nem sempre devemos confiar nela. Por isso, o melhor a se fazer, é assistir aos filmes antes de passar aos estudantes, mesmo que esse filme seja adequado para a faixa etária dos alunos e alunas. De acordo com a professora Luna:

Infelizmente hoje não dá mais para acreditar na faixa etária, porque o que a 10 anos atrás tinha uma faixa etária, hoje pra eles já é infantil. Por isso eu olho realmente para essa questão do significado e conteúdo do filme. (Luna)

Na fala de Luna, podemos perceber uma reflexão crítica em relação à confiabilidade das faixas etárias como parâmetro para classificar os filmes. Ao afirmar que o que antes era considerado apropriado para uma determinada faixa etária, hoje é visto como infantil, Luna aponta para a fluidez e subjetividade desse critério. Isso levanta questionamentos sobre a evolução dos gostos e percepções das novas gerações, que podem estar buscando narrativas mais complexas e maduras em idades mais jovens.

Dessa forma, a observação sugere a necessidade de olhar para além da faixa etária e considerar o significado e o conteúdo dos filmes como elementos-chave na avaliação de sua adequação. Luna destaca a importância de analisar a mensagem transmitida e a profundidade temática dos filmes, reconhecendo que esses aspectos podem ser mais relevantes do que uma classificação arbitrária baseada na idade. Outros professores(as) entrevistados trazem a classificação indicativa como um ponto o qual o educador ou educadora deve levar em

consideração na hora de pontuar seus critérios para exibir um filme em sala de aula.

Como exemplo, expomos as seguintes falas:

O primeiro critério seria ver para quem o filme é indicado, tem que ser um filme adequado para a idade que eu irei trabalhar. (Apolo)

Num primeiro momento eu julgaria a faixa etária dos estudantes, a dinâmica da turma... A faixa etária que eu digo seria a maturidade, e não exatamente o número, a idade. (Sol)

Eu sempre tento obedecer a classificação indicativa do filme, até mesmo para evitar problemas que venham de uma má compreensão de uma obra, pois se vier um pai reclamar eu tenho respaldo da classificação. (Lucia)

A análise das falas dos professores(as) revela a importância atribuída à classificação indicativa dos filmes como critério relevante na seleção e exibição de obras em sala de aula. A fala do professor Apolo destaca a necessidade de considerar a adequação do filme à faixa etária dos estudantes, garantindo que o conteúdo seja apropriado para o público-alvo. Isso reflete a preocupação em respeitar os limites de compreensão e maturidade dos estudantes, evitando expor conteúdos inadequados para a sua idade. Por sua vez, a professora Sol amplia a perspectiva da faixa etária ao enfatizar a importância da maturidade dos estudantes como critério de seleção. Essa abordagem reconhece que a idade cronológica nem sempre reflete a capacidade de compreensão dos alunos, levando em consideração a dinâmica da turma e a maturidade emocional e intelectual dos estudantes.

Dessa forma, a escolha do filme considera não apenas a faixa etária, mas também a prontidão dos educandos e educandas para lidar com determinados temas e abordagens. Já Lucia destaca um aspecto prático e legal da classificação indicativa. Ela menciona que segue a classificação para evitar problemas decorrentes de uma má compreensão ou interpretação inadequada de uma obra. Além disso, ao mencionar que tem respaldo da classificação em caso de reclamação dos pais, Lucia enfatiza a importância da classificação como uma referência que garante a legitimidade da escolha e evita conflitos com a comunidade escolar.

Napolitano (2019) discute sobre esse assunto, enfatizando importância da atenção à classificação indicativa dos filmes, especialmente no contexto educacional. O autor ressalta a necessidade de os professores e professoras estarem conscientes das restrições etárias estabelecidas pelos órgãos responsáveis pela classificação, como forma de respeitar as recomendações e garantir uma abordagem adequada dos conteúdos cinematográficos em sala de aula. Ele destaca que a classificação indicativa não deve ser encarada como uma censura, mas sim como uma orientação para auxiliar os educadores na escolha de filmes que sejam

apropriados para cada faixa etária, levando em consideração o nível de maturidade e compreensão dos estudantes. A fala do autor entra em consonância com a dos professores(as), quando sugere que:

Em síntese, dois cuidados prévios são necessários para a seleção e abordagem dos filmes no ambiente escolar: a) Adequação à faixa etária (a censura classificatória dos filmes pode ajudar neste sentido) e etapa de aprendizagem escolar (ciclos, anos, níveis). b) Adequação ao repertório e aos valores socioculturais mais amplos e à cultura audiovisual específica do grupo de alunos envolvido na atividade (NAPOLITANO, 2019, p. 20).

Dessa forma, para o autor, esses dois cuidados prévios são fundamentais para garantir uma seleção de filmes que seja educativa, relevante e significativa para os alunos e alunas. Além disso, essa abordagem cuidadosa ajuda a evitar situações problemáticas, como a exposição a conteúdos inadequados. Napolitano (2009, p. 24) também enfatiza que “o professor precisa verificar qual a experiência dos seus alunos com o cinema e conhecer a sua cultura, a fim de balizar a seleção dos filmes”.

A professora Sofia nos trouxe um relato que ajuda a entender a importância de estabelecer a classificação indicativa como um dos principais critérios antes de exibir um filme em sala de aula. Como exemplo, expomos o seu relato:

Olha, meu principal critério é escolher filmes que nós podemos trabalhar com o aluno, verificando sempre a sua classificação indicativa. Vou contar uma coisa que aconteceu comigo uma vez que vai te ajudar a entender melhor o que eu estou querendo dizer. Uma vez eu os deixei escolherem um filme para assistir, era para o entretenimento deles mesmo, e eu confiei neles para escolher o filme e eles levaram “Doce Vingança” para a sala de aula... Sério! Se não me engano era o “Doce vingança 2”, e eu não conhecia o filme, eles só me falaram que era um filme de terror muito bom. E eu os deixei levar. No dia da exibição foi dando nojo em todo mundo, era aluno saindo da sala porque estava passando mal, e metade da sala ficou assistindo e a outra metade foi embora. E aí depois eu levei para direção, conversei com eles e falei “Eu sinto muito, mas aconteceu isso...”. E eles me disseram: “Não acredite nos alunos”, e de fato, era inexperiência minha. Então esse fato fez eu perceber que o primeiro critério ao trabalhar com o filme na escola é não aceitar a proposta do aluno sem antes conhecer o filme. Primeiro assistir a obra indicada, ter conhecimento da sua classificação indicativa e depois exibir. Essa é a primeira coisa. Você pode até ouvir a indicação do aluno, mas assistir o filme antes. (Sofia)

Ao analisarmos a fala da professora Sofia notamos várias questões subjacentes relacionadas ao uso de filmes em sala de aula. Primeiramente, é possível inferir que Sofia vivenciou uma situação desafiadora em sua prática pedagógica ao confiar nas escolhas dos estudantes sem uma prévia avaliação do conteúdo do filme. Isso demonstra uma falta de experiência e conhecimento (como descrito pela própria professora) sobre a importância de se

familiarizar com as obras antes de exibi-las. Além disso, a reação dos alunos à exibição do filme "Doce Vingança 2" evidencia a importância da classificação indicativa como um critério para seleção. A presença de cenas perturbadoras e violentas no filme provocou desconforto e mal-estar em alguns estudantes, levando até mesmo alguns deles a abandonar a sala de aula. Essa situação ressalta a necessidade de considerar não apenas a faixa etária indicada, mas também o conteúdo do filme e sua adequação ao ambiente escolar.

Diante desse incidente, a professora reconhece a importância de adotar uma postura mais cautelosa e responsável na escolha dos filmes a serem exibidos em sala de aula. Ela ressalta a necessidade de assistir previamente às obras indicadas, conhecer sua classificação indicativa e avaliar se são adequadas para o contexto educacional. Essa inferência sugere que o professor deve assumir a responsabilidade de garantir a segurança emocional e o bem-estar dos alunos durante a experiência cinematográfica, além de promover uma seleção criteriosa dos filmes, considerando seus conteúdos e mensagens transmitidas.

Xavier (2003) também chama a atenção para a necessidade de os educadores(as) realizarem uma prévia análise crítica das obras cinematográficas que serão utilizadas em sala de aula. O autor destaca que assistir ao filme com antecedência permite ao professor/professora identificar possíveis temas sensíveis, cenas inadequadas ou elementos que podem gerar discussões importantes. Essa prática possibilita ao educador/educadora desenvolver uma postura crítica e responsável ao selecionar e abordar filmes, garantindo que a experiência seja enriquecedora e segura para os alunos.

Em resumo, é possível observar a importância atribuída a esse critério na escolha dos filmes a serem exibidos em sala de aula. Diversos educadores e educadoras destacam a relevância de considerar a faixa etária dos estudantes, mencionando a importância de estabelecer como critério a classificação indicativa, pois como pontuado pelos professores e professoras, está é uma forma de evitar problemas decorrentes de uma má compreensão da obra, garantindo respaldo em caso de questionamentos por parte dos pais. Essas diferentes perspectivas revelam a preocupação desses professores(as) em questão de zelar pela segurança, desenvolvimento e adequação dos conteúdos audiovisuais aos estudantes, considerando as recomendações estabelecidas pelas entidades responsáveis pela classificação.

4.2.5 Recursos e materias

Ao longo das entrevistas, é possível perceber que alguns dos professores e professoras mencionaram a falta de alguns recursos indispensáveis para a exibição de um filme, ou até

mesmo locais adequados para as projeções. Outros professores (as) relatam que hoje, nas escolas em que atuam, encontram o que é preciso para realizar as exhibições dos filmes desejados, e que esse não é mais um obstáculo a ser superado no trabalho com o cinema na escola. De acordo com a professora Sofia:

Eu não tenho dificuldades para dizer a verdade. A única coisa é você não perder o foco. Porque se a gente falar assim: “Ah, eu tenho dificuldade com o aparelho” ou “Tenho dificuldade com a cortina que é muito clara”, isso não é dificuldade! Às vezes a escola não tem tudo o que você precisa para oferecer, mas uma TV, um aparelho de som, um notebook, um pendrive, isso todas tem. Então assim, eu já trabalhei em muitas escolas aqui da região de Ourinhos, e em todas elas tinha projetor, TV... (Sofia)

Até alguns anos atrás, era você ter um aparelho de TV, você ter um projetor, ter computador... Digamos que hoje, dentro de uma de ensino integral eu não tenha dificuldade nenhuma. (Rocky)

A partir das falas apresentadas, é possível inferir que tanto a professora Sofia quanto o professor Rocky destacam a importância dos recursos tecnológicos como ferramentas essenciais no contexto educacional. Ambos mencionam a disponibilidade de equipamentos como TV, projetor, computador e pendrive nas escolas, ressaltando que esses recursos são fundamentais para o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

Sofia enfatiza a importância de manter o foco nas necessidades reais dos professores, destacando que as dificuldades devem estar relacionadas aos recursos essenciais para o processo de ensino-aprendizagem, e não a questões secundárias como o tipo de cortina ou a clareza do ambiente. Ela menciona ter trabalhado em diversas escolas na região de Ourinhos, e destaca que todas elas possuíam recursos como projetor, TV e outros dispositivos tecnológicos.

Por sua vez, Rocky afirma que, nos últimos anos, a disponibilidade de recursos tecnológicos nas escolas tem melhorado significativamente. Ele menciona que, em uma escola de ensino integral, não encontra dificuldades em relação à presença de aparelhos de TV, projetor e computador, sugerindo que esses equipamentos são amplamente disponibilizados nesse tipo de instituição.

Em contrapartida, outros professores(as) entrevistados afirmam que a falta de recursos e materiais para se trabalhar com a projeção de filmes na escola é algo que dificulta o trabalho com o cinema. Como exemplo, expomos as seguintes falas:

Dependendo da escola, a infraestrutura... Tem sala que não se adapta, não tem um foco direcionado a isso, e acho que seria isso mesmo, essa questão da infraestrutura. (Malfati)

Olha, no geral seria falta de recursos. Aqui não temos essa falta, aqui na escola tem todo recurso. Mas falta de recursos nas escolas é uma dificuldade. Esse ano foi colocado TV, foi colocado computador, então está bem fácil caso o professor queira utilizar. Mas tem escola que tem essa dificuldade. (Diana)

Muitas vezes o filme que a gente quer passar para a turma não está disponível, os que a gente tem aqui na escola são em DVD, e as vezes o DVD não funciona. E esses filmes, muitos deles estão em plataformas digitais as quais a escola ainda não tem acesso. Eu acesso a Netflix, mas é da minha casa. Eu desconheço um programa do governo que tenha uma plataforma de acesso a diferentes tipos de filmes. Então para mim a principal dificuldade é isso mesmo, ter acesso a essas obras fílmicas. O que as vezes a gente faz é da forma pirata, que não é legal, o que seria muito bom é termos esses filmes disponíveis. (Lucia)

A partir das falas das professoras acima, é possível inferir que a falta de infraestrutura e recursos nas escolas é uma dificuldade enfrentada por elas. Malfati menciona que nem todas as salas se adaptam às necessidades específicas de utilização de recursos audiovisuais, indicando limitações estruturais que podem impactar as práticas educativas. Já a professora Diana destaca a falta de recursos como uma dificuldade comum em muitas escolas, ressaltando que, embora sua escola disponha dos recursos necessários, reconhece que essa não é a realidade de todas as instituições. Por fim, a educadora Lucia compartilha a dificuldade de acesso a filmes e obras fílmicas nas escolas, mencionando a falta de disponibilidade de filmes em formatos adequados e a ausência de acesso a plataformas digitais que abrigam diversos tipos de filmes. A limitação de recursos e a ausência de um programa governamental que forneça acesso a uma variedade de obras fílmicas são fatores que dificultam a utilização desses recursos. Assim, essas falas revelam a importância da infraestrutura adequada e da disponibilidade de recursos audiovisuais nas escolas para que os professores e professoras possam utilizar o cinema. Além disso, ressaltam a necessidade de políticas e programas governamentais que garantam o acesso a materiais audiovisuais de qualidade, promovendo a democratização do cinema e enriquecendo as práticas pedagógicas nas escolas.

Dessa forma, é necessário considerarmos que a realidade educacional é heterogênea, e muitas escolas ainda enfrentam desafios relacionados à infraestrutura e disponibilidade de recursos. De acordo com Barbosa (2018) “apesar das deficiências, sabemos que existem muitos profissionais de educação que tentam realizar seus trabalhos da melhor forma. Se há dificuldade, o que nos resta é encontrar as alternativas e incentivar a realização de tais práticas nas escolas”. Por isso, mesmo diante das limitações de recursos e infraestrutura, é fundamental que tanto os profissionais da educação quanto os gestores/gestoras escolares busquem alternativas criativas e viáveis para viabilizar práticas pedagógicas envolvendo o cinema. Uma abordagem possível é a busca por parcerias e colaborações com instituições, comunidades e até

mesmo com outros profissionais da área educacional. Essas parcerias podem proporcionar o acesso a recursos e infraestrutura necessários para a realização de atividades relacionadas ao cinema, como a utilização de equipamentos, a disponibilidade de filmes e o acesso a plataformas digitais. Além disso, a troca de experiências e conhecimentos entre os profissionais pode estimular a criação de práticas inovadoras e adaptadas às condições de cada escola.

Barbosa (2018) também enfatiza o quanto os aparelhos celulares facilitaram o trabalho com o cinema na escola, o autor afirma que:

Os aparelhos de celular trazem outros pontos positivos, a possibilidade de conectar microfones externos (alguns podem ser adquiridos a preços bastante acessíveis), a alteração de configurações como a quantidade de quadros por segundo gravados (frames) ou o tamanho e qualidade dos arquivos gerados. Outra questão que podemos usar a nosso favor com os mobiles está nos processos de pós-produção. Os alunos podem realizar a edição dos trabalhos utilizando os pequenos aparelhos, existem muitos aplicativos capazes de fazer cortes, juntar arquivos, inserir efeitos e uma série de outras ações. Assim como acontece com o aparelho de celular ao filmar (comparando-os às câmeras profissionais), dificilmente estes aplicativos chegarão ao desempenho e a precisão de um programa de edição profissional como o Adobe Premiere ou o Finalcut, e de uma ilha de edição potente, contudo, os elementos básicos necessários para um trabalho de montagem cinematográfica estarão lá.

Conforme as reflexões do autor, o planejamento se inicia no reino das ideias, permitindo que nossos pensamentos se moldem à realidade ao nosso redor. É crucial que isso sirva como ponto de partida para a concretização do cinema dentro do ambiente escolar. A partir de utopias e anseios, buscamos transformar em realidade aquilo que é possível e alcançável. Vale ressaltar que, mesmo diante de desafios e obstáculos, é viável implementar um projeto educacional de cinema com uma abordagem prática nas escolas, oferecendo uma experiência genuinamente lúdica e gratificante tanto para os alunos quanto para os educadores (BARBOSA, 2018).

Para a professora Sol, é possível vislumbrar alguns avanços em relação aos recursos materiais disponibilizados aos professores e professoras para o trabalho com o cinema e outras mídias audiovisuais, a educadora destaca que:

*Inicialmente, a alguns anos atrás nós tínhamos muita dificuldade de trabalhar com o cinema porque não havia recursos físicos: onde exibir o filme, uma sala adequada... Isso sempre foi muito dificultoso, em todas as escolas públicas que eu trabalhei. A partir de 2018, isso começou a ser transformado e um pouco melhorado, mas ainda necessitamos de muitos materiais e ambientes adequados para se passar um filme.
(Sol)*

Com base na fala da professora Sol, é possível inferir que a falta de recursos físicos adequados para trabalhar com o cinema nas escolas impactou negativamente sua prática pedagógica. A dificuldade em encontrar espaços apropriados e equipamentos para exibir os

filmes limitou suas possibilidades de explorar o potencial educativo do cinema. No entanto, a menção de que houve melhorias a partir de 2018 sugere que iniciativas foram implementadas para superar essa limitação, indicando um reconhecimento da importância do cinema como ferramenta educacional.

Mesmo diante das deficiências existentes, é fundamental que todos os envolvidos no processo educativo se unam para buscar alternativas e incentivar a realização de práticas que valorizem o potencial do cinema como ferramenta pedagógica. Ao reconhecer e apoiar o esforço dos profissionais de educação, podemos caminhar em direção a uma educação mais inclusiva, democrática e artística.

4.3 PARA ALÉM DAS CATEGORIAS ESTABELICIDAS: DESVENDANDO CAMINHOS INEXPLORADOS

Ao selecionarmos as categorias, tivemos o cuidado de agrupar as falas que apresentavam semelhanças, discursos que eram repetidos pela maioria dos professores e professoras. Essa abordagem foi essencial para destacar as categorias selecionadas, as quais revelaram perspectivas predominantes em relação ao uso do cinema na escola. No entanto, também encontramos algumas falas que exigem discussão e análise, mas que não se encaixaram em nenhuma categoria específica, pois eram opiniões individuais isoladas de cada professor ou professora. Por essa razão, optamos por evidenciá-las, uma vez que os dados coletados nos proporcionaram uma ampla variedade de possibilidades, caminhos e ideias. Essa inclusão enriquecerá nossa compreensão sobre o uso do cinema em sala de aula, ultrapassando as categorias inicialmente estabelecidas.

Quando perguntado se os filmes contribuem para a formação de alunos e alunas, o professor Rocky nos traz a seguinte fala:

Eu, como professor de artes acredito nisso. Eu acho que dependendo do filme, no momento certo, muda a visão de mundo. Há muito tempo atrás numa terra distante, quando ainda era o DVD, eu passei "Cantando na chuva" e teve uma aluna que falou "Nossa professor, que filme bonito esse!". Eu acho que fez diferença para ela, como Chaplin faz muita diferença, porque às vezes eu tenho alguns alunos que tem preconceito com filme preto e branco. Mas depois que ele vê, ele se anima, ele percebe que é legal, e eu acho importante conhecer o começo disso tudo (Rocky)

A fala do professor Rocky enfatiza a crença na capacidade transformadora do cinema. Segundo ele, dependendo do filme, é possível alterar a visão de mundo dos alunos e alunas. Ele menciona um exemplo específico, em que a exibição do filme "Cantando na Chuva" teve um

impacto positivo em uma aluna, despertando a percepção de sua beleza.

Também observamos que a abordagem do professor está em consonância com os estudos de Bergala (2008). Ao apresentar filmes fora do circuito comercial para seus alunos e alunas, o professor Rocky facilita o acesso a obras esteticamente diferentes daquelas às quais os estudantes estão familiarizados. O professor destaca que, inicialmente, os estudantes recebem esses filmes com certa estranheza, mas que, à medida que os conhecem, essa percepção se transforma. Segundo Bergala (2008, p. 93), "o acesso a experiências diferentes das nossas nos permite compartilhar, mesmo que por apenas alguns segundos, algo muito distinto". Dessa forma, podemos perceber a importância do trabalho realizado pelo professor Rocky, ao proporcionar aos seus alunos e alunas experiências cinematográficas que vão além das que já vivenciaram. Além disso, essa abordagem permite ao professor ampliar o repertório cinematográfico de seus estudantes, promovendo também uma reconfiguração de seus gostos.

Outra fala do professor Rocky que chama a atenção é sua resposta quando questionado sobre como utiliza os filmes em suas aulas. Sua resposta está alinhada com a perspectiva discutida ao longo deste trabalho: o uso do cinema como expressão artística. É interessante destacar que essa é a única fala em que identificamos a presença de uma preocupação em partir da experiência do estudante, de suas próprias conclusões e de sua jornada individual com a obra.

Gosto de apresentar o filme, eu apresento o nome do filme, dou uma nuance do que se trata, mas eu não falo o resumo do filme, não dou spoiler porque eu não quero direcionar o aluno. Eu quero que o aluno assista, tenha suas interpretações! Em seguida eu realizo uma roda de conversa para discutir o filme. Eu escuto a opinião deles e coloco a minha opinião, eu não gosto dessa história de "Vamos preparar o aluno para assistir tal filme". Não, isso não existe, pois aí nós estamos colocando ideias nas cabecinhas deles. Então acho que a gente tem que colocar eles para criar suas próprias conclusões, e não o professor os direcionar para olhar daquela forma para o filme. Muitos já direcionam o filme: "Esse filme se trata desse assunto, porque o ator principal faz isso, porque o antagonista é aquilo e no final vai acontecer isso". Eu já direcionei, eu não quero direcionar, eu quero que o aluno tenha uma experiência de sentir: Será que é isso? Será que é isso mesmo que eu vi? Talvez o aluno vá ver outra coisa, vai ter outra reação, outra perspectiva do professor e dos colegas (Rocky).

A análise da fala do professor Rocky revela sua postura e abordagem em relação à apresentação e discussão de filmes em sala de aula. Ele expressa o desejo de permitir que os alunos e alunas assistam aos filmes e tenham suas próprias interpretações, em vez de direcioná-los ou fornecer resumos que possam influenciar sua percepção. Essa abordagem valoriza a autonomia dos estudantes na construção de suas próprias conclusões e interpretações, promovendo uma experiência individual por meio de uma "análise criativa" ao invés de uma "análise interpretativa" (BERGALA, 2008).

Ao permitir que os estudantes criem suas próprias conclusões e interpretações dos filmes, notamos que o professor Rocky parte da experiência de seus alunos e alunas, permitindo uma “leitura criativa”, conforme os estudos de Bergala (2008). O professor valoriza a experiência subjetiva dos estudantes, incentivando-os a questionar, refletir e construir seu próprio entendimento dos filmes. Para Bergala (2008, p. 67)

Essa abordagem sensível do cinema poderia desinibir os professores: ela não exige nenhuma outra capacidade além de permanecer atento ao que se passa realmente na tela e no som, e que, num primeiro momento, se pode compartilhar em igualdade com os alunos. Mesmo na universidade, essa etapa, pela qual deveria começar toda abordagem de um filme, é queimada às vezes por "leitores" imediatamente decifreadores e interpretativos.

Dessa forma, ao promover uma leitura criativa e sensível dos filmes, o professor Rocky estimula a alteridade nos alunos e alunas, ampliando suas percepções, desenvolvendo empatia e fomentando a capacidade de se colocarem no lugar do outro.

Fresquet (2013, p. 49) alega que quando se parte da experiência do estudante, "outro fator fundamental é o silêncio, o não dito, em toda a transmissão. Um bom filme, mesmo que não seja completamente inteligível para uma criança, pode produzir um imenso prazer, uma dúvida, uma intuição". A partir disso, percebemos o quanto é importante a abordagem que o professor Rocky realiza ao trabalhar com o cinema na escola. Em sua fala, o educador enfatiza o quanto preserva o silêncio antes da exibição do filme, com a intenção de não atrapalhar ou contaminar a experiência que seus estudantes terão com a obra. Ao preservar o silêncio, o professor cria um ambiente propício para que os estudantes possam absorver as imagens, os sons e as emoções do filme, permitindo que eles sejam protagonistas de sua própria experiência cinematográfica.

A professora Sol, durante a entrevista, nos trouxe várias indagações importantes ao responder se acreditava que os filmes usados em sala de aula poderiam ou não contribuir para a formação de seus alunos/alunas:

Há uma questão de política de uso desses filmes, porque normalmente a gente sempre foca naquela coisa do filme politicamente correto, do filme que vai trazer valores. Será que esse é o caminho? Será que de repente trazer filmes com valores inversos, não subversivos, mas inversos, será que isso também não evoca um crescimento? É lógico que é necessário direcionar tudo que você leva para o seu aluno, é necessário contextualização. Mas porque não? Eu acho que tudo é passível de ser trabalhado, mas é necessário ser contextualizado.

Na fala, a professora levanta uma questão relevante sobre a política de uso dos filmes,

questionando a abordagem tradicional que se concentra em filmes politicamente corretos e que transmitem valores considerados positivos. Surge a reflexão se esse é realmente o único caminho a ser seguido. A professora Sol sugere a possibilidade de trazer filmes com valores inversos, não necessariamente subversivos, mas que apresentem perspectivas diferentes. Ele questiona se essa abordagem também não pode proporcionar crescimento e aprendizado aos estudantes.

A partir dessa fala, é possível inferir que a professora propõe uma abertura para a diversidade de filmes e temáticas abordadas, buscando ampliar o repertório dos estudantes e estimular o pensamento crítico. Ela ressalta a importância da contextualização ao trabalhar com qualquer tipo de filme, o que indica a necessidade de fornecer informações e referências que possam auxiliar os estudantes a compreenderem os diferentes contextos e perspectivas apresentadas nas obras. Essa fala também aponta para a importância de não restringir a seleção de filmes apenas àqueles que são considerados politicamente corretos, reconhecendo que filmes com valores inversos ou distintos também podem gerar aprendizado e crescimento. Essa abordagem mais ampla possibilita aos alunos e alunas uma compreensão mais abrangente da diversidade de ideias e perspectivas presentes na sociedade.

Bergala (2008) afirma que é comum os professores/professoras assumirem uma postura vigilante em relação aos filmes a serem exibidos em sala de aula, levantando questões como: Devo mostrar esse filme? Como devo fazê-lo? O que fazer em seguida? No entanto, o autor destaca que o educador/educadora não deve realizar a seleção de filmes baseado unicamente na perspectiva dos estudantes, fazendo isso “em nome deles”. Em vez disso, é necessário que o professor/professora avalie o filme “a partir de suas próprias convicções e inserções” (ibidem, p. 73). A partir dessa perspectiva, o autor nos convida a considerar as convicções e inserções do professor na escolha dos filmes, pois assim, é possível utilizar obras que não necessariamente tenham um propósito educativo, como mencionado pela professora Sol. No entanto, é importante ressaltar que essa seleção não deve ser feita em “nome das crianças, mesmo que seja ‘para’ elas” (ibidem, p. 73).

Ao responder a mesma pergunta feita para a professora Sol, o professor Apolo evidencia a importância de uma seleção criteriosa dos filmes a serem utilizados em sala de aula, afirmando que:

O próprio cinema nacional é muito rico, ele tem uma riqueza muito grande de conteúdo, filmes que refletem a nossa história, a nossa cultura e o nosso cotidiano. Tem filmes que são muito ideológicos e para mim não servem, “Rambo”, por exemplo, eu jamais passaria para os meus alunos, porque ele tenta passar uma ideologia de que o super soldado americano é o bonzinho e o vietnamita é o bandido, e tem gente

que ainda hoje é apaixonado pelos filmes do Rambo, mas não consegue perceber a ideologia por trás (Apolo).

O educador destaca o cinema nacional como uma fonte rica de conteúdo, que reflete a história, cultura e cotidiano do país. Nesse sentido, a escolha de filmes que possuam essa conexão com a realidade dos estudantes pode ser enriquecedora para o processo educativo. No entanto, o professor Apolo demonstra preocupação com filmes que apresentam ideologias prejudiciais, citando o exemplo de "Rambo". Essa preocupação está alinhada com a ideia de que os filmes podem transmitir mensagens e valores que influenciam a percepção e o pensamento dos espectadores. Bergala (2008, p. 45) também discute sobre essa questão, argumentando que:

Se pensamos que é preciso aprender prioritariamente a se defender contra os filmes, é porque consideramos o cinema perigoso, em primeiro lugar. Mas o perigo designado é sempre o mesmo - basicamente, o perigo ideológico: os filmes podem ser insidiosamente portadores, com um suplemento de prazer, de valores nefastos (apologia da violência, racismo, sexismo, etc.).

Entretanto, o autor evidencia um outro cuidado, muito mais importante do que se atentar aos perigos ideológicos, discutindo também o perigo da mediocridade ou nulidade artística. Nesse sentido, a argumentação entre a fala da professora e a citação de Bergala pode ser estabelecida ao reconhecer a importância de que o educador/educadora seja cauteloso na hora de escolher o filme que irá exibir, escolhendo obras que ofereçam um valor artístico e intelectual aos alunos. É fundamental que os educadores/educadoras busquem promover a apreciação de filmes que sejam esteticamente bem elaborados, que provoquem reflexões e que incentivem a sensibilidade estética dos estudantes. Como aponta Bergala (2008, p. 45) “a escola se preocupa de bom grado com os “filmes ruins”, que poderiam exercer uma ação negativa sobre os estudantes, mas nunca se preocupa com as consequências devastadoras da mediocridade”. Para o autor, esse é o perigo “mais comum e insidioso” (ibidem, p. 46). Como resposta a isso, os educadores e educadoras devem oferecer aos seus estudantes outras referências, abordando os filmes com confiança e priorizando a apreciação dos filmes como obras de arte.

Ao analisar as falas expostas acima, percebemos algumas diferenças em relação a outras falas selecionadas nas categorias estabelecidas. Essas falas revelam a preocupação com a questão ideológica no uso de alguns filmes em particular, bem como levantam questionamentos importantes sobre os filmes que devemos ou não exibir em sala de aula. Devemos limitar os filmes apenas àqueles considerados educativos? É possível fazer escolhas com base no gosto pessoal do professor ou da professora? É viável apresentar filmes que desafiam o "politicamente

correto"? Essas indagações são essenciais para refletirmos sobre a utilização do cinema na escola e, a partir delas, estabelecer conexões com autores e autoras que discutem essa questão. Ao estabelecer essas conexões, percebemos a importância de agir com cuidado e atenção em relação às escolhas que fazemos, indo além de fazê-las apenas "em nome dos estudantes", como observado por Bergala (2008). Devemos nos atentar às características dos filmes que desejamos apresentar aos nossos estudantes, considerando os perigos que podem representar, e refletir sobre a importância de utilizar boas referências, introduzindo filmes que não fazem parte do cotidiano dos alunos e alunas.

Além disso, é fundamental destacar as falas do professor Rocky, que nos mostram que, apesar do cinema ser frequentemente utilizado como ilustração ou recurso didático, ainda existem educadores/educadoras que levam a perspectiva artística do cinema para a escola, ressaltando seu potencial como uma experiência significativa e produtora de significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar o espaço das salas de aula e ouvir atentamente diversos educadores e educadoras comprometidos com o desenvolvimento de seus estudantes, esta pesquisa revelou práticas, pensamentos e vozes que antes permaneciam invisíveis. As falas dos professores e professoras entrevistados contribuíram significativamente para a compreensão sobre o uso do cinema na sala de aula. As experiências que compartilharam trouxeram questões pertinentes, desafios e dificuldades enfrentadas ao trabalhar com os filmes na escola. A participação e contribuição dos professores e professoras foram essenciais para a construção de uma visão mais abrangente e realista sobre o cinema na educação.

O envolvimento profundo com essa temática, que possui um significado especial em minha vida, ampliou horizontes e abriu novos caminhos para a reflexão sobre a interseção entre o cinema e a educação. Ao mergulhar de cabeça nesse campo tão afetivo para mim, posso dizer que com esta, pesquisa foi possível ampliar o entendimento e a visão sobre o cinema e a educação, trazendo para o debate as experiências e vivências dos profissionais que estão diariamente nas salas de aula. Suas histórias enriqueceram este estudo por meio do compartilhamento de suas experiências e vivências em sala de aula, proporcionando uma conexão fundamental entre a teoria e a prática.

Assim, a pesquisa se desenvolve em uma trajetória coesa, entrelaçando conceitos e abordagens para uma compreensão abrangente do papel do cinema na educação, explorando a importância da arte na formação educacional, destacando a visão de Paulo Freire como referencial para uma pedagogia que propicie espaços de criação e apreciação artística.

Ao refletir sobre os desafios da relação entre cinema e educação, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem que valorize a experiência da criação. A prática de expressar sentimentos e pensamentos através do cinema potencializa não apenas a capacidade cognitiva, perceptiva, criativa e estética dos estudantes, mas também sua dimensão psicológica. A educação, como processo contínuo, é melhor garantida através da vivência, transformando os estudantes de receptores a geradores de conhecimento.

A partir disso, discutimos a importância de uma educação que valorize a diversidade dos estudantes, considerando seus contextos de vida, ideias e vivências. O diálogo constante entre educador(a) e educando(a), como preconizado por Freire (1996), fundamenta uma educação voltada para a liberdade. A promoção de práticas educacionais abertas à criação, inovação e transformação é essencial para estimular uma aprendizagem significativa.

A proposta de uma educação libertadora, influenciada pelas ideias de Freire (1996),

ênfatiza o diálogo como base para uma prática social concreta e transformadora. O professor/professora, nesse contexto, desempenha um papel crucial ao oferecer uma educação conscientizadora, estética e criativa, buscando desenvolver a criatividade e a reflexão crítica dos estudantes.

A discussão sobre o diálogo em sala de aula ressalta a importância de valorizar os conhecimentos e vivências dos estudantes como ponto de partida para a construção de novos saberes. A criação de um ambiente propício ao diálogo crítico permite aos estudantes expressar suas visões de mundo, promovendo reflexões e debates significativos.

O papel do cinema na escola, quando incorporado a partir de uma “Pedagogia da criação”, como afirma Bergala (2008), reflete a ideia de uma educação que estimula a expressão, criatividade, imaginação e produção sensível e intelectual do conhecimento. O cinema não deve ser trabalhado apenas um instrumento didático, mas reconhecido como uma arte capaz de enriquecer as práticas pedagógicas, expandindo as possibilidades de experimentação e reflexão. Portanto, ao repensar o cinema no âmbito escolar, é crucial superar abordagens utilitaristas e considerá-lo como uma linguagem artística que, quando utilizada de maneira criativa e reflexiva, pode contribuir significativamente para a construção de uma educação emancipadora e transformadora.

A partir disso, adentramos na análise da linguagem cinematográfica e seu potencial para proporcionar experiências significativas aos estudantes. Destacamos não apenas a arte em si, mas a capacidade única do cinema em instigar a alteridade, convidando os espectadores a se colocarem no lugar do outro. Essa dimensão humanizadora do cinema emerge como um elemento que contribui com o aprendizado e as experiências dos estudantes na escola.

Desta forma, a partir do referencial teórico, enfatizamos a impossibilidade de estar no mundo sem participar ativamente na construção da história, cultura e desenvolvimento coletivo, como afirma Paulo Freire (1996). Dessa forma, evidenciamos a arte como uma linguagem essencial para promover o desenvolvimento integral dos alunos e alunas, desenvolvendo uma atitude ética, comprometida e crítica. Assim, a arte na educação não se limita a tornar as aulas mais agradáveis, mas desempenha um papel crucial no desenvolvimento de cidadãos conscientes e participativos na sociedade. Nesse processo, destacamos também a importância do processo de criação artística, indo além do produto final e explorando a expressão livre de emoções e sentimentos.

Reconhecer o cinema como experiência, como uma linguagem artística com suas próprias especificidades e características, é fundamental para promover novas vivências e estimular a criação e o pensamento crítico dos estudantes. Isso implica em ir além da abordagem

superficial do conteúdo dos filmes, incorporando a análise dos elementos técnicos, estéticos e simbólicos presentes nas obras cinematográficas. Dessa forma, os estudantes terão a oportunidade de desenvolver uma compreensão mais profunda e crítica do cinema como arte, reflexão e transformação social.

Nesse sentido, é necessário tratarmos de uma das principais discussões abordadas neste estudo: a questão da alteridade no cinema. Ao explorar o tema, percebemos que o cinema é capaz de nos colocar diante do outro e permitir que nos coloquemos em seu lugar. Ao explorar a dimensão da alteridade no cinema, reconhecemos o seu poder em nos fazer refletir, nos emocionar e nos conectar com realidades diferentes. Essa abertura para o outro e para o desconhecido é essencial no contexto educacional, onde buscamos formar cidadãos críticos e empáticos.

A abordagem de Fischer e Hilgert (2016) amplia esse entendimento ao destacar a complexidade da alteridade no cinema, que não se limita à dicotomia de inclusão e exclusão, mas se manifesta como uma experiência ética e estética de olhar o outro e com o outro. Nesse sentido, a proposta de Badiou (2004) de considerar o cinema como uma forma de pensamento do outro enriquece ainda mais essa perspectiva, evidenciando a relevância dessa arte na ampliação das perspectivas filosóficas.

Ademais, é importante enfatizar que todas as abordagens discutidas por diferentes autores e autoras apresentados neste estudo, convergem para a importância de não reduzir o cinema apenas a um recurso didático, mas também reconhecê-lo como arte. O cinema pode ser utilizado em diferentes áreas do conhecimento, potencializando o aprendizado e a construção de conhecimento dos alunos e alunas. No entanto, é fundamental incorporar a dimensão artística do cinema em todas as abordagens, promovendo o conhecimento da linguagem cinematográfica e proporcionando experiências significativas aos estudantes. Situar os filmes em um contexto social, cultural e histórico, explorar seus aspectos técnicos e artísticos, e permitir que os estudantes explorem diversas perspectivas são elementos-chave para uma abordagem que prioriza a experiência dos estudantes.

Nesse sentido, a BNCC, documento que serve como base e diretriz para a Educação Nacional, embora mencione o cinema como um recurso educacional, não explora sua dimensão artística de forma aprofundada. A preocupação central reside na relegação do cinema a uma posição secundária, integrado apenas como suporte para o ensino de outros componentes. A ausência de um eixo específico dedicado ao cinema no componente curricular de artes na BNCC é alvo de questionamentos. Acreditamos que o cinema deveria ser tratado como um eixo de aprendizagem específico no componente curricular de arte, permitindo os estudantes

explorararem suas características distintivas e ter acesso a obras cinematográficas diversas.

Já a lei 13.006/2014, que torna obrigatória a exibição de filmes nacionais nas escolas, representa um avanço significativo. No entanto, sua aplicabilidade enfrenta desafios consideráveis. A falta de diretrizes claras sobre quem deve mediar as exibições, os objetivos pedagógicos a serem alcançados e a ausência de recursos técnicos nas escolas são obstáculos que demandam atenção. É crucial pensar em estratégias para efetivar a lei, garantindo não apenas a exibição regular de filmes, mas também a promoção de debates e análises críticas. Além disso, é imperativo que a lei seja acompanhada de políticas e práticas concretas, bem como investimentos na formação docente e na infraestrutura das escolas.

A partir da pesquisa de campo realizada na cidade de Ourinhos, com professores e professoras dos anos finais do ensino fundamental que atuam em escolas públicas, evidenciamos que ainda está enraizada uma cultura entre os professores(as), gestores(as) e alunos(as) que limita o cinema a um mero recurso para ilustrar conteúdos específicos. Essa visão restrita impede que a dimensão artística do cinema chegue até os estudantes, sendo pouco explorada pelos professores e professoras. É importante destacar que a escolha dos filmes muitas vezes é influenciada pela demanda dos estudantes, porém, o critério principal ainda é o conteúdo da obra. Identificamos que a maioria dos professores(as) trabalham com filmes que abordam temáticas diretamente conectadas ao conteúdo que estão ensinando em sala de aula. Essa questão aponta um desafio para superarmos quando realizamos o trabalho com o cinema na sala de aula. Nesse contexto, percebe-se a necessidade de que a escolha de obras cinematográficas transcendam o conteúdo, pensando também os elementos técnicos, estéticos e simbólicos que permeiam as criações audiovisuais e que permitem práticas que vão além de uma “análise crítica”.

Além disso, mesmo vivendo em uma sociedade imersa no meio audiovisual, os dados coletados revelam que persistem o preconceito e o estigma em relação à utilização de filmes na escola. Lamentavelmente, ainda há uma visão equivocada de que a exibição de filmes é uma forma de fuga por parte dos educadores e educadoras, como se estivessem negligenciando suas responsabilidades em sala de aula. Essa percepção distorcida contribui para a resistência em aproveitar todo o potencial artístico e pedagógico que o cinema pode oferecer. A partir dessa constatação, fica evidente que muitos professores e professoras ainda perpetuam uma prática que não condiz com o que os autores e autoras (citados nessa pesquisa) defendem em relação ao como devemos pensar o cinema na educação.

É imprescindível, portanto, promover uma mudança de perspectiva, incentivando os educadores e educadoras a explorarem o cinema de maneira ampla e criativa em suas práticas

pedagógicas. É necessário transcender a concepção restrita do cinema como mero recurso ilustrativo e reconhecê-lo como uma linguagem artística que oferece inúmeras possibilidades educacionais. Nesse sentido, a pesquisa em questão desponta como uma luz que abre perspectivas para os professores/professoras participantes, assim como outros profissionais da educação, comecem a enxergar o cinema como uma experiência artística genuína no espaço escolar. A arte cinematográfica, em sua pluralidade e diversidade, abre portas para a reflexão, a expressão criativa e a conexão com o mundo, permitindo que cada aluno e aluna encontre sua própria voz e se engaje ativamente em seu processo de aprendizagem. Que essa pesquisa seja o ponto de partida para uma educação mais inspiradora e aberta às múltiplas possibilidades que o cinema oferece.

A pesquisa, ao se desdobrar em perspectivas futuras, revela um potencial transformador ao apontar para uma mudança de paradigma. O convite se ergue para instigar educadores e educadoras a mergulharem de forma ampla e criativa na integração do cinema em suas práticas pedagógicas. Nesse cenário, este estudo se configura como um agente catalisador, oferecendo não apenas uma visão mais ampla, mas também inspiradora sobre o papel do cinema na educação.

Para finalizar, esperamos que as sementes plantadas neste estudo floresçam, inspirando novos olhares, novos diálogos e novas jornadas pelo vasto mundo do cinema e da educação. Que o cinema continue a nos encantar, a nos provocar e a nos transformar, e que cada história vivida nas salas de aula seja um ponto de partida para um futuro repleto de descobertas e encantamentos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 21ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABUD, Katia Maria. A construção de uma Didática da história: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 183-193, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a08.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2022.

ALMEIDA, João. O cinema como ferramenta pedagógica: Desconstruindo preconceitos e ampliando possibilidades. In: **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 7, n. 13, p. 9-22, 2010.

ANDRADE, Viviane Alves de. Cinema Brasileiro nas escolas: reflexões e propostas de implementação da lei 13.006/14 na rede municipal do rio de janeiro. **Seminário, Mídias e Educação**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://cp2.g12.br/ojs/index.php/midiaseeducacao/article/view/1460/1055>>. Acesso em: 17 mar. 2023.

BADIOU, Alan. El cine como experimentación filosófica. In: YOEL, G. (Comp.) **Pensar el cine 1. Imagen, ética y filosofía**. Buenos Aires: Manantial, 2004, p. 23-81.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998.

BARBOSA, Marcia Silvana Silveira. **O papel da escola: obstáculos e desafios para uma educação transformadora**. Orientadora: Carmem Lúcia Bezerra Machado. 2004. 234 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6668/000488093.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BARBOSA, Diogo José de Moraes Lopes; SCHULZE, Guilherme Barbosa. Ensino de cinema na educação básica: aspectos legais. **GEARTE**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 289-298, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/83120/49631>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

BARBOSA, Diogo José de Moraes Lopes. **Cinema no contexto escolar: por uma pedagogia da criação**. Orientador: Guilherme Barbosa Schulze. 2018. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12455/1/Arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Tradução: Mônica Costa Netto e Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink, 2008. Disponível em: <<http://www.sementecinematografica.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Livro-Alain-Bergala-A-Hipoteses-Cinema.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BERNARDET, Jean Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>.

Acesso em: 13 fev. 2023.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema**: Uma introdução.

Campinas/São Paulo: Editora Unicamp/Edusp, 2013.

COHN, Greice. O ensino contemporâneo da Arte e a Hipótese de Bergala: diálogos e convergências. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 179-199, abr. 2013. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pp/a/3Y8pZ45xryyYdcYnz7XQsDF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.

DEUS, Ana Iara Silva de; PEREIRA, Carmem Rodrigues. Linguagem cinematográfica na educação: aproximação do cinema como arte no ensino fundamental. In: BARBOSA, Maria Carmem Silveira; SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). **Cinema e Educação**: Dentro e fora da lei. Porto Alegre: UFRGS/programa de Alfabetização Audiovisual, 2014. p. 114-121.

Disponível em: <<https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ce/wp-content/uploads/sites/373/2019/01/000992418-4.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, cinema e alteridade. **Educar em Revista**, n. 26, p. 67-70, Editora UFPR, 2005. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155016204006>>. Acesso em: nov. 2022.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Porque Arte-Educação?** 22. ed. Campinas: Papirus, 2012.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2. ed. 2002.

EISNER, Elliot. **Arts and creation of mind**. New Haven & London: Yale University Press, 2002.

FANTIN, Monica. Crianças, **Cinema e Mídia-Educação**: Olhares e experiências no Brasil e na Itália. Orientadora: Gilka Girardello. 2006. 399 f. Tese (Doutorado em Educação).

Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88793/223085.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Luz, câmera e história**: práticas de ensino com o cinema. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Quando os meninos de Cidade de Deus nos olham. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 33, (n. 1), Jul./2008. p. 193-207.

FISCHER, Rosa Maria Bueno; HILGERT, Ananda Vargas. Educação estética, cinema e alteridade. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, vol.46, no.162, out./dez. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (Org.). São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FRESQUET, Adriana. Cinema e Educação: a lei 13.006/14: reflexões, perspectivas e propostas. In: FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. **Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14**. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015. p. 4-23.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODARD, Jean Luc. Você quer fazer cinema? Pegue uma câmera! In: TIRARD, L. **Grandes Diretores de Cinema**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2006.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n° 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MARCELLO, Fabiana Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, Jul./2011. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v36n02/v36n02a11.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, Zeloí Aparecida. Visibilidades na obra fílmica e na obra pictórica: uma discussão sobre arte(s), memória e história como visão. In: MOLINA, Ana Heloisa et al. **Arte(s), memórias e universo audiovisual**: miradas e investigações. Londrina: Ledi, 2022. p. 367-382.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

- MOLETTA, Alex. **Fazendo cinema na escola: arte audiovisual dentro e fora da sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014.
- MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula?** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, C. B. et al. **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: TOZZI, Devanil. **Caderno de Cinema do Professor**. São Paulo: Fde, 2009.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula?** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 1. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2013. 48 p.
- PINA, Leonardo; GAMA, Carolina. Base Nacional Comum Curricular: algumas reflexões a partir da pedagogia histórico-crítica. **Nuances**, Presidente Prudente, v. 31, n. 1, p. 78-102, dez. 2020. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/8290/pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- PINHEIRO, Jane. E se eu assistir a duas horas de filme brasileiro por mês na escola? In: FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar (Org.). **Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14**. Belo Horizonte: Univeriso Produção, 2015.
- RABIGUER, Michael. **Direção de cinema: Técnicas e estética**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2007.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. Il cinema luogo di educazione, tra scuola ed extra-scuola. In: MALAVASI, P.; POLENGHI, S.; RIVOLTELLA, P. C. (Orgs.). **Cinema, pratiche formative, educazione**. Milano: Vita e Pensiero, 2005.
- RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Olho vivo: Arte-Educação na exposição Labirinto da Moda: uma aventura infantil**. 1999. 223 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Universidade de São Paulo, 1999. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-17022016-112519/publico/DoutoradoRizzi.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2023.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Contra a violência: experiências sensoriais envolvendo luz e visão. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília Von. **A criança e a mídia: imagem, educação e participação**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2002. p. 263-304. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000131.pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2023.
- SOCINE - Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. Disponível em: <<https://www.socine.org/2016/03/socine-se-posiciona-sobre-a-inclusao-do-cinema-e-audiovisual-na-base-nacional-curricular-comum/>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

STECZ, Solange Straube; COMOTI, Vinicius. Conversas no chão da escola sobre a lei 13.006. In: SILVA, Acir Dias da; SIRINO, Salete Paulina Machado (Org.). **Cinema Brasileiro e educação**. 20. ed. Cascavel: CDD, 2018.

STECZ, Solange Straube. **Cinema e educação**: produção, democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba. 2015. 261 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUFFAUT, François. Reflexões sobre as crianças e o cinema. In: **O prazer dos olhos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

TRUFFAUT, François. **O cinema segundo François Truffaut**. Textos reunidos por Anne Gillain. Tradução de Dau Bastos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

XAVIER, Ismail. Um cinema que "educa" é um cinema que (nos) faz pensar. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, p. 13-20, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227051003.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

XAVIER, Ismail. **Sétima arte**: um culto moderno. 2. ed. São Paulo: Sesc, 2017.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena**: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE I – TERMO DE CIÊNCIA DO RESPONSÁVEL PELO CAMPO DE ESTUDO

À Escola Estadual XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Título do projeto: A linguagem cinematográfica nos anos finais do ensino fundamental: um estudo sobre o uso do cinema nas escolas estaduais de Ourinhos.

Local de pesquisa: Escola Estadual – Ourinhos/SP

Nome do pesquisador responsável: Zeloí Aparecida Martins

Nome do pesquisador: Julya Gonçalves da Silva

Responsável pelo local de realização da pesquisa:

Declaro(amos) que os pesquisadores acima identificados estão autorizados a realizar a pesquisa com o título “A linguagem cinematográfica nos anos finais do ensino fundamental: um estudo sobre o uso do cinema nas escolas estaduais de Ourinhos”, e a coleta dados, os quais serão utilizados exclusivamente para fins científicos. O armazenamento dos dados ocorrerá num período de até 5 anos, contados a partir do ano de 2022. Após este período os dados serão descartados. O referido projeto será realizado juntos aos (sujeitos), que aceitarem participar da pesquisa após a aprovação do comitê de ética em pesquisa, assegurando sua confidencialidade e o anonimato dos sujeitos participantes da pesquisa de acordo com as normas da Resolução CNS/MS nº 466/2012; e/ou CNS/MS nº 510/2016 e suas complementares. Está autorização só terá validade mediante parecer de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Paraná (CEP UNESPAR), e o pesquisador responsável deverá obrigatoriamente entregar o parecer/aprovação do CEP UNESPAR para Instituição (campo de estudo).

_____, ____ de _____ de 20__.

 Profa. Dra. Zeloí Aparecida Martins
 (Pesquisadora responsável)

 Julya Gonçalves da Silva
 (Pesquisadora assistente)

 Nome do representante/Responsável (**Carimbo**)

APÊNDICE II – PARECER COSUBSTANCIADO DO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A linguagem cinematográfica nos anos finais do ensino fundamental: um estudo sobre a utilização do cinema nas escolas estaduais de ourinhos no período de 2014 a 2019.

Pesquisador: ZELOI APARECIDA MARTINS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 57331822.6.0000.9247

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.339.584

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta mostra consistência e segue as orientações de pesquisa com seres humanos com uso de TCLE para os professores que aceitarem participar da coleta de dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram apresentados: TCLE; folha de rosto; autorização de uso de imagem e voz. Também enviaram o roteiro de entrevista semiestruturada.

Recomendações:

O TCLE está em papel timbrado da UNESPAR no modelo disponibilizado anteriormente por esse CEP, o uso deste modelo não é obrigatório.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Resolução CNS nº 466/12, item XI.2.d e Resolução CNS nº 510/16, art. 28, item V.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	16/03/2022		Aceito

Endereço: Av:Gabriel Esperidião s/n sala 20

Bairro: Jardim Morumbi

CEP: 87.703-000

UF: PR

Município: PARANAÍ

Telefone: (44)99973-4064

Fax: (44)3424-0100

E-mail: cep@unespar.edu.br

Continuação do Parecer: 5.339.584

Básicas do Projeto	ETO_1907416.pdf	18:37:39		Aceito
Folha de Rosto	FolhaRosto.pdf	16/03/2022 18:32:26	JULYA GONCALVES DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	16/03/2022 18:30:19	JULYA GONCALVES DA SILVA	Aceito
Outros	ROTEIRODEENTREVISTA.docx	04/03/2022 11:03:30	JULYA GONCALVES DA SILVA	Aceito
Outros	Autorizacao.docx	04/03/2022 10:58:59	JULYA GONCALVES DA SILVA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	04/03/2022 10:58:19	JULYA GONCALVES DA SILVA	Aceito
Outros	termos.pdf	04/03/2022 10:49:46	JULYA GONCALVES DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	04/03/2022 10:41:36	JULYA GONCALVES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	04/03/2022 10:38:34	JULYA GONCALVES DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PARANAVAI, 08 de Abril de 2022

Assinado por:
Dandara Novakowski Spigolon
(Coordenador(a))

APÊNDICE III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado(a) Colaborador(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “A linguagem cinematográfica nos anos finais do ensino fundamental: um estudo sobre o uso do cinema nas escolas estaduais de Ourinhos”, que faz parte do Programa de Mestrado Profissional em Artes - PPGArtes, sob a responsabilidade da pesquisadora Zeloí Aparecida Martins, RG: XXXXXXXX e CPF: XXXXXXXXXX, da Universidade Estadual do Paraná, que irá investigar de que forma o cinema está presente nas práticas pedagógicas de professores dos anos finais do ensino fundamental, das escolas públicas do município de Ourinhos, no período de 2014 a 2019. Com a pesquisa, pretende-se aprofundar a compreensão sobre como os professores utilizam o cinema em sala de aula, possibilitando assim o aprimoramento de práticas pedagógicas voltadas para o uso da linguagem cinematográfica nos anos finais do ensino fundamental, de modo a contribuir para a área do cinema e educação no que se refere à compreensão de como a escola pode ser um local de incorporação do cinema enquanto arte.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP UNESPAR.

DADOS DO PARECER DE APROVAÇÃO

Emitido Pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CEP UNESPAR. Número do parecer: 5.339.584

Data da relatoria: 08/04/2022.

PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: A sua participação é muito importante, ela se dará por meio de uma entrevista, no formato presencial, com duração de 30 minutos, agendada em horário compatível com sua disponibilidade, mediante aprovação do responsável pelo seu local de trabalho e de sua aprovação. A entrevista será composta por questões que permitirão a identificação e análise qualitativa de dados relativos as práticas pedagógicas aplicadas pelos professores dos anos finais do ensino fundamental no uso do cinema em sala de aula.

A entrevista será gravada, transcrita e posteriormente analisada pelas pesquisadoras utilizando técnica de análise constituída de 3 etapas: a análise prévia do material, a exploração teórica e a interpretação dos resultados. Será mantido o sigilo quanto à sua identidade.

1. RISCOS E DESCONFORTOS: informamos que poderão ocorrer riscos/desconfortos mínimos aos participantes, tais como: tomar o seu tempo ao responder a entrevista; causar algum constrangimento por não se sentir à vontade ou não querer manifestar opinião/sentimento sobre alguma das questões.

Para minimizar tais riscos será desenvolvido um ambiente descontraído e acolhedor para a realização das entrevistas, será garantida a privacidade dos participantes, assim como liberdade para não responder questões e será assegurada a confidencialidade da entrevista.

Lembramos que a sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo.

2. BENEFÍCIOS: Espera-se aprofundar a compreensão sobre como os professores utilizam o cinema em sala de aula, possibilitando assim o aprimoramento de práticas pedagógicas voltadas para o uso da linguagem cinematográfica nos anos finais do ensino fundamental, de modo a contribuir para a área do cinema e educação no que se refere à compreensão de como a escola pode ser um local de incorporação do cinema enquanto arte.

3. CONFIDENCIALIDADE: As informações registradas serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Todas as gravações de entrevistas serão armazenadas em HD externo sob responsabilidade das pesquisadoras. As respostas e dados pessoais ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum dos questionários e gravações, nem quando os resultados forem apresentados.

Além disso, os dados a serem coletados só serão utilizados para fins de publicações científicas, num período de até 5 anos, contados a partir do ano de 2022. Após este período os dados serão descartados.

4. ESCLARECIMENTOS: Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da sua participação, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UNESPAR, cujo endereço consta deste documento. Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o **pesquisador responsável**, conforme o endereço abaixo:

Nome do pesquisador responsável: Zeloí Aparecida Martins

Endereço: Rua Cecília Meireles, Nº 140, sobrado 04. Bairro: São Lourenço/Curitiba – Paraná

Telefone para contato: (41) 99932-8805

E-mail: zeloimartins@gmail.com ou julyagoncalves8@gmail.com

Horário de atendimento: Horário comercial

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (CEP) envolvendo Seres Humanos da UNESPAR, no endereço: CEP UNESPAR campus Paranavaí: Avenida Gabriel Esperidião, S/N - Sala 20, Jardim Morumbi, Paranavaí -PR, CEP: 87.703-000, Telefone: (44) 3424-0100; E-mail: cep@unespar.edu.br

5. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS: Caso haja concordância da sua participação na pesquisa, informamos que não haverá compensação financeira.

6. CUSTOS: Foi esclarecido de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela sua participação na pesquisa, tendo em vista que sua participação é voluntária.

PREENCHIMENTO DO TERMO: Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada, entregue à você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você), como garantia do acesso ao documento completo.

TERMO 1

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelo(a) pesquisador(a), ciente dos serviços e procedimentos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e atesta a compreensão dos procedimentos e a sua participação voluntária. E, por estar de acordo, assina o presente termo.

_____, _____ de _____ de 2021.

Participante da pesquisa

TERMO 2

Eu Zeloí Aparecida Martins, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____, _____ de _____ de _____.

Profa. Dra. Zeloí Aparecida Martins
(Pesquisadora responsável)

Julya Gonçalves da Silva
(Pesquisadora assistente)

APÊNDICE IV - TERMO E AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

TERMO E AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____ RG, _____, CPF _____, autorizo o uso da minha imagem e voz na pesquisa intitulada: **A linguagem cinematográfica no ambiente escolar: um estudo sobre a utilização do cinema nas escolas estaduais de Ourinhos no período de 2014 a 2019**, sob responsabilidade das pesquisadoras: Profa. Dra. Zeloí Aparecida Martins, CPF: xxxxxxxx, residente na xxxxxxxxxx. E-mail: zeloimartins@gmail.com, telefone: xxxxxx e Julya Gonçalves da Silva, CPF: xxxxxxxxxxxx, residente xxxxxxxxxxxx, e-mail: julyagoncalves8@gmail.com (pesquisadora assistente). Fui informado(a) que a pesquisa será desenvolvida por meio de entrevista presencial com questões referente a utilização do cinema na sala de aula, incluindo também perguntas sobre as experiências e proximidade do professor com essa linguagem, com o objetivo de investigar de que forma o cinema, está presente nas práticas pedagógicas dos professores dos anos finais de escolas públicas do município de Ourinhos. Fui informado(a) também que os dados registrados serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade do(a) participante, e que as gravações de entrevistas serão armazenadas em HD externo sob responsabilidade das pesquisadoras. Estou ciente de que os dados a serem coletados só serão utilizados para fins acadêmicos, em publicações científicas, num período de até 5 anos, contados a partir do ano de 2022. Após este período os dados serão descartados. Fui informado que os riscos do estudo são mínimos aos participantes, incluindo tomar o tempo do(a) entrevistado(a); causar algum constrangimento por este(a) não se sentir à vontade ou não querer manifesta-se sobre alguma das questões. Fui informado que, para minimizar tais riscos será desenvolvido um ambiente descontraído e acolhedor para a realização das entrevistas. Estou ciente de que a minha participação é totalmente voluntária, podendo ele(a) recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Estou ciente também que eventuais dúvidas ou esclarecimentos adicionais sobre o estudo podem ser solicitadas à pesquisadora responsável, conforme endereço supracitado, ou ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UNESPAR. Unespar Campus Paranavaí – Avenida Gabriel Esperidião, S/N - Sala 20 – Jardim Morumbi, Paranavaí – PR; CEP: 87.703-000; Telefone: (44) 3424-0100; E-mail: cep@unespar.edu.br.

_____, _____/_____/_____.
Local, data

Participante da pesquisa

APÊNDICE V – FICHA DE DADOS DO PROFESSOR(A) ENTREVISTADO(A)

NOME:	
IDADE:	SEXO: () FEM () MAS
GRADUAÇÃO:	PRESENCIAL () DISTÂNCIA ()
PÓS-GRADUAÇÃO/MESTRADO/DOCTORADO:	
ESCOLAS ESTADUAIS EM QUE TRABALHA:	
COMPONENTE QUE LECIONA:	
FORMAÇÃO EM CINEMA?	() SIM () NÃO
SE SIM, QUAL? _____	
LECIONA EM QUAL/QUAIS TURMAS?	() 6° () 7° () 8° () 9°
PSEUDÔNIMO ESCOLHIDO:	

APÊNDICE VI – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM PROFESSORES(AS)

Monalisa – Língua Portuguesa

1. Para você, o que é o cinema?

O cinema é a oitava maravilha! É a expressão da arte. É importantíssimo para a formação do ser humano, na construção da sua cultura e da sua identidade. É distração, entretenimento, mas também é ensinamento.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Eu costumo, confesso que eu usava com mais frequência a alguns anos atrás. Hoje eu percebo que o aluno tem muita dificuldade para se concentrar no filme. Mas ainda é um recurso que sim, que eu utilizo.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

A questão da concentração. Então se o filme for muito longo, se ele tiver um conteúdo que exija um pouco mais do aluno ficar focado, isso se perde. A presença do celular na sala de aula faz com que eles se distraiam com a atenção no celular ao invés do filme. Esse é um dos grandes problemas dos dias de hoje. Mesmo que o filme seja bom, se ele for mais longo a questão do tempo tira a concentração.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

Olha, eu acho que a iniciativa é boa. Mas não é fácil de que ela realmente ocorra em sala de aula, com a dinâmica da escola. Mas é uma iniciativa favorável sim, pensando até no novo cinema brasileiro, que de umas décadas para cá acho que nós temos um outro tipo de cinema sendo feito no Brasil, com filmes muito bons... Então eu sou favorável a lei só não acredito que o professor consiga dar conta na rotina da escola, desse tempo que a lei estipula.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Não, eu não conhecia.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Com certeza! Então o primeiro passo quando o professor escolhe o filme, isso não pode ser feito de maneira aleatória. Então você já precisa pensar o porquê você está trabalhando esse filme. Ele vai contribuir em que? Então pode ser tanto num recurso associado à sua disciplina, pois tem filmes aí que o professor de física, química, ele consegue trazer o filme nesse contexto de se trabalhar qualquer tipo de conteúdo, mas principalmente se eu pensar em formação do educando eu tenho inúmeros filmes, por exemplo “Escritores da liberdade”, “Clube do imperador”, que eu posso trazer essa questão dos valores, da construção do ser humano melhor do que se vê em sociedade. Então o porquê você vai passar um filme tem que ser a primeira pergunta que você faz quando você vai escolher o filme.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

Escritores da liberdade, Clube do imperador... São tantos e aí na hora de falar parece que foge...

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Principal critério é se eu vou conseguir aproveitar de alguma forma o filme naquilo que eu tenho em mente. Então por exemplo, se eu vou falar sobre a questão da organização, então o que esse filme me fala a respeito disso? A valorização do estudo, do estudo acadêmico, ou se tem algum conteúdo em si. Então o critério é o que eu busco quando eu vou apresentar um filme para o aluno. Então tem um contexto histórico. Eu estou trabalhando literatura e aquele filme traz, por exemplo, o filme “O sorriso de monalisa”, que é um filme que eu gosto demais, se eu vou passar ele eu vou dar enfoque para as meninas na questão do empoderamento feminino, da importância de você quebrar regras na sociedade em relação a figura da mulher submissa. O critério então é: o que esse filme pode somar naquilo que eu estou querendo fazer na minha sala de aula, naquele momento... Não só no conteúdo didático, mas na construção do aluno.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Gostam, mesmo que as vezes aconteça essa situação de um ou outro ficar mexendo no celular... Eles gostam sim. Então se o filme for bem selecionado, se você realmente primeiro elencar quais são os motivos, quais são seus objetivos, eles gostam sim. E principalmente se você fizer assim, passar um trecho do filme, fazer interrupções, explicar, fazer alguns links com outros filmes ou alguns outros textos.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte

um pouco sobre como ele foi realizado.

Sim, nas disciplinas eletivas organizamos aulas que tragam conteúdos diferentes. E o ano passado um outro professor de história e eu tínhamos uma eletiva chamada “A história do cinema e o cinema na história”. Então nós contamos a história do cinema para os alunos, tivemos palestras, falamos sobre o início do cinema, a sua descoberta, os filmes... Nós fizemos esse trajeto da história do cinema e o cinema na história: filmes que trabalham contextos históricos que podem ser trabalhados em sala de aula. Foi muito interessante.

Apolo – História

1. Para você, o que é o cinema?

O cinema é para mim a 8º, 9º e 10ª maravilha do mundo. É uma das maiores invenções do homem.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Sim, mas é complicado porque eu não tenho muitas aulas no fundamental 2 e médio. Por isso acho difícil usar o filme. Quando eu consigo fazer cortes nos filmes e trabalhar com os trechos, aí eu uso. Mas tenho usado bastante porque o cinema fala por si, eu usei muito nas aulas de história, filmes que falam sobre a Inglaterra a história das rainhas, do absolutismo. Então para mim sempre foi uma ferramenta muito útil, só que a dificuldade é o tempo, porque conforme o filme você amarra a semana toda.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Então a dificuldade tem sido o material né, a questão do material. Às vezes as salas são muito claras, não tem um espaço, um ambiente apropriado... Muitas vezes a turma é muito cheia, tem alunos desmotivados. Na minha época quando um professor levava um filme para a gente assistir era uma maravilha, hoje parece que virou “carne de galinha”. Não é o cinema que virou “carne de galinha”, é o acesso. Então o aluno tem o celular, tem o vídeo game, as redes sociais e prefere tudo isso. Para eles tem que ser um filme que atrai, que chama a atenção, e normalmente a gente leva pra sala de aula não filmes que são da grande mídia, filmes hollywoodianos, eu tento trazer o filme que tenha a ver com a história, e é difícil convencer o aluno da importância desse filme. Talvez esse seja o maior desafio, mostrar para o aluno que o filme que a gente está trabalhando tem que ser conectado ao conteúdo que a gente trabalha. E as vezes o aluno quer ver os filmes que estão em cartaz ou os filmes mais “badalados” da mídia. Para trabalhar o cinema nós teríamos que ter mais recortes prontos. A escola agora está se

adequando com televisores, mas as vezes você tem a televisão e não consegue conexão com a internet. Nosso grande problema sempre foi a internet, mas de um tempo para cá isso melhorou, facilitando a nossa vida. Mas uma das melhores formas de se trabalhar o cinema, na minha concepção seria colocar para o aluno trechos de algum filme e instigá-lo a assistir o filme completo fora da sala de aula, e posteriormente retomar em um debate, é o que eu faço nas minhas aulas. Lanço a proposta, um trequinho do filme, e depois procuro estimulá-los a assistir o filme completo em casa e depois fazer o debate na sala de aula.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

Acredito que seja positiva. Não acho que deveria ser obrigatória, mas de consciência que o professor deveria ter sobre o cinema ser uma fonte histórica e um espaço para aprendermos história. Só que muitas vezes a lei no Brasil vem sem nenhuma estrutura. Uma das coisas que a maioria da escola não tem é uma estrutura adequada para fazer essa lei acontecer. Então a lei eu acho interessante, só acho que não deveria ser obrigatória, deveria ser algo que o próprio professor buscasse, pois o filme é uma ferramenta importante. Utilizar só o giz e o quadro empobrece muito, e o cinema abre asas para o professor.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Sim, eu fui PCNP na diretoria de ensino e nós trabalhamos muito essa questão de motivar professores a buscar caminhos diferentes, e em vários momentos foi trabalhado algumas leis.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Sim, desde que seja feito uma seleção... Por exemplo o próprio cinema nacional é muito rico, ele tem uma riqueza muito grande de conteúdo, filmes que refletem a nossa história, a nossa cultura e o nosso cotidiano. Tem filmes que são muito ideológicos e para mim não servem, “Rambo”, por exemplo, eu jamais passaria para os meus alunos, porque ele tenta passar uma ideologia de que o super soldado americano é o bonzinho e o vietnamita é o bandido, e tem gente que ainda hoje é apaixonado pelos filmes do Rambo, mas não consegue perceber a ideologia por trás.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

“O auto da compadecida” é um filme nacional que eu usei várias vezes. “A rainha Elizabeth”, tem várias versões que dá para usar na história. Outro filme que eu usei bastante é “O nome da rosa”, um épico que relata uma fase da idade média.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

O primeiro critério seria ver para quem o filme é indicado, tem que ser um filme adequado para a idade que eu irei trabalhar. O segundo seria procurar um filme que esteja ligado com o conteúdo programático que eu tenho que seguir, então na verdade o filme não vem para preencher um espaço vazio, ele deve vir para completar. Eu procuro sempre ligar o conteúdo que estou trabalhando nas aulas de história com o filme. Então o filme seria um complemento. Esse seria o maior critério, o conteúdo.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam ou não gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Sim, eles gostam. Quando eles começam a ter uma ideia do que é o cinema, quando ele entra dentro desse mundo do cinema, tudo o que existe em torno desse mundo, as etapas para produção do filme, eu acho que a partir disso o aluno começa a se envolver e a gostar.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Então, eu trabalhei com uma disciplina eletiva há um tempo em que trabalhamos a reinvenção do teatro na idade contemporânea e a passagem para o cinema, realizando uma ponte. Então o trabalho foi esse, partir do teatro e chegar até o cinema.

Sofia – Língua Portuguesa

1. Para você, o que é o cinema?

O cinema para mim é a representação da vida, é arte. É você viver a vida na tela do cinema, uma representação diária da vida.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Sim, eu uso. Essa semana mesmo eu comecei um trabalho com o 8º ano com o filme “Vem dançar”, que é um filme com o Antonio Bandejas, que retrata muito a questão do bullying na sala de aula. Essa é uma obra que eu posso trabalhar a questão social, de convivência, empatia, preconceitos e estereótipos, que acontecem muito dentro da sala de aula. Porque a nossa sala de

aula é muito heterogênea, temos vários alunos com culturas diferentes, jeitos diferentes, classes sociais diferentes... Então trabalhar com esse filme, que conta a história de alunos que tem dificuldade para se relacionar, de aceitação das normas, aceitação de regras, acredito que ajuda a despertar um olhar diferente para os meus alunos em sala. Eu trabalho muito com o cinema pensando nesse tipo de situação, para trabalhar também a resenha crítica, para trabalhar a linguagem, o meio de vida e o cinema traz muito isso! E também para fazer alguns projetos que eu gosto de fazer com meus alunos, por exemplo eu já trabalhei com o filme “Escritores da liberdade” pra fazer um diário com eles. A história do filme é baseada em uma história real dos EUA. Nós lemos os diários e assistimos ao filme para que eles também fizessem os próprios diários. Para trabalhar com as cartas, por exemplo, eu já utilizei o filme “Cartas para Julieta”, trabalhamos também com o filme “A vida de Melina” que conta a história de Diamantina em Minas Gerais. Então o cinema em si, ele sempre está presente nas minhas aulas, para trabalhar o gênero textual, as características do cinema, a fala, a imagem, a representação que ele traz, e para se trabalhar com projetos.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Eu não tenho dificuldades para dizer a verdade. A única coisa é você não perder o foco. Porque se a gente falar assim: “Ah, eu tenho dificuldade com o aparelho” ou “Tenho dificuldade com a cortina que é muito clara”, isso não é dificuldade! Às vezes a escola não tem tudo o que você precisa para oferecer, mas uma TV, um aparelho de som, um notebook, um pendrive, isso todas tem. Então assim, eu já trabalhei em muitas escolas aqui da região de Ourinhos, e em todas elas tinha projetor, TV... Talvez, como os filmes que a gente passa são projetados para uma função específica, nem sempre é só para eles curtirem o filme, então talvez o professor não passe filmes que despertem tanto o interesse deles. Acho que essa sim talvez seja uma dificuldade. É o aluno entender que aquele filme que você está trabalhando tem um propósito, tem uma funcionalidade. O aluno acha que o filme está sempre voltado para o entretenimento. E não é a questão. Eles questionam: “Ah, mas porque você não passou tal filme?”. E aí eu digo: “Não, mas esse filme vai nos levar, ao ponto que eu quero trabalhar com vocês”. Trabalhei com um filme essa semana e teve alguns alunos que teimaram em dormir, em conversar, em mexer no celular. Então essa é uma dificuldade grande, despertar no aluno o interesse, dele compreender o porque daquela ação.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por

quê?

Muito positiva. Como eu falei, eu já trabalhei com vários filmes brasileiros, filmes que fazem releituras de obras literárias como *Escreva Isaura*, *Dom Casmurro*... Então eu vejo essa lei como positiva.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Não tinha.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Totalmente. O cinema representa a vida, às vezes você fala tanto sobre um tema e o aluno não consegue absorver aquilo. O filme traz a imagem, ele traz o áudio, a música, traz a ambientação e tudo isso ajuda, é uma coisa a mais que somente as palavras, aquela aula expositiva, cansativa do professor. Então mesmo que você trabalhar com o cinema traz muitos benefícios.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

A vida de Melina, *Dom Casmurro*, *Escritores da liberdade*, *Vem dançar*, entre outros.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Olha, são aqueles filmes que a gente pode trabalhar com o aluno. Vou contar uma coisa que aconteceu comigo uma vez que vai te ajudar a entender melhor o que eu estou querendo dizer. Uma vez eu os deixei escolherem um filme para assistir, era para o entretenimento deles mesmo, e eu confiei neles para escolher o filme e eles levaram “Doce Vingança” para a sala de aula... Sério! Se não me engano era o 2, e eu não conhecia o filme, eles só me falaram que era um filme de terror muito bom. E eu os deixei levar. No dia da exibição foi dando nojo em todo mundo, era aluno saindo da sala porque estava passando mal, e metade da sala ficou assistindo e a outra metade foi embora. E aí depois eu levei para direção, conversei com eles e falei “Eu sinto muito, mas aconteceu isso”. E eles me disseram “Não acredite nos alunos”, e de fato, era inexperiência minha. Então esse fato fez eu perceber que o primeiro critério ao trabalhar com o filme na escola é não aceitar a proposta do aluno sem antes conhecer o filme. Primeiro assistir a obra indicada e depois exibir. Essa é a primeira coisa. Você pode até ouvir a indicação do aluno, mas assistir o filme antes. E outro critério é que eu sempre procuro os filmes que já estão elencados pela BNCC, currículo Paulista, que traz tudo certinho. E além disso tem aqueles filmes que a gente já conhece. Por exemplo, eu queria trabalhar com o filme “Escritores da

liberdade” com os alunos do 8º ano pra falar sobre a questão do bullying. A minha coordenadora falou “Porque você não trabalha com o filme Vem dançar?”. E pra ser sincera eu desconfiei muito dessa proposta, eu queria apresentar o que estava na minha cabeça. Só que na hora de exibir o filme na sala, eu ia passar pela Netflix e não rodou, aí eu fui obrigada a pegar esse filme, sinceramente foi pela obrigação. E eu me apaixonei pelo filme, porque eu achei que a linguagem e o estilo estavam bem mais próximos para o que eu queria naquele momento do que o Escritores da liberdade, que aborda muito essa questão da escrita, e que no momento não era o foco. Então as vezes a gente tem que deixar de ser teimosa e ouvir quem tem mais conhecimento, mais experiência.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

É aquilo que eu te falei, eles gostam, se atender as expectativas deles. Se não, você tem que ter um jogo de cintura: olha hoje nós vamos trabalhar com esse filme e outro dia eu passo outro... Porque nós podemos também passar o filme para eles para divertir, entreter, sem que você exija uma resenha crítica, sem que você exija a descrição das personagens... Então nem tudo deve levar para esse lado.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Para ser sincera não. Já teve alguns momentos de pedirem para nós realizarmos, algumas atividades para serem levadas para diretoria de ensino. Mas eu mesma nunca realizei.

Malfati – Artes

1. Para você, o que é o cinema?

O cinema é uma manifestação artística, cultural, onde a gente tem conhecimento de uma história em que se baseia fatos, histórias fictícias.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Sim, eu uso de forma bem direcionada, somente quando o currículo pede.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Dependendo da escola, a infraestrutura... Tem sala que não se adapta, não tem um foco direcionado a isso, e acho que seria isso mesmo, essa questão da infraestrutura.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

Depende do olhar... Eu acho que positiva aos olhos dos alunos, que precisam desse ensino. Mas também é negativa, pelo lado do professor, porque talvez não case com a matéria aquele determinado filme, ou talvez o aluno intérprete da seguinte forma: “Ah, mas o professor quer só ficar passando filme”. Então depende do olhar.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Não.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Sim, mas depende do conteúdo do filme. O aluno pode se inspirar, se ver dentro do filme, e levar algo de bom para vida dele. Mas também pode não levar.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

Eu geralmente uso documentários direcionados, Tarsila do Amaral, Vik Muniz. Não são filmes “normais”, são todas obras direcionadas a minha matéria. Documentários em relação a arte.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Se ele vai agregar aquilo que eu estou passando para o aluno, a matéria, o conteúdo... Se ele vai agregar ou não.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Sim, eles gostam de aulas mais práticas. Onde ele também pode ver outra pessoa falando, tendo outro conteúdo.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Não, cinema eu nunca trabalhei. Eu já trabalhei dentro de uma disciplina eletiva sobre fotografia, e dentro da fotografia a gente faz um estudo sobre o cinema, mas algo bem rápido,

bem superficial.

Diana – Matemática

1. Para você, o que é o cinema?

Ah, para mim é uma diversão na verdade. Gosto muito de ir ao cinema, e o que eu gosto mesmo são filmes específicos da Disney, eu não perco um. Mas no geral eu gosto bastante de filmes.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Olha muito difícil eu utilizar, usei apenas três vezes do tempo que eu estou em sala de aula. Para ser sincera, acho que na minha área é muito difícil. Mas tem uns filmes sobre os matemáticos que talvez seria interessante passar para eles.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Olha, no geral seria falta de recursos. Aqui não temos essa falta, aqui na escola tem todo recurso. Mas falta de recursos nas escolas é uma dificuldade. Esse ano foi colocado TV, foi colocado computador, então está bem fácil caso o professor queira utilizar. Mas tem escola que tem essa dificuldade.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

Ah, eu acredito que seja positiva. Dependendo da forma que você trabalha o filme, o cinema... Eu vejo como um ponto positivo, vejo como agregar nas aulas.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Não.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Sim, naquela maneira de crítica. Eu acredito que a gente tem que incentivar isso aos alunos, aguçá-los... Eles terem uma opinião sobre o determinado filme, isso é importante para o desenvolvimento da formação de opinião deles.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

Eu usei um filme relacionado a matemática, mas não me recordo o nome.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

O Principal critério é entrar no conteúdo de matemática. Algo que eu possa trabalhar isso futuramente, não só sendo um filme pra diversão, por exemplo. Então trabalhar essa parte da matemática, trabalhar os conteúdos, trabalhar os matemáticos... Então teria que encaixar com o currículo.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Ah, eles amam, eles gostam muito!

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Ainda não, mas há essa intenção.

Luna – Ciências

1. Para você, o que é o cinema?

Ah, é uma realidade paralela onde você fantasia os sonhos, emoções. Aliás, uma realidade não, um local para você sonhar, para você ficar fora do mundinho da realidade e transportar sonhos.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Sim, geralmente quando eu termino um conteúdo, eu procuro algum filme que tenha relação com o conteúdo trabalhado para passar aos alunos. Por exemplo, no 6º ano quando trabalhamos sobre a mente e todas as suas partes eu passo aquele trecho do filme Divertidamente. Então eu vou associando alguns filmes com o conteúdo.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Agradar a todos da turma. Quando você começa a passar um filme uns já assistiram, aí acabam contando ou não se interessando pelo filme e aí começa a perturbar os colegas porque já assistiu... Então acredito que seja isso.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por

quê?

Eu acho super positiva, pois conhecer o nosso cinema, dar valor aos artistas brasileiros é fundamental.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Sim. Já tinha ouvido falar.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Sim, eu acho que você consegue demonstrar algumas coisas para aluno a partir do momento que ele começa a visualizar as imagens em tela. Até mesmo em relação ao próprio comportamento, quando eles começam a se associar com a imagem ou com o personagem, criando uma identificação com o personagem... Isso transpassa o aluno, fazendo com que ele consiga ver para além do mundo dele, verificar uma outra realidade. Em 2019, no finalzinho do ano nós trabalhamos com aquele filme “Perdido em Marte”, então imagina você tentar visualizar alguém morando em marte, como sobreviver lá... E o cinema transpassa tudo isso a eles.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

Divertidamente, Perdido em Marte, Olga... Todo ano quando surge alguma coisa, vou tentando casar a temática com o filme. Em projeto de vida usei muitas curtas-metragens também.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Procuro ver se a linguagem do filme é apropriada para os alunos, se o tema que o filme aborda está dentro do conteúdo que estou trabalhando, para que assim eles possam estar absorvendo melhor os conteúdos.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Gostam muito!

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Trabalhei em um projeto em conjunto com a professora de história. O nome do projeto era

“Lugar de mulher é onde ela quiser”, e na época abordamos alguns temas durante o ano, e no final do ano cada aluno teve que fazer, apresentar o fechamento do projeto. E a turma que eu fiquei responsável produziu um filminho, mostrando o espaço da escola, contando também sobre os tipos de agressão que a mulher sofre, ficou sensacional. Para aluninhos de escola pública, com uso de celular... Eles foram fantásticos. Foi muito legal. Eles fizeram um roteiro e depois saíram para fazer as filmagens.

Elizabeth – História

1. Para você, o que é o cinema?

O que é o cinema... Bom, para mim o cinema contribui bastante para o desenvolvimento de informações. Ele contribui também, historicamente, para a questão do futuro, porque ele traz questões futurísticas, mas também em muitas vezes aborda situações que ocorreram no passado. Então acho que o cinema contribui muito para a cultura.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Então, normalmente eu tento inserir algum filme na aula, um filme que aborde o conteúdo que os alunos estão trabalhando. Então eu tento selecionar alguns filmes ao longo do ano para poder ilustrar o conteúdo.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Olha, hoje a maior dificuldade de trabalho com o filme na sala de aula é a concentração e o interesse dos alunos. Porque eles estão tão acostumados com a mídia, que os filmes não seguram mais a atenção deles. Só se for um filme de ação, que tenha muita ação, aventura, efeitos especiais, como os filmes da Marvel, por exemplo. Mas outros filmes – que não tenham essas características – é muito difícil passar na aula, por conta da concentração mesmo. Eles ficam desinteressados.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

Eu não acredito que essa lei seja positiva, porque da mesma maneira que existem filmes nacionais bons, também tem filmes nacionais que acabam não contribuindo. Também existem muitos filmes que não são nacionais que contribuem para a história do país.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Sim, muito vagamente. Cheguei a ouvir sobre, mas não tinha profundidade na obrigatoriedade. São tantas leis... E eu fujo um pouquinho das obrigatoriedades, eu tento trazer coisas que tenham sentido para os alunos. Não adianta levar uma coisa que é lei, mas que não acrescenta nada para eles. Tem que ser coisas que tenham sentido e um significado para eles, acrescentando na educação deles.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Podem contribuir sim, desde que esses filmes sejam debatidos e contextualizados, trazidos para a realidade do aluno, pois passar um filme só por passar também não vai contribuir em nada. Esse filme ele precisa sim ser discutido, debatido, e o professor deve mostrar para o aluno quais os pontos que estariam sendo acrescentados na educação deles.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

Já utilizei várias. Mas olha só, um filme que olhando com um olhar comum as pessoas não dariam nada, e até diriam que seria um filme religioso, mas um filme super rico para discutir a política romana, que é o filme O manto sagrado. Ele traz toda a política romana, ele traz política palestina, a vivência das pessoas naquela época. Tem uma série que gosto de usar e selecionar trechos, que é a série “A muralha”, que contextualiza para os alunos como era o Brasil na chegada dos portugueses. Eu prefiro usar série, porque tem trechos que seguram a atenção dos alunos. O filme “A missão” por exemplo, fala sobre esse assunto também, mas pra geração atual não é mais interessante.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

O primeiro critério é com certeza o conteúdo que eu estou trabalhando, porque é isso que vai fazer ter um significado para o aluno. E também a linguagem... Infelizmente hoje não dá mais para acreditar na faixa etária, porque o que a 10 anos atrás tinha uma faixa etária, hoje pra eles já é infantil. Por isso eu olho realmente para essa questão do significado e conteúdo do filme.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Às vezes sim, dependendo do filme eles gostam, outros eles acham que é maçante.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Ainda não realizei nenhum.

Sol – Artes

1. Para você, o que é o cinema?

Cinema é um grande universo de recortes da vida. O diretor ele tem um chão que é muito dele e ele observa o que tem a volta, sente e ressignifica. Eu acho o cinema uma coisa grandiosa! Eu não tenho conhecimento de causa, mas é algo que me encanta e me fascina, como a grande maioria das artes.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Eventualmente eu utilizei trechos de filmes, fiz alguns recortes algumas vezes. Mas eu confesso que talvez eu não tenha sabido, eu sinto que eu não tenha sabido fazer isso com maestria. Por outro lado, eu também nunca me senti estimulada dentro dos ambientes escolares em que eu já trabalhei a trabalhar com o filme. É toda uma história de desconhecimento, porque eu gosto de filmes, não sou uma cinéfila exatamente, mas tenho minhas preferências. Eu sinto que me faltou um pouco de preparo pra trazer isso para os meus alunos.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Inicialmente, a alguns anos atrás nós tínhamos muita dificuldade de trabalhar com o cinema porque não havia recursos físicos: onde exibir o filme, uma sala adequada... Isso sempre foi muito dificultoso, em todas as escolas públicas que eu trabalhei. A partir de 2018, isso começou a ser transformado e um pouco melhorado, mas ainda precisamos de muitos materiais e ambientes adequados para se passar um filme. E outra dificuldade na minha opinião é o fato de que o próprio ambiente escolar, sempre envolto em outras demandas, outras preocupações, nunca incentiva e apoia o trabalho com o cinema na escola.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

Diante de todo esse mar inexplorável do cinema nas escolas, eu acho que essa lei é super válida! Só que eu penso que falta muito critério e preparo para os professores trabalharem essa questão. Eu acho que nós precisaríamos ter muito respaldo. Os gestores, com toda reverência ao trabalho

que eles fazem, mas eu acho que carecem muito de ter essa visão do educador, de quem está na sala de aula. Mas é uma ideia muito positiva essa de usar filmes nacionais, eu acho que a gente tem que expressar e explorar muito os filmes nacionais, pois tem muitas coisas interessantes para serem vistas.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Honestamente, não.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Há uma questão de política de uso desses filmes, porque normalmente a gente sempre foca naquela coisa do filme politicamente correto, do filme que vai trazer valores. Será que esse é o caminho? Será que de repente trazer filmes com valores inversos, não subversivos, mas inversos, será que isso também não evoca um crescimento? É lógico que é necessário direcionar tudo que você leva para o seu aluno, é necessário contextualização. Mas porque não? Eu acho que tudo é passível de ser trabalhado, mas é necessário ser contextualizado.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

Já utilizei um filme para falar sobre bullying com os alunos chamado “Bang, bang você morreu”. Um filme em arte, que todo mundo fala muito e é sobre Michelangelo é o filme “Agonia e êxtase”, que fala sobre a obra de Michelangelo. Mas a linguagem é um pouco cansativa, trabalhei com ele não em sua totalidade, mas sim com recortes, pois não iria prender e nem motivar os alunos.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Num primeiro momento eu julgaria a faixa etária dos estudantes, a dinâmica da turma... A faixa etária que eu digo seria a maturidade, e não exatamente o número, a idade. E eu avaliaria o pique da turma, porque às vezes você pode recorrer ao choque, justamente para tirá-los da zona de conforto.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

A questão do “Vamos ver um filme?” é sempre motivadora e interessante para eles. Os alunos sempre curtem, mesmo que você não tenha uma finalidade pedagógica. Eu me lembro de ter reunião de pais na escola e enquanto a reunião acontecia, era exibido “Frozen” para os alunos.

E a criançada cantava toda a trilha, era algo lindo de se ver. Então eles gostam sim, gostam muito.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Honestamente não, eu nunca fiz um projeto pra chamar de meu sobre o cinema com meus alunos.

Lucia – Língua Portuguesa

1) Para você, o que é o cinema?

O cinema é uma linguagem dinâmica que é capaz de despertar – relacionando agora a minha área – muitos jovens para o mundo da literatura, pois muitos desses jovens num primeiro momento assistiram um filme baseado em um livro e isso despertou a curiosidade deles em ler o livro. Então eu acredito que o cinema é um caminho muito viável na educação, de modo geral, mas na minha opinião principalmente para leitura.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Sim, com o intuito de fazer uma comparação com a obra escrita, para eles notarem que existem outras possibilidades daquela obra aparecer, por exemplo, eu posso usar para variedades linguísticas um filme baseado na obra de Ariano Suassuna, ou o Auto da compadecida para fazer uma crítica, instigá-los a pensar como a figura de Jesus é representada, nesse caso, por um homem negro, e a partir disso questionar os alunos: “Olha só, Jesus é representado como um homem negro, isso causa espanto? Porque?”. Então o filme ele pode ser usado para uma série de coisas, e o cinema é uma linguagem mais gostosa de se trabalhar.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Muitas vezes o filme que a gente quer passar para a turma não está disponível, os que a gente tem aqui na escola são em DVD, e as vezes o DVD não funciona. E esses filmes, muitos deles estão em plataformas digitais as quais a escola ainda não tem acesso. Eu acesso a Netflix, mas é da minha casa. Eu desconheço um programa do governo que tenha uma plataforma de acesso a diferentes tipos de filmes. Então para mim a principal dificuldade é isso mesmo, ter acesso a essas obras fílmicas. O que as vezes a gente faz é da forma pirata, que não é legal, o que seria muito bom é termos esses filmes disponíveis.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

É positiva, mas eu desconhecia. E acredito que muitos professores também desconheçam essa lei.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Não tenho.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Sim, ele consegue ampliar o seu mundo de leitura, que não fica restrito somente ao livro. Ele consegue fazer a inter-relação entre o texto escrito e o texto na linguagem do cinema (não sei qual é o nome específico). Tem aluno que assimila aquele conteúdo lendo, outros ouvindo, outros vendo, pois cada um tem seu modo de aprendizado, e todos são diferentes.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

Vidas secas, uma versão bem antiga, mas é um clássico da literatura, e dá para explorar muita coisa. É um filme seco de linguagem, seco de comunicação, seco de nomes né, as crianças não têm nome... E dá para explorar a inocência. Eu sempre uso mais os filmes de literatura, e crônicas né. Tem muitas crônicas que viraram filme, “O homem nu” que é uma crônica do Fernando Sabino, muito gostosa de ler, com um título sedutor, já vai criando ali um pensamento na criança... E daí ele vai ver que é uma história banal e simples, mas que virou um filme. Claro que o filme é mais para adulto, a gente não passa.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Primeiro ele precisa fazer relação com o texto que eu vou trabalhar, com a obra que eu vou trabalhar. Em segundo a idade, eu sempre tento obedecer a classificação indicativa do filme, até mesmo para evitar problemas que venham de uma má compreensão de uma obra, pois se vier um pai reclamar eu tenho respaldo da classificação.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Sim, eles gostam.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Eu já produzi um documentário com meus alunos, na olimpíada de língua portuguesa. O centro comunitário aqui do bairro da escola está completamente abandonado, então eu fui com a aluna lá, fizemos a filmagem, entrevistamos uma moradora vizinha, perguntamos a ela qual a consequência desse abandono...

Índia – Língua Portuguesa

1. Para você, o que é o cinema?

Ah, o cinema é a arte, é a vida.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Sim, eu uso para trabalhar com projetos, projetos de leitura, aí eu passo esse filme para eles, e trabalhamos o projeto em cima desse filme, leitura, interpretação, cenário...

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

As vezes a maior dificuldade é a concentração do aluno, porque se ele não se interessar pelo filme ele perde totalmente, aí não tem como fazer ele realmente se interessar. Tem que ser conversado antes, para ver o que está interessando a eles, para você conseguir prender a atenção deles.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

Ah, eu acho positiva, porque as vezes o aluno não lê, mas as vezes ele assistindo o filme você consegue fazer uma interpretação com ele na oralidade, não só na escrita.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Não.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Sim, porque alguns filmes incentivam o projeto de vida deles, o qual nós trabalhamos com eles

aqui na escola, ajuda nos sonhos, querer fazer igual um personagem, ser igual... Então os filmes incentivam muito.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

Trabalhei com o filme “O pequeno príncipe”, “O menino que descobriu o vento”, “Como estrelas na terra”, entre outros.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Primeiro eu faço uma roda de conversa com eles e a gente faz uma votação e aí eles escolhem o filme que eles querem trabalhar. No oitavo ano, eu comecei agora com Harry Potter e a pedra filosofal, vamos trabalhar com alguns capítulos do livro, porque não dá para trabalhar com o livro todo, então eles estão super empolgados, uns já começaram a assistir, estão animados.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Gostam sim.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Não, ainda não.

Rocky – Artes

1. Para você, o que é o cinema?

O cinema é a sétima arte, eu acho que o cinema, assim como o teatro, é o mundo da imaginação, onde você pode viver outras emoções, tanto o espectador quanto o ator, que vivencia um momento que ele pode se transformar e fazer o sonho virar realidade.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Sim, eu gosto de utilizar nas aulas de artes como apreciação, não que eu seja contra você mostrar alguns trechos de filmes, mas eu acredito que já que você vai mostrar, é um momento de você proporcionar que o aluno assista o filme todo, quem sabe ali ele consegue despertar um outro interesse, pois tem professores que as vezes só mostram um trecho. Eu já prefiro ao invés de mostrar apenas o trecho, mostro o filme inteiro, e as vezes depois de assistir, contextualizar. Gosto de apresentar o filme, eu apresento o nome do filme, dou uma nuance do que se trata,

mas eu não falo o resumo do filme, não dou spoiler porque eu não quero direcionar o aluno. Eu quero que o aluno assista, tenha suas interpretações! Em seguida eu realizo uma roda de conversa para discutir o filme. Eu escuto a opinião deles e coloco a minha opinião, eu não gosto dessa história de “Vamos preparar o aluno para assistir tal filme”. Não, isso não existe, pois aí nós estamos colocando ideias nas cabecinhas deles. Então acho que a gente tem que colocar eles para criar suas próprias conclusões, e não o professor os direcionar para olhar daquela forma para o filme. Muitos já direcionam o filme: “Esse filme se trata desse assunto, porque o ator principal faz isso, porque o antagonista é aquilo e no final vai acontecer isso”. Eu já direcionei, eu não quero direcionar, eu quero que o aluno tenha uma experiência de sentir: Será que é isso? Será que é isso mesmo que eu vi? Talvez o aluno vá ver outra coisa, vai ter outra reação, outra perspectiva do professor e dos colegas.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Até alguns anos atrás, era você ter um aparelho de TV, você ter um projetor, ter computador... Digamos que hoje, dentro de uma de ensino integral eu não tenha dificuldade nenhuma. A dificuldade maior talvez seja fazer com que o aluno queira assistir o que eu quero proporcionar naquele momento. Essa seria a maior hoje, o próprio aluno. Não há dificuldade física nenhuma. Nada contra, mas hoje com os filmes da Marvel, DC, eles gostam mais de filmes de super-heróis. Agora, você chega com um filme que tem um pouquinho menos tecnologia, computação gráfica, não chama tanta a atenção.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

Positiva, porque é uma maneira da gente “desamericanizar” essa molecada. Eu acho que ainda tem um preconceito do filme brasileiro, pois não é mais o que era antes. Hoje tem muita coisa boa. Eu acho que deveria ser mesmo obrigatória e fiscalizado isso aí, porque eu dou importância a isso, eu acho super bacana fazer isso, pois além dele estar vivenciando aquele momento do cinema ele está se vendo, porque é nossa cultura, ele está aprendendo com a gente, eu acho que isso é importantíssimo.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Sim

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Eu, como professor de artes acredito nisso. Eu acho que dependendo do filme, dependendo do gênero, no momento certo, muda a visão de mundo. Há muito tempo atrás numa terra distante, quando ainda era o DVD, eu passei “Cantando na chuva” e teve uma aluna que falou: _Nossa professor, que filme bonito esse! Eu acho que fez diferença para ela, como Chaplin faz muita diferença, porque às vezes eu tenho alguns alunos que tem preconceito com filme preto e branco. Mas depois que ele vê, ele se anima, ele percebe que é legal, e eu acho importante conhecer o começo disso tudo. Eu trabalhava Chaplin no EJA também, e é bacana que eles veem e a risada vem mais fácil, eles puxam coisas, o pessoal mais velho né, do EJA, eles puxam coisas da infância como referência que tem nos filmes mais antigos.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

“O contador de histórias” e “Cantando na Chuva”. O filme do Chaplin eu gosto de trabalhar quando vou falar de dança com eles, estou passando no 9º ano agora. “Anne Frank”, “O menino do pijama listrado”, “A vida é bela”. Com o filme “O contador de história” eu trabalho o nacional. Esse filme é sobre um menino negro que foi adotado por uma francesa. É uma história baseada em fatos, aí ele se tornou o maior contador de história do Brasil. Na época ele teve uma vida muito difícil, mas ele conseguiu mudar a história dele, então esse eu gosto de trabalhar com os alunos.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Geralmente quando eu estou trabalhando alguma linguagem da arte. Então se eu estou trabalhando teatro, eu gosto de pegar mais filmes tipo Chaplin. Adoro trabalhar isso aí, se eu estou trabalhando dança eu vou mais para musicais, se eu estou trabalhando artes visuais eu gosto de mostrar algumas biografias de alguns artistas, então nessa linha que eu vou pitando, ou quando aparece um assunto interessante, um negócio bacana, vamos assistir. O conteúdo eu agrego, as vezes eu fujo um pouquinho, mas nunca é fugir, pois tudo é arte, então, até se eu pegar o “Capitão América”, eu consigo contextualizar com eles, qualquer filme você vai tirar alguma coisa. Então eu não tenho dificuldades, pode ser qualquer filme, eu vou tirar alguma coisa para contextualizar com o meio.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Pensando hoje, se for do agrado dele, sim. Hoje está um pouquinho mais difícil. Chegou esse Tik Tok que prove o imediatismo, então às vezes a paciência deles que atrapalha um pouco. Eles ficam um pouco impacientes. A grande maioria gosta de trabalhar, mas as vezes quando um aluno já não está mais interessado, acaba fazendo outra coisa que desperta a atenção de outro e as vezes podem se perder. Estou sentindo isso hoje.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte um pouco sobre como ele foi realizado.

Já foi realizado, eu já trabalhei stop motion. Todo ano trabalho stop motion. Já fiz curta-metragem com eles também sobre bullying. Festival de filmes nunca consegui fazer, pois exige mais tempo, e ainda existe um preconceito. As pessoas pensam que se você está passando um filme, você está matando aula. Eu estou quebrando esse paradigma, isso não é matar aula, é apreciar a arte, a gente precisa parar e apreciar, para aprender a arte tem que sentar-se e apreciar. Como na escola eu vou falar de cinema, teatro, dança, se eles não tem o repertório? Mas ainda existe o preconceito de estar matando aula e tem professor que tem medo de trabalhar por isso, por esse paradigma.

Italiano - Artes

1. Para você, o que é o cinema?

Cinema é uma linguagem artística, é uma das 4 linguagens do teatro. Uma modalidade muito importante que deve ser trabalhado não apenas de forma cultural, informativa e de entretenimento, mas de forma lúdica e pedagógica em sala de aula.

2. Você costuma utilizar filmes nas suas aulas? Se sim, de que forma?

Sim, esporadicamente, porque as aulas de artes abrangem as 4 linguagens. Então nós trabalhamos em algumas séries alguns períodos a linguagem: teatro, artes cênicas (que incluem cinema). Há um tempo nós tínhamos Cinemateca em algumas escolas do estado, algumas no tempo ainda do DVD que hoje já não é mais, é tudo digital, nós tínhamos acervos enormes com filmes brasileiros, filmes estrangeiros. Nas artes eu costumo trabalhar filmes dentro da linguagem da arte mesmo, por exemplo, filmes que falem de pintores, escultores, de músicos, de personalidades da história, poetas, têm uma série de filmes interessantes que condizem inclusive com outras disciplinas. Dá para fazer um trabalho muito legal nas escolas do estado, principalmente 6º e 7º ano. Dá para fazer um casamento bem legal. Nas aulas de artes como eu falei, eu trabalho o cinema mais com filmes que retratam a vida de Van Gogh, que falem de

Da Vinci e assim por diante. Não trabalho só documentários, se não os alunos não têm paciência de assistir. Não tem como passar o filme todo também, eles não assistem, não prestam atenção. Na minha opinião, o professor tem que ter essa sensibilidade de pegar um trecho do filme que você quer realmente trabalhar. Até porque os filmes às vezes são longos, uma hora e vinte, uma hora e meia, eles perdem a concentração. O professor tem que pegar tipo, 10 minutos, 5 minutos de um trecho específico que ele queira trabalhar. Trechos específicos que o professor vai trabalhar com eles em sequência. A não ser que tenha um projeto que as demais disciplinas e a coordenação coopere, e você tenha uma sessão de cinema legal, em um ambiente produzido, e que você possa assistir ao filme todo uma vez só, se você fraciona não tem como, até a gente se perde.

3. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o cinema na sala de aula?

Uma delas é a concentração do aluno ou desinteresse no tema, porque cada período, cada época, eles querem ver um filme do momento, de super-herói, entre outros. Claro que dá para assistir ao filme do momento, pois tem algo para pegar depois, não específico no caso da matéria de artes, mas a arte como toda a sétima arte. Então você tem como trabalhar. O que eu quis dizer é que se você faz o trabalho aproveitando as linguagens, escultura, modelagem, pintura, desenho, então tem que ser um filme específico, mas na verdade qualquer filme como um todo já é uma arte, a sétima arte, então pode ser o filme do momento.

4. A lei 13.006/2014 garante a obrigatoriedade de pelo menos 2 horas mensais de filmes nacionais na escola. Você acredita que essa lei seja uma iniciativa positiva ou negativa? Por quê?

Extremamente positiva, mas infelizmente como a lei da musicalização na educação básica de 2008, da mesma forma não vingou. Não temos profissionais de música que é o meu caso, participei inclusive dos primórdios para implantar a lei, para desenvolver, e não teve sucesso, como outras tantas sugeridas, por exemplo do tema afro, também tem uma obrigatoriedade e ninguém cumpre, as escolas não conseguem, a carga horária acaba não dando tempo. É jogado a responsabilidade ou diz que deu, diz que fez, para o professor de arte, no caso da música e no caso do tema afro, joga para o professor de história. Mas não é um tema trabalhado especificamente, e muitos desconhecem a lei do cinema, não sabem nem porque tem. Infelizmente alguns professores que não são da área dizem que o professor está enrolando, passando um filme para ganhar tempo, para enrolar, então é uma coisa que nós sofremos com isso em sala de aula.

5) Você já tinha conhecimento sobre a lei 13.006?

Sim, sim.

6) Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? Se sim, de que maneira?

Acredito que sim, o filme tem várias mensagens, por exemplo, tem uma mensagem de caráter educativa e informativa para o aluno, de comportamento, de psicológico, e tantas outras vertentes. E a famosa lição de moral. O professor consegue trabalhar bastante isso, influência muito.

7) Poderia citar obras fílmicas que costuma utilizar ou já usou em suas aulas?

Eu costumo trabalhar fazendo uma associação com alguma outra linguagem, por exemplo como o “Amadeus” da vida do Mozart, que está falando sobre música, ou você trata por exemplo algo de algum pintor, de algum escultor, de alguma outra linguagem, e aproveita aquela situação.

8) Que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Se a temática condiz com a linguagem que eu vou utilizar e em segundo é se não há problema com alguma discriminação, alguma forma de estereótipo pejorativa, ou incitar alguma coisa na criança que depois você não vai ter controle. Você tem que saber escolher porque se você tiver qualquer coisa ali que vai sair do foco, realmente vai sair do foco, eles vão ficar desviando do assunto principal por um assunto pequenininho, qualquer situação eles tornam grande. Uma dica é que assistam o filme de ponta a ponta, que já aconteceu em escola de professor passar o filme que ele não tinha assistido inteiro e aparece uma cena polêmica.

9) Em geral, você percebe que os alunos gostam de ter experiências e trabalhar com o cinema em sala de aula?

Sim, mas como disse, depende do filme. Se é um filme que pra eles não se interessam, um filme antigo, ou algo que eles não querem prestar atenção, você não consegue atenção deles. Então tem que ser bem escolhido, e nesse caso passar um trecho de 10 minutinhos, daí eles prestam atenção.

10) Você já realizou algum projeto relacionado ao cinema com seus alunos? Caso sim, conte

um pouco sobre como ele foi realizado

Projeto completo não, utiliza-se o cinema, alguns filmes como já comentei, agora um projeto total já houve em escolas que eu já vi e participei com os colegas, mas língua portuguesa por exemplo, matemática, mais língua portuguesa, história, Geografia, que tem muita coisa interessante para trabalhar, em ciências também que tem coisas boas.